

2024
TURMA 112
**CARTILHA DE
REDAÇÕES**

CONTEÚDO

Sumário clicável*

*Clique no tópico que desejar e você será imediatamente redirecionado à página! 

1. MÉDIA DAS NOTAS

05

2. REDAÇÕES FUVEST

06

2.1. Proposta de Redação Fuvest 2024

06

2.2. Ampla Concorrência

08

2.2.1. Ingressante AC - Nota 50	08
2.2.2. Ingressante AC - Nota 50	09
2.2.3. Ingressante AC - Nota 50	10
2.2.4. Ingressante AC - Nota 48,5	11
2.2.5. Ingressante AC - Nota 48	12
2.2.6. Ingressante AC - Nota 48	13
2.2.7. Ingressante AC - Nota 48	14
2.2.8. Ingressante AC - Nota 48	15
2.2.9. Ingressante AC - Nota 47	16
2.2.10. Ingressante AC - Nota 46,5	17
2.2.11. Ingressante AC - Nota 45	18
2.2.12. Ingressante AC - Nota 45	19
2.2.13. Ingressante AC - Nota 45	20
2.2.14. Ingressante AC - Nota 45	21
2.2.15. Ingressante AC - Nota 44,5	22
2.2.16. Ingressante AC - Nota 44,5	23
2.2.17. Ingressante AC - Nota 44,5	24
2.2.18. Ingressante AC - Nota 44,5	25
2.2.19. Ingressante AC - Nota 44,5	26
2.2.20. Ingressante AC - Nota 44,5	27
2.2.21. Ingressante AC - Nota 43,5	28
2.2.22. Ingressante AC - Nota 43	29
2.2.23. Ingressante AC - Nota 43	30
2.2.24. Ingressante AC - Nota 42	31
2.2.25. Ingressante AC - Nota 42	32
2.2.26. Ingressante AC - Nota 42	33
2.2.27. Ingressante AC - Nota 41,5	34
2.2.28. Ingressante AC - Nota 41,5	35
2.2.29. Ingressante AC - Nota 40	36
2.2.30. Ingressante AC - Nota 39,5	37
2.2.31. Ingressante AC - Nota 39,5	38
2.2.32. Ingressante AC - Nota 39,5	39
2.2.33. Ingressante AC - Nota 38	40
2.2.34. Ingressante AC - Nota 38	41
2.2.35. Ingressante AC - Nota 38	42
2.2.36. Ingressante AC - Nota 36,5	43

2.3. Escola Pública **44**

2.3.1. Ingressante EP - Nota 48,5	44
2.3.2. Ingressante EP - Nota 48	45
2.3.3. Ingressante EP - Nota 46,5	46
2.3.4. Ingressante EP - Nota 45	47
2.3.5. Ingressante EP - Nota 44,5	48
2.3.6. Ingressante EP - Nota 44,5	49
2.3.7. Ingressante EP - Nota 44,5	50
2.3.8. Ingressante EP - Nota 44,5	51
2.3.9. Ingressante EP - Nota 43	52
2.3.10. Ingressante EP - Nota 43	53
2.3.11. Ingressante EP - Nota 41,5	54
2.3.12. Ingressante EP - Nota 40	55
2.3.13. Ingressante EP - Nota 38	56
2.3.14. Ingressante EP - Nota 38	57

2.4. Pretos, Pardos e Indígenas **58**

2.4.1. Ingressante PPI - Nota 50	58
2.4.2. Ingressante PPI - Nota 48	59
2.4.3. Ingressante PPI - Nota 40	60

3. REDAÇÕES ENEM **61**

3.1. Proposta de Redação Enem 2023 **61**

3.2. Ampla Concorrência **63**

3.2.1. Ingressante AC - Nota 980	63
3.2.2. Ingressante AC - Nota 960	64
3.2.3. Ingressante AC - Nota 940	65
3.2.4. Ingressante AC - Nota 940	66

3.3. Escola Pública **67**

3.3.1. Ingressante EP - Nota 960	67
3.3.2. Ingressante EP - Nota 920	68

3.4. Pretos, Pardos e Indígenas **69**

3.4.1. Ingressante PPI - Nota 960	69
-----------------------------------	----

4. REDAÇÃO PROVÃO PAULISTA **70**

4.1. Proposta de Redação Provão Paulista 2023 **70**

4.2. Grupo A **72**

4.2.1. Ingressante do Grupo A - Nota 18,6	72
---	----



Clique ou escaneie o QR code para acessar o espelho da redação



Clique no selo para acessar a correção da redação feita pelo HPlus

Traço de União

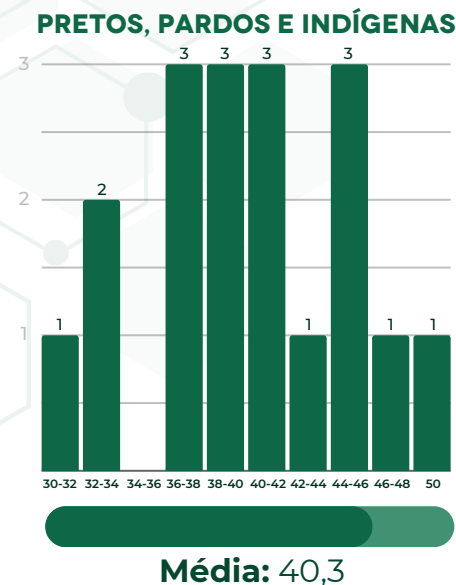
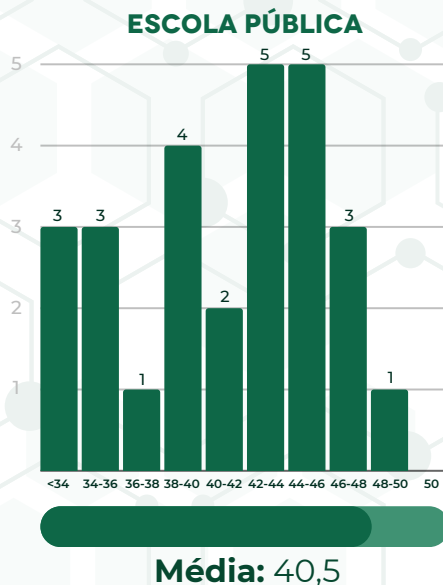
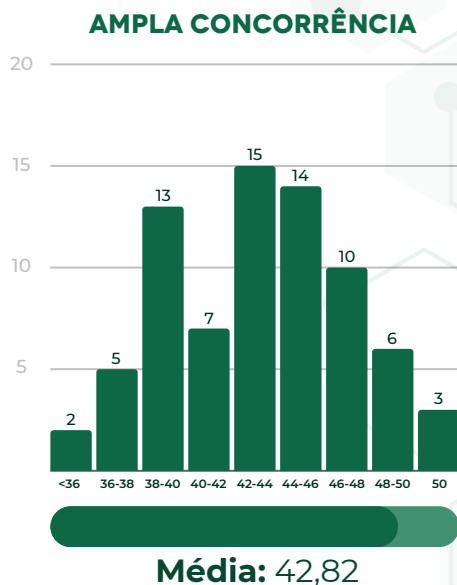
Agora é a hora
Um ciclo que se acaba
O esplendor de uma aurora
O poente que se apaga
Fui o que estás agora
Tu serás o que sou
Nosso traço de união:
Uma nobre vocação

Cora Coralina, 2002
(Adaptado)

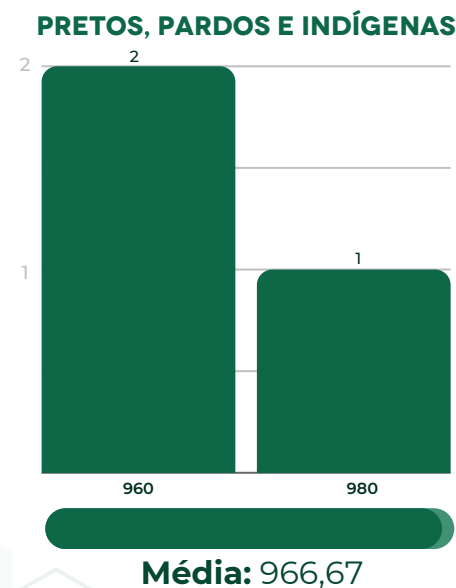
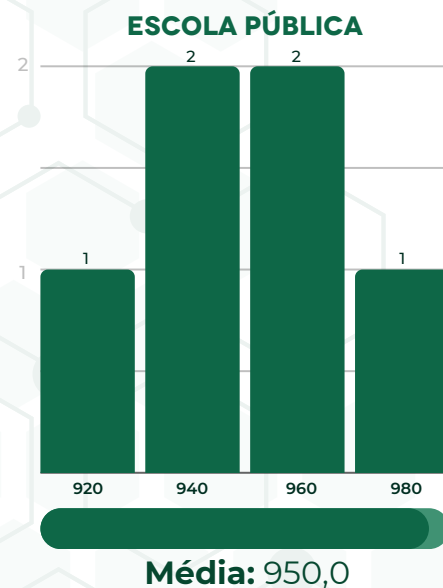
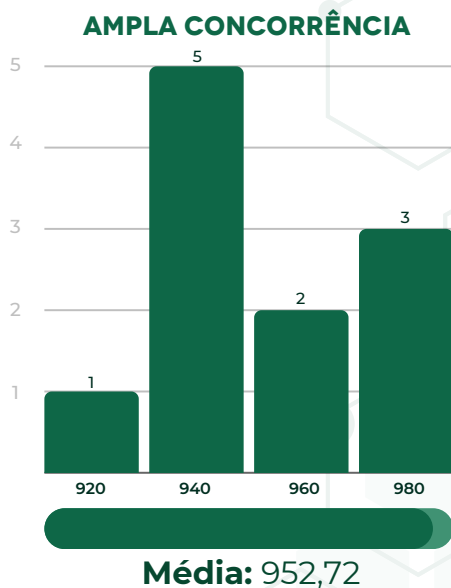
Este documento foi produzido de forma **independente** pelos estudantes de medicina da FMUSP (**Turma 112**) e **não possui nenhum vínculo institucional** com a Faculdade, com seu corpo docente ou com vestibulares. Além disso, todas as informações sobre os vestibulares contidas na cartilha são referentes aos **editais do ano passado**. Logo, é de extrema importância a leitura dos editais do ano vigente para eventuais mudanças. Nenhuma informação contida nesta cartilha substitui as informações oficiais do site da Fuvest.

MÉDIA DAS NOTAS

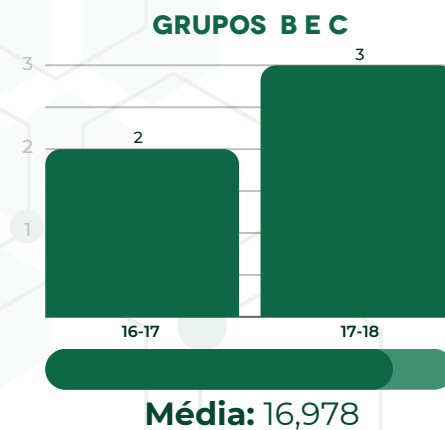
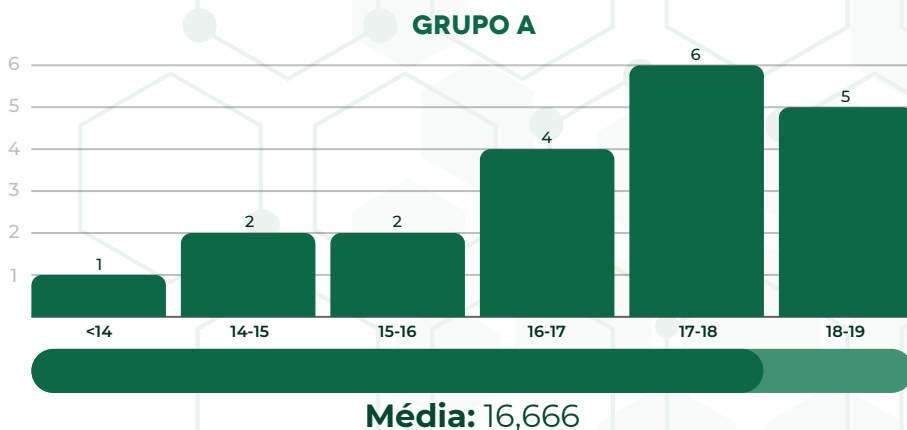
NOTAS DA REDAÇÃO FUVEST 2024



NOTAS DA REDAÇÃO ENEM 2023



NOTAS DA REDAÇÃO DO PROVÃO PAULISTA 2023



PROPOSTA DE REDAÇÃO FUVEST 2024

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema:

EDUCAÇÃO BÁSICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ENTRE A MULTITAREFA E A REFLEXÃO

TEXTO 1

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem.

Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*. Adaptado.

TEXTO 2

Educar para o ócio significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro, um livro. Ensinar como pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa também se habituar às atividades domésticas e à produção autônoma de muitas coisas que até o momento comprávamos prontas. Ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. Inculcar a alegria. A pedagogia do ócio também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. Portanto, é preciso ensinar aos jovens não só como se virar nos meandros do trabalho, mas também pelos meandros dos vários possíveis lazeres. Significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e o voluntariado. Significa ensinar como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto a alienação derivada do trabalho. Há muito o que ensinar!

Domenico de Masi. *O ócio criativo*.

TEXTO 3

Analisar as diferenças entre a educação escolar indígena e a educação escolar convencional no Brasil foi o ponto de partida do trabalho feito pelos pesquisadores Aline Abbonizio, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e Elie Ghanem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). "Dois fatos me impressionaram especialmente na comunidade em que pesquisei, além do grande valor atribuído à escola como fator de fortalecimento da língua e da cultura daquele povo, a acentuada integração entre as atividades escolares e as práticas comunitárias. Não há tempos rígidos, não há horários fixos nem se seguem disciplinas escolares. As atividades da escola obedecem a um ritmo sereno e envolvem tarefas de manutenção dos costumes, incluem tanto a roça quanto o artesanato ou a coleta de produtos da mata", relata Ghanem.

<https://www4.fe.usp.br/pesquisa-da-feusp-analisa-diferencas-entre-educacao-indigena-e-convencional>. Adaptado.

TEXTO 4



Momentos de ócio, 1901. Irving Raring Wiles

TEXTO 5



Ciranda II, 2018. Ivan Cruz

TEXTO 6



The Banjo Lesson, 1893. Henry Ossawa Tanner

TEXTO 7



ANÁLISE HPLUS DA PROPOSTA FUVEST 2024



A proposta de redação da Fuvest 2024 expressou bem as características de cobrança da banca, visto que apresentou uma questão social da atualidade sob uma análise aprofundada e reflexiva. Assim, ao abordar a Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a

reflexão, a banca exigiu que os candidatos analisassem uma problemática social persistente (a educação básica e a formação profissional) refletindo sobre características sociais da atualidade: a multitarefa e a reflexão. Esperou-se que os candidatos produzissem textos a partir do contexto concreto da educação sob a perspectiva analítica que questiona a multitarefa e a aceleração características da atualidade. Coube aos candidatos argumentarem sobre o quão prejudicial ou benéfico para a educação pode se tornar o louvor à execução simultânea de muitas atividades e o quão importante é a capacidade de reflexão para o processo de ensino e aprendizagem. Foi necessário, portanto, sair do lugar comum de problematizar apenas estrutura, acesso e qualidade do ensino para investigar as motivações que embasam toda a lógica do ensino atualmente.

A proposta apresentou 7 textos (três verbais, três não verbais e um misto), trazendo diversas possibilidades analíticas ligadas ao tema que deveriam ser analisadas e relacionadas pelos candidatos. O primeiro texto, um excerto da Sociedade do cansaço de Byung-Chul Han, aborda uma leitura histórica sobre a multitarefa. O autor defende que não se trata de um fenômeno da sociedade trabalhista e de informação pós-moderna, mas sim uma prática comum e até obrigatória dos animais em estado selvagem. Assim, a multitarefa seria um retrocesso, pois a sociedade atual - diferente dos animais - teria a possibilidade de contemplação e reflexão, mas opta por atividades que demandam apenas uma atenção rasa, se assemelhando aos animais selvagens. Vemos, portanto, uma análise que vê como negativa a execução desenfreada de multitarefas.

O segundo texto aponta o ócio como necessário para o desenvolvimento da autonomia. Ensinar sobre o valor do ócio criativo permite que os jovens saibam lidar com os momentos de lazer, solidão, introspecção, convívio e solidariedade, por exemplo, para desenvolver a capacidade de fugir da alienação. Em relação à frase-tema o texto ressalta, portanto, o ócio e a reflexão como essenciais para uma educação que seja ampla e não direcionada apenas ao mercado de trabalho.

No texto 3 a educação convencional é comparada à educação indígena e vemos que as principais diferenças identificadas pelos pesquisadores estão relacionadas ao caráter mais amplo que se dá à educação escolar indígena. Enquanto muitas vezes a educação tradicional é tecnicista e prioriza a reprodução sistematizada de conteúdos teóricos, a educação indígena preza por fortalecer a língua e a cultura de seus povos e atrelar as atividades escolares às práticas comunitárias, sem se prender a horários rígidos, por exemplo. É possível sugerir diversas análises desta diferenciação, como o questionamento sobre o quanto nossa educação convencional prepara as crianças e jovens para a vida real em sociedade.

A proposta se encaminha aos textos não verbais que, apesar de comumente causarem insegurança nos estudantes, completam e esclarecem o entendimento sobre a frase-tema. Os textos 4, 5 e 6 apresentam momentos de ócio, reflexão e lazer, o que nos remete aos benefícios para o desenvolvimento de habilidades propiciadas por atividades lúdicas e de ensino/aprendizagem, já citados no texto 1.

O último texto nos apresenta uma postagem na rede social instagram que compara a concepção atual de sucesso - que envolve, por exemplo, saúde física e mental, tempo livre e gostar do que faz - com uma concepção de sucesso que só considerava cargo e salário. Vemos uma crítica sobre as demandas profissionais que influenciam tanto as políticas educacionais quanto a sensação de realização pessoal e profissional.

Considerando, portanto, os textos motivadores e a frase-tema, a proposta da Fuvest 2024 nos mostra que se deve questionar e analisar de maneira crítica o modo de condução da educação (tanto a básica quanto a formação profissional) na atualidade. O ócio aparece ligado à reflexão, considerando que o tempo de ócio permitiria o desenvolvimento de habilidades importantes para a convivência social. A multitarefa, por fim, aparece como uma característica inerente da geração atual, que pode ser lida como um fator limitante no processo de aprendizagem plena. Caberia aos candidatos relacionar todos esses elementos ao contexto da educação atual, sempre expondo com clareza e aprofundamento um ponto de vista coerente em relação ao tema.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
50

O POTE DE BURNOUT NO FIM DO ARCO-ÍRIS

Na Grécia Antiga, o pressuposto para praticar a Filosofia era estar no tempo livre. A reflexão filosófica, pensavam os gregos, dependia da ociosidade, pois uma mente ocupada com outras questões não realizaria bem a atividade racional. Contudo, a sociedade contemporânea, influenciada pela ideologia neoliberal, em nome da produtividade suprime o ócio e condiciona os indivíduos a, sempre que possível, resolver mais de uma tarefa ao mesmo tempo. Como que em uma maratona interminável, eles percorrem um caminho cujo fim é a exaustão física e psicológica. Nesse cenário, a educação é essencial para formar profissionais que saibam equilibrar o ofício com a qualidade de vida.

Em primeiro lugar, o neoliberalismo, ao enfatizar a meritocracia, coloca o indivíduo como o único responsável pelo seu sucesso — ou fracasso — econômico. “Coaches”, por exemplo, com seus livros e suas palestras motivacionais, são contratados por empresas para aprimorar o rendimento dos funcionários. A figura do mentor — antes associada a um guia para a vida — se tornou crucial para quem quer progredir na carreira. O trabalho, nessa conjuntura, é a tônica da existência. Desse modo, o ócio não é experimentado com prazer, mas culpa — afinal, a diversão não ajuda a conquistar o cargo almejado. Ademais, a multitarefa, aparentemente, permite maior produtividade. Todavia, viver em um estado de atenção difusa intensifica o esgotamento o qual todos estão sujeitos na coletividade. Em vez de transformar o homem em uma máquina mais eficiente, a tentativa de realizar vários compromissos ao mesmo tempo, além de diminuir a qualidade dos resultados, acelera a velocidade com que ele alcança o pote de burnout no fim do arco-íris. Logo, é imprescindível a mudança desses valores que impossibilitam o ócio saudável.

A educação, por sua vez, é o meio pelo qual a sociedade poderá superar esse desafio. Conforme afirmou Paulo Freire, não basta, durante o letramento, ensinar ao aluno que “Eva viu a uva”, mas apresentar o saber de forma que o aluno saiba refletir para contextualizar a frase aprendida na sua vivência. Essa posição pedagógica é relevante para o problema abordado, porque objetiva aliar o ensino técnico à formação de cidadãos com autonomia crítica — nesse caso, trabalhadores que consigam aproveitar o ócio. Assim, uma escola que não opere em ritmo frenético, colocando os alunos para fazer mais e mais exercícios, por exemplo, contribui com o desenvolvimento de uma relação sadia com o tempo livre, ao não pressionar os discentes a produzir constantemente. A adoção, no ambiente educacional, de atividades voltadas para a introspecção, o convívio e as brincadeiras coletivas fortalecem o senso de que há, na vida, momentos nos quais o lazer é um imperativo para o bem-estar. Portanto, o sistema educacional pode ser o remédio para essa doença que só traz cansaço.

Em suma, a necessidade de melhorar a produtividade e o uso da atenção dispersa em mais de uma tarefa extenuam o indivíduo da contemporaneidade. Diante disso, uma educação que priorize o desenvolvimento intelectual somado com uma contemplação saudável do ócio é o que pode resgatar o envolvimento adequado do homem com o lazer.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Guilherme Gobo dos Santos

NOTA:
50

EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS E ÓCIO ALIENANTE

O conto “O artigo”, de Victor Giudice, narra, em tom fantástico, a trajetória de um trabalhador que, após receber sucessivos cortes de salário e aumentos de carga horária, atinge a plena felicidade ao transmutar-se em um artigo de escritório. A narrativa revela, sob uma ótica foucaultiana, a formação ideológica de um sujeito, na égide do neoliberalismo, para garantir o controle dos corpos: o sofrimento coletivo e o cansaço são elementos identitários, considerados “privilégios”, sendo a gênese desse processo a educação básica. Nesse contexto, a multitarefa, para supostamente aumentar a produtividade, é fulcral, ao passo que a reflexão e o ócio são sumariamente repudiados por serem “inúteis”. Assim, a educação básica é submetida ao capital para cumprir a função de formar profissionais apenas para atender interesses de mercado, de modo que a reflexão é reprimida e limitada aos ditames da indústria cultural para a manutenção do status quo.

Com efeito, o avanço do neoliberalismo provocou uma perversão da educação básica aos interesses do mercado, cujo único produto aceito, “de qualidade”, é um indivíduo dócil com uma “governamentalidade” ideal. Isso porque, o neoliberalismo fragiliza o poder do Estado sobre questões sociais, consequentemente, a lógica de mercado passa a reger os direitos coletivos, como a educação básica. Reflexo disso foi, no Brasil, a Reforma do Ensino Médio, propagada por adeptos dessa doutrina, no governo de Michel Temer, a qual reduzia o tempo de aula destinado às Ciências Humanas por considerá-las não úteis. Essa visão utilitarista neoliberal substancializa-se na educação básica: o útil atende aos interesses de mercado e o resto é completamente “inútil”. Por conseguinte, o indivíduo é, desde a educação básica, apresentado à dinâmica de conflito que pauta as relações capitalistas, como a superação de um “concorrente” no vestibular, e estimulado a cobrar de si mesmo uma produtividade cada vez maior. Com isso, forma-se um profissional que internalizou as demandas do mercado(governamentalidade), o qual sobrecarrega suas instâncias emocionais com a multitarefa para garantir a maximização do lucro de uma empresa.

Desse modo, para evitar o colapso emocional dos indivíduos inseridos nessa lógica produtivista, é necessário que tenham poucos momentos de ócio. Tais instantes, no entanto, não são reflexivos: impedem que o indivíduo reflita sobre sua condição no capitalismo e reforçam a alienação dos sujeitos - não percebem a sua condição enquanto classe social subalterna - mediante a ação da indústria cultural. Segundo Antonio Candido, no ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”, a indústria cultural absorve para si possíveis de conteúdos que os levassem a uma reflexão crítica, oferecendo-lhes um folclore urbano desprovido de significação profunda. O equivalente contemporâneo desse processo são os vídeos curtos de redes sociais aos quais um indivíduo assiste em seu momento de descanso: consomem seu tempo com conteúdos superficiais e, ainda, oferecem produtos com um entusiasmo artificial para criar um fetiche mercadológico. Portanto, a reflexão é suprimida, dentro do capitalismo, pois os momentos de ócio são contaminados pela indústria cultural que reitera os valores caros ao neoliberalismo, como o consumismo.

À luz do exposto, a educação básica é usada como um instrumento de mercado para formar um profissional adequado às exigências de produção a qualquer custo, valendo-se, para isso, da multitarefa. Esse sujeito, sem ter a cultura valorizada durante sua educação, tem seus momentos de ócio engolidos pela indústria cultural, abstendo o sujeito de reflexões que questionem a ordem econômica vigente. Assim, a educação básica, atrelada aos interesses capitalistas, tornou-se uma verdadeira fábrica de artigos a haver.



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Isabella Gouveia Aguiar

NOTA:
50

A DEVOÇÃO À MULTITAREFA E A DEMONIZAÇÃO DA REFLEXÃO

No poema "Cota Zero" de "Alguma Poesia", o escritor Carlos Drummond de Andrade expressa um sentimento de impasse diante do dinamismo e da alta velocidade da modernidade, aspectos da sociedade idolatrados pelos integrantes do Futurismo, mas criticados pelo autor brasileiro. Embora essa obra literária tenha sido produzida no contexto do início do século XX e publicada em 1930, a sensação de imobilidade diante da aceleração social descrita pelo poeta se encaixa na contemporaneidade, considerando que a rapidez e o produtivismo exigidos pelo dogma da configuração capitalista atual determinam o ensino e a forma que os jovens se relacionam com o mundo do trabalho, levando à demonização do ócio e da formação do pensamento crítico. Desse modo, percebe-se que a educação básica e a formação profissional priorizam a multitarefa em detrimento da capacidade de reflexão dos indivíduos, por causa da alta demanda de produtividade no contexto do capitalismo e em razão da necessidade de alienação para a manutenção do poder pelos grupos hegemônicos.

A princípio, a multitarefa é privilegiada no ensino e na formação profissional dos jovens, porque contribui para a satisfação da elevada produtividade exigida no corpo social contemporâneo. Isso ocorre pois, no neoliberalismo, o capital é visto como uma entidade divina e a busca desenfreada pelo lucro por grandes empresas edifica as relações de trabalho, visto que o acúmulo de capital na sociedade, garantido pela exploração dos trabalhadores, permite que a camada dominante tenha poder político e, dessa maneira, consiga dominar e controlar a população. Nesse sentido, ensinar aos jovens os valores liberais e a ter a habilidade de realizar diversas ações simultaneamente, isto é, de serem indivíduos capazes de multitarefa, por exemplo, é essencial para atender às necessidades estabelecidas pela alta velocidade e pelo culto ao produtivismo que possibilitam a perpetuação do capitalismo e a lucratividade das corporações, dado que essas pessoas já estarão convencidas de que o dinheiro é a sua salvação no momento que chegarem ao mercado de trabalho. Logo, a devoção ao lucro dentro do contexto neoliberal que promove a procura por produtividade pelos indivíduos determina a formação de jovens voltados à multitarefa na educação básica e no mundo profissional.

Além disso, a reflexão é desvalorizada no ensino dos indivíduos, uma vez que ajuda em mantê-los alienados, algo que é vital para a permanência da camada dominante no poder. O desenvolvimento da multitarefa nos jovens ao longo da educação básica é usado como um instrumento político que impossibilita a formação de um senso crítico, visto que há um retrocesso a um estado animal de concentração rasa, em razão da falta de momentos de ócio criativo como o aprendizado de um instrumento ou divertimentos com colegas, o que asseguraria a formação de sua autonomia, garantindo, então, a apassivação dos indivíduos e sua alienação, impedindo a resistência à ordem e ao poder das classes hegemônicas. A educação indígena, por sua vez, promove a valorização da cultura, a introspecção e a integração das atividades escolares às práticas comunitárias, o que simboliza um pecado dentro da lógica do dinamismo que garante o poderio das classes dominantes hoje. Assim, a reflexão e o ócio não são incentivados na educação básica de todos e na formação profissional para manter os sujeitos sem pensamento crítico em relação à ordem e os dominantes da atualidade.

Em suma, conclui-se que a multitarefa é divinizada na contemporaneidade e privilegiada em comparação à capacidade de reflexão e de senso crítico na formação escolar e profissional dos jovens na atualidade. Sendo assim, a legitimação da fé ao capitalismo e à rapidez moderna, enunciada por Drummond em "Cota Zero", são elementos essenciais para a manutenção do domínio do grupo hegemônico.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: André Vicioli de Almeida Pina

NOTA:

48,5

EDUCAÇÃO DE OFÍCIO

Vivemos no neoliberalismo, estágio atual do capitalismo, baseado na busca por lucro individual. Nesse sistema socioeconômico, aprendemos que "tempo é dinheiro", ou seja, nossas atividades devem sempre se pautar pela lucratividade e pelo acúmulo de bens materiais. Nesse contexto, a educação básica regida sob a égide do neoliberalismo tem como finalidade, tão somente, a busca por cargos de prestígio para que o cidadão neoliberal "bem educado" possa atender às expectativas mercantilistas, em que o "ser" se pauta pelo "ter". Essa visão utilitarista, típica da educação básica neoliberal, entretanto, ocupa a totalidade do tempo dos cidadãos, que passam a se dedicar a muitas tarefas — serem cidadãos multitarefa —, de modo que o lazer e o ócio são barreiras para o "sucesso" financeiro. Uma vez que o ócio contemplativo é ferramenta indispensável para o nosso desenvolvimento como humanos, a superação da educação básica neoliberal pela educação do ócio faz-se extremamente necessária.

Segundo o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, a condição de trabalhadores multitarefa na qual vivemos, imposta pelo capitalismo neoliberal, obriga-nos a sacrificar, não só o nosso lazer, mas também a nossa saúde. A intensa busca personalista por maiores salários, maiores desempenhos e maiores status social é uma das maiores causas de estresse, do "burnout" e de casos de suicídios presentes hodiernamente na sociedade, a qual Han chama de "sociedade do cansaço". A cultura neoliberal, nesse sentido, obriga as pessoas a sempre buscarem o ideal "fabricado" e moldado para que seja inalcançável, pois sempre haverá um "celular melhor", um "carro melhor", ou uma "meta melhor" que alavancará o status social dos indivíduos. A educação básica neoliberal, nesse aspecto, limita a atenção dos indivíduos à busca por maiores notas, que no futuro se traduzirão em prestígio social, nem que para isso se presencie uma vida de estresse. É uma educação voltada ao mérito, em que a condição multitarefa nos obriga a viver no cansaço, no limite de nossa saúde mental e na busca por uma felicidade superficial.

A valorização do ócio, por outro lado, é fundamental para a contemplação e reflexão de aspectos inerentes à nossa condição humana. Enquanto que a condição multitarefa é cabível na vida selvagem, segundo Han, onde os animais preocupam-se, ao mesmo tempo, em caçar, comer, copular e se atentar a predadores, tendo "atenção ampla, mas rasa", o ócio contemplativo desocupa a mente para se atentar à filosofia. O poder contemplativo, nesse sentido, permite-nos pensar sobre quem somos, permite-nos a criatividade, o planejamento coletivo e o ócio nos torna humanos. Nesse aspecto, o neoliberalismo e sua educação multitarefa reifica o homem, torna-o em mera engrenagem de um sistema que o ensina a consumir e a ter, em vez de pensar e refletir por si mesmo. A vida neoliberal nos afasta do ócio e da contemplação, astutamente valorizadas nas comunidades tradicionais indígenas, por exemplo, onde a educação glorifica as tradições culturais, glorifica o tempo flexível e glorifica o contato humano. São valores roubados pela educação neoliberal, pois não são condizentes com o paradigma da reificação e do cansaço.

Portanto, para que a nossa humanidade seja recuperada, é mister a valorização da educação do ócio em detrimento da educação neoliberal. A condição de seres multitarefa imposta por esse sistema socioeconômico, cujo mote é a busca irrefletida do lucro pelo cansaço não considera o ser humano em suas potencialidades criativa, contemplativas e de convívio harmônico comunal. Potencialidades essas, úteis e necessárias, somente alcançadas pela educação do ócio.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Breno Barbosa Santos D. Pimentel

NOTA:
48

O AFASTAMENTO DA EUDAIMONIA PELA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Consoante o filósofo Aristóteles, as ações e as escolhas que um indivíduo faz em sua vida visam à Eudaimonia, ou seja, a felicidade pautada no equilíbrio entre as emoções e entre as diversas áreas de atuação da pessoa, como a vivência social, o trabalho e o lazer. Nesse sentido, para que o tecido social possa alcançar a Eudaimonia aristotélica, a educação básica, atrelada à formação profissional, cidadã e individual, foi desenvolvida e consolidada nas sociedades ao redor do globo. Modernamente, contudo, observa-se que o processo educativo, na maior parte do tempo, se volta para o âmbito do trabalho, negligenciando a educação necessária ao gozo de todos os outros aspectos da existência humana. Diante disso, tal tendência contemporânea é fomentada pela valorização exacerbada da produtividade dos cidadãos ao sistema capitalista, materializada no ensino da multitarefa, afastando-os da felicidade autêntica defendida por Aristóteles, a qual demanda a reflexão pessoal.

De início, deve-se compreender que a educação mundial está voltada ao mantra “Produzo, logo existo”, focada na fabricação de humanos que sejam úteis e eficientes ao Capitalismo. Sob esse prisma, o filósofo Byung Chul-Han afirma que vivemos na “Sociedade do Desempenho”, onde a capacidade de produção no meio profissional é louvada ao extremo, tendo em vista que favorece o fluxo monetário mundial e sustenta a ordem capitalista que dá rumo às nossas vidas. Para acompanhar esse processo, os espaços educativos básicos da comunidade preparam os jovens para terem o melhor desempenho possível em suas profissões, ensinando-os a realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo. Com isso, em um corpo social que enxerga a multitarefa como o sucesso da formação humana, deixa-se de lado a educação ao ócio, ao convívio civilizado, à cultura, à saúde mental e, principalmente, à reflexão, o que não permite, segundo Byung Chul-Han, que o indivíduo contemple o que tem diante de si, isto é, a vida em sua essência, não dependente da produção ao capital. Destarte, em um ambiente em que vale o postulado “Trabalhe enquanto eles dormem”, muito propagado por “coachs” nas redes sociais, o ser humano se aliena na formação profissional pela educação básica, impedido de ter tempo para a reflexão diante da realidade e para se emancipar da lógica capitalista.

Como consequência dessa nova configuração educacional, a eudaimonia aristotélica se afasta cada vez mais do tecido social, uma vez que demanda inúmeras outras virtudes além da produtividade profissional. Nessa perspectiva, a ideia de Aristóteles, formulada na Antiguidade Clássica, foi reforçada pela recente pesquisa da Universidade de Harvard, na qual, após o estudo de 75 anos do cotidiano de alguns voluntários, eles afirmaram que a felicidade depende muito mais das experiências subjetivas e afetivas da vida do que da realização profissional, ratificando o necessário equilíbrio entre esses âmbitos antrópicos. Tais experiências exigem o tempo de reflexão e introspecção que é retirado dos cidadãos pelo fomento à multitarefa, o qual permite que sejam identificadas as atividades, as pessoas e os ambientes que proporcionam o bem-estar e o lazer.

Logo, esse tempo deveria ser o foco principal da educação básica. Em virtude dos aspectos abordados, a Eudaimonia de Aristóteles, vital à satisfação pessoal desde os primórdios da civilização, será, progressivamente, degradada pelos novos moldes da educação de base, a qual se baseia na “Sociedade do Desempenho” e não ensina o indivíduo a prosperar em outras áreas que o tragam prazer. Dessa forma, caso continuemos alienados pela formação profissional, sem tempo para refletir sobre nossas próprias vidas, caminharemos para uma sociedade insatisfeita e melancólica.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Felipe Sousa Vieira

NOTA:
48

CAPITAL HUMANO CONTRA O ÓCIO

Em uma de suas primeiras atitudes como presidente recém eleito da Argentina, Javier Milei promoveu uma ampla reforma no Poder Executivo. Entre suas decisões, destaca-se a criação do Ministério do Capital Humano, que englobou as pastas da educação e do trabalho. Considera-se que a ideia de capital humano, desenvolvida pelo economista Gary Becker, descreve o fenômeno de invasão da cultura empresarial na sociedade, na qual os indivíduos passam a ser empreendedores de si mesmos. Nesse sentido, Milei simboliza o modo como a educação básica e a formação profissional são tratadas no contexto neoliberal atual: estimula-se o trabalho desenfreado e a competitividade como modos de vida, enquanto a reflexão e o ócio são relegados ao último plano.

Desde a mais tenra idade, os indivíduos da sociedade atual são expostos a ambientes que estimulam a competitividade e a produtividade. Na educação básica, o conhecimento de crianças é diariamente testado e más condutas são punidas, em um sistema que, como Foucault analisa em "Vigiar e Punir", se assemelha ao encontrado em prisões e em fábricas. Observa-se, assim, que a noção de vida dos indivíduos é orientada para o trabalho desde a infância. A competitividade, característica da cultura empresarial das últimas décadas, acaba por ser introjetada nas relações cotidianas e o trabalhador passa a ter orgulho de dispensar horas do seu dia ao ofício, no qual executa diversas tarefas. Não à toa, há uma grande pressão dos setores privados de educação do Brasil e do mundo para introdução de educação técnica e financeira nas escolas, em detrimento de disciplinas como História e Filosofia. Essa pressão não visa à emancipação do aluno como ser pensante, mas à transformação dele em indivíduo alienado.

A introjeção de tais valores na sociedade é acompanhada por um amplo processo de rejeição à reflexão e aos momentos de ócio. Isso porque, em uma sociedade altamente competitiva como a atual, a disputa torna-se a norma, o trabalho toma conta de todos os momentos da vida do indivíduo, e os momentos de lazer orientado ao desenvolvimento pessoal, às práticas de solidariedade comunitárias e ao convívio são vilanizados. Assim, mesmo em momentos de descanso, o indivíduo enxerga-se como culpado por não estar trabalhando. Trata-se de uma lógica perversa que trata o homem como máquina, contrastando com aquela apresentada por Ailton Krenak em "A vida não é útil" e em "Ideias para adiar o fim do mundo", em cujas obras ele descreve como os povos indígenas apreciam os momentos de ócio e a solidariedade na vida em aldeia.

Torna-se evidente, desse modo, que o neoliberalismo contemporâneo busca decretar o fim dos momentos de reflexão e do ócio, em favor do trabalho e da multitarefa, que tornam-se onipresentes.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Giulia Giovana Barreiro Gaiola

NOTA:
48

FUTURO DO ENSINO, RETROCESSO DA EDUCAÇÃO

O futurismo foi uma vanguarda europeia do século XIX, a qual estava atrelada diretamente à valorização do moderno, das máquinas e, principalmente, da velocidade. Entretanto, os artistas futuristas não estavam cientes da rapidez extrema que a humanidade atingiria após a Terceira Revolução Industrial, marcada pelo desenvolvimento dos transportes, da informática e das telecomunicações, e menos ainda do impacto dessa sobre as relações interpessoais. Com ela, os contatos entre os seres humanos tornaram-se fluidos, supérfluos e efêmeros, numa era apelidada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman como “Modernidade Líquida”, na qual as pessoas passaram a ser mais valorizadas por aquilo que possuem do que por aquilo que são. Nesse contexto, a demanda pela produtividade, pela posse de bens materiais, atrelada ao capitalismo, e pela velocidade, passou a permear diversos setores da vida humana, inclusive a educação, que também vem sendo automatizada, de maneira que os alunos necessitam exercer múltiplas tarefas ao mesmo instante, reduzindo a eficiência do ensino e impedindo a capacidade reflexiva, associada à deficiência de momentos de lazer.

A princípio, verifica-se que as sociedades pós-modernas são pautadas pelo lema “Ordem e progresso”, assim como dizia Auguste Comte em sua tese positivista. Desse modo, há uma busca constante pelo desenvolvimento tecnológico e científico, a qual é transmitida diretamente aos membros da sociedade através da cobrança pela produtividade. Nos institutos de educação básica e de formação, por exemplo, nota-se um aumento cada vez maior do nível de exigência dos alunos, os quais recebem currículos cada vez mais complexos e desafiadores, o que os leva a ter que realizar muitos trabalhos ao mesmo tempo, para conseguirem acompanhar a velocidade e o volume do ensino. Entretanto, esse novo modelo revela-se como prejudicial, visto que, ao exercer a multitarefa, os níveis de atenção dados a cada uma delas são baixíssimos, sendo mais próximos do de animais selvagens, que necessitam desse mecanismo para sobreviver na natureza, do que os futuristas esperavam para o futuro da humanidade.

Ademais, em uma era líquida baseada na posse de bens materiais como forma de sucesso pessoal, o estudo institucionalizado é diretamente relacionado ao alcance desse mérito. Contudo, além da realização de cada indivíduo não estar atrelada apenas ao ganho financeiro, a educação não funciona de forma eficiente se ela não for intercalada com momentos de ócio e lazer, os quais são condenados pela sociedade da produtividade. Isso acontece porque são eles que possibilitam momentos de reflexão, os únicos capazes de remover os estudantes da passividade e, assim, permitir que, analisando o mundo ao seu redor, esses possam desenvolver um pensamento crítico. Desse modo, nota-se que as capacidades importantes no mundo atual, como a tomada de decisões, o equilíbrio emocional e o auto-conhecimento não derivam apenas das instituições, mas sim da introspecção de cada indivíduo em ocasiões vistas como “improdutivas” erroneamente.

Por fim, pode-se concluir que nas sociedades contemporâneas, em que há uma cobrança exacerbada pela produtividade e sucesso material, a capacidade de ensino foi reduzida devido a quantidade robusta e complicada de matéria que os alunos precisam lidar, o que os fez prestar menos atenção nas tarefas, já que precisam executar várias ao mesmo tempo, assim como as máquinas. Além disso, em tempos em que o ócio é condenado, a capacidade reflexiva dos estudantes é aniquilada, impedindo, desse modo, que eles desenvolvam um senso crítico e saibam lidar ativamente com o mundo ao seu redor.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Gustavo Henrique Duzzi Libanori

NOTA:
48

VENCER O TEMPO

Patrono da educação brasileira, Paulo Freire defende em seus escritos a formação de um aluno também cidadão, crítico aos problemas de seu tempo, para a construção de um processo educacional “libertador”. Na contemporaneidade, porém, a lógica freireana ganha novas camadas, colocadas em cena pela sociedade tecnológica-informacional: o preparo de um educando deve ser aprofundado, fruto de extensa reflexão, e também multitarefa — dinâmico, de amplo espectro —, com uma dicotomia aparentemente inconciliável. Nesse sentido, contrapõem-se itinerários educacionais pautados por diferentes orientações: o capitalismo tardio, sedento pela máxima alienação do ser humano, exige atenção imediata, mas perene e desfocada; contrariamente a isso, sustenta-se a formação guiada pelo longo raciocínio crítico, intercalado pelo ócio-criativo ou não.

De um lado, pode-se defender que uma educação multitarefa, iniciada no ensino básico e perpetuada até a formação profissional, seja medida necessária para a sobrevivência na atualidade. Se a globalização venceu as distâncias, é esperado, portanto, que o aluno — futuro trabalhador — vença o tempo, divida sua atenção, desdobre-se. Aqui se esconde, porém, uma perversa atuação do Capitalismo, que ainda no ambiente educacional busca cooptar a formação do indivíduo. Ao exigir uma educação ampla e genérica, sob disfarce de “atual” e “moderna”, aliena-se do estudante os momentos de aprofundamento reflexivo e de raciocínio crítico, tornando-o mero espectador-consumidor do próprio processo formativo.

De outro lado, porém, a educação reflexiva, aberta à discussão das mazelas da contemporaneidade, exige do pupilo não somente profunda devoção ao conteúdo, mas dedicação a pensar suas motivações e finalidades, permitindo que se consolide o que Paulo Freire definiria como uma “educação libertadora”. Nesse contexto, abrir mão da multitarefa — e abraçar a reflexão e o ócio — é caminho para situar o educando na atualidade como ambiente de aprendizado e de trabalho, mas também de lazer, de convívio, de saúde e de cultura.

Assim, na dicotomia entre a multitarefa e a reflexão, revelam-se concepções distintas para a Educação. A primeira, multifacetada, fragmentada e própria da contemporaneidade, traz consigo, porém pesadas tendências de alienação à lógica do Capital. A segunda, ao contrário, carrega o sentido do pensamento cuidadoso, da verdadeira educação para a vida em uma sociedade mais justa. A escolha de uma ou de outra, porém, dar-se-á não por cada educando, mas pela sociedade: fazer de tudo para vencer o tempo, ou entender o tempo para vencê-lo.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Lígia Gomes Cossé

NOTA:
47

ENTRE ESCOLAS E ESTEIRAS DE PRODUÇÃO

Carteiras individuais distantes umas das outras ordenam-se em filas. Em frente a elas um quadro negro ocupa a parede. Na lateral da sala, janelas dotadas de persianas limitam o quê do mundo externo pode entrar. Um relógio acima do quadro dita o tempo. Em “Vigiar e punir”, Michel Foucault compara o sistema educacional ao prisional. Para o filósofo francês, as semelhanças não se limitam ao espaço físico em que se restringem as relações entre os indivíduos - entre si e com o exterior - e impera o tom autoritário, mas também se relacionam com um ideal de domesticação dos corpos e mentes, de obediência à ordem dominante. Assim, não espanta que, em uma sociedade na qual a produtividade é a palavra de ordem, a educação se submeta a essa lógica e o indivíduo, sensível a isso, tenha em si a capacidade de reflexão sufocada pela multitarefa.

Se a produtividade se enclausura em cada peça que compõe o tecido social, é natural que a educação seja vista como apenas uma parte da esteira que leva ao mercado de trabalho. Desde a infância, quando o aluno é matriculado na escola, são nele incutidos os valores do deus-capital: a competitividade aparece, no intervalo, nas quadras e nos tabuleiros; a ambição é fomentada pelas notas que se atribuem às atividades; a dominação do corpo e das vontades é praticada pelas horas passadas nas carteiras das salas de aula; os conteúdos de interesse econômico são trabalhados em uma rígida e quase imóvel grade curricular. O ensino, então, formata o caminho para um futuro empresarial, focado na produção e reprodução do lucro. Aprender a ser “gente grande” é, assim, se adequar a esse maquinário.

Nesse contexto, o aprendizado de olhar a si, ao outro e ao mundo, entra em pane. Ao priorizar a capacidade de desdobramento em múltiplas tarefas, de compactar o tempo de forma a cumprirem-se todas as metas, a escola distancia o aluno do tempo presente. Assim, ao educando é tolhida a contemplação daquilo que se faz, de quem se é, de como se insere naquele cenário. Logo, a ocupação de todo o tempo com aquilo que é útil, negando o ócio, o bem-estar, o prazer, acaba por afetar a dinâmica das relações sociais, da partilha, da construção conjunta.

Em uma sociedade em que tempo é dinheiro e a produtividade é a lei, a educação tradicional se afasta daquilo que é humano. A necessidade de domesticar para a produção, supera então a pausa para reflexão.

REDAÇÃO FUVEST 2024



CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Alícia Sonnesso Alves

NOTA:
46,5

EDUCAÇÃO MULTITAREFA: A PRODUÇÃO DE NÃO-HUMANOS

Em “Eros e civilização”, Herbert Marcuse discorre sobre a ideia de “moral do desempenho”, que diz respeito à busca incessante pelo sucesso individual na sociedade capitalista, algo que, anteriormente, estava associado apenas ao mundo do trabalho e, com o desenvolvimento da tecnologia, alastrou-se pelas demais áreas da vida. Ao tomar como base essa perspectiva para a análise da educação básica e da formação profissional dos seres humanos, pode-se dizer que, embora haja casos de esferas educacionais que fomentem a reflexão dos alunos diante da realidade, o que predomina é o estímulo à multitarefa.

Na atualidade, a educação escolar indígena incentiva as crianças e jovens a realizarem projetos comunitários que vão além do aprendizado passivo das matérias escolares, o que desenvolve neles o senso de comunidade e respeito às manifestações culturais próprias e dos demais, bem como um olhar reflexivo sobre a vida que levam. Tal modo de encarar o processo de aprendizado, entretanto, relaciona-se a um hábito cultural indígena invalidado pelo ideal colonizador capitalista, que objetiva produzir crianças e, posteriormente, profissionais que sirvam de mão-de-obra às empresas acumuladoras de capital. Para isso, a burguesia, dominante no poder, inseriu na mentalidade do homem a necessidade de manter um ritmo de vida acelerado, que não mais se restringe ao trabalho, conforme analisado na obra supracitada, valendo também para os momentos de lazer. Nesse cenário, é estimulada a atenção multitarefa, em que o indivíduo, ligado à internet e ao mundo real à sua volta, sente necessidade de realizar inúmeras ações ao mesmo tempo, imerso na falsa ideia de que apenas mediante a superprodutividade alcançará o sucesso financeiro e o título de melhor funcionário, melhor corpo, ou seja, melhor “eu”. Tal processo é inserido nas escolas e universidades, onde os alunos realizam cada vez mais atividades que os distanciam do ócio, indispensável ao animal político aristotélico por permitir o ato reflexivo e a produção de conhecimento crítico. Desse modo, a sociedade do desempenho torna-se presa a uma espiral hiperativa e acrítica.

Por conseguinte, a atenção multitarefa enraizada também nos modelos educacionais gera a desumanização do indivíduo, já que tal comportamento é típico dos animais na selva, visando sua sobrevivência. Além disso, a perda de humanidade também se dá devido à falta de estímulo ao raciocínio crítico, algo definidor do que é ser humano, como alguém capaz de pensar racionalmente e questionar o “status quo”, revertendo o processo de dominação capitalista, o que não é observado. Como ilustração dessa realidade, tem-se o filósofo Kant, cujo conceito de menoridade intelectual pode ser usado para analisar uma sociedade onde os indivíduos não possuem capacidade crítica própria, ficando à mercê das instituições que pensam e determinam o que será seguido por eles numa tentativa de manter as assimetrias de poder. Tais instituições, hoje, podem ser entendidas como as dirigidas pelo capitalismo e que controlam a noção da produtividade tóxica. Logo, a educação multitarefa desumaniza o ser.

Observa-se, portanto, que os ideais pautados no capitalismo e no lucro ditam as regras da sociedade, como aquilo que será aplicado em sala de aula, visando a produção de indivíduos hiperprodutivos, cegos pela febre do sucesso e do desempenho, mais disseminadas com as tecnologias, aspectos que dialogam com os estudos de Marcuse. Como consequência disso, o homem vive a lógica da natureza selvagem, perdendo sua humanidade, estando preso a um eterno ciclo de menoridade intelectual, já que é incapaz de romper a barreira do “status quo”.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
45

ENTRE PRODUTIVIDADE E ÓCIO, UTILITARISMO E EMANCIPAÇÃO

Com a evolução da sociedade burguesa capitalista, a formação do homem voltou-se, principalmente, para o mercado de trabalho. Nesse sentido, valores associados à produção e à super exploração do trabalhador passaram a ser mais visados, como a capacidade de exercer multitarefas. Contudo, tais mudanças promoveram a diminuição do ócio e a utilização da vivência humana, de modo a nos tornar “máquinas” servintes ao sistema produtivo, no geral. Deve-se, portanto, entender as consequências dessa vida planejada e voltada ao capital.

Em relação ao aumento da produtividade, o sociólogo Max Weber preceitua, em seu conceito da “Racionalidade Técnica”, uma forma de doutrinação baseada, sobretudo, na criação dos sujeitos em prol do dinheiro. Nesse tocante, ao nascermos, somos ensinados a procurar sermos bem sucedidos, pois uma boa remuneração trará vantagens em nossas vidas. A exemplo disso, é muito comum encontrar pessoas visando à Medicina devido ao salário da profissão e não ao desejo de salvar os outros. Há, desse modo, a perda da essência da ocupação. Ainda, com o avanço do neoliberalismo, essa situação se agravou por conta da exigência da multitarefa para nos mantermos competitivos no mercado de trabalho. Essa é a perpetuação da alienação descrita por Weber, uma vez que os indivíduos, impossibilitados de focar, não percebem o sistema que lhes explora. Assim, a formação utilitarista é uma das barreiras ao desenvolvimento humano.

Em relação à negação do ócio, Herbert Marcuse, frankfurtiano, entende o tempo livre como próspero para a reflexão e, por isso, a emancipação. Sob essa perspectiva, ensinamentos sobre a importância do descanso e do lazer é indispensável para a plena formação dos sujeitos, porque são nesses momentos em que as atividades culturais são praticadas, em sua maioria. Para o filósofo, tais atividades reflexivas promovem o engajamento das pessoas, politicamente, e isso não só traria uma desutilizarização da vivência, mas também desalienaria, em certa medida, os seres. Dessa forma, a educação do ócio ajudaria a mudar o planejamento da vida de uma perspectiva de produtividade para uma de qualidade e autonomia.

Em suma, existe uma doutrinação em consequência da formação profissional e educação básica utilitários. Nesse contexto, a vivência voltada ao capital é, indubitavelmente, problemática para a emancipação das pessoas e existe uma imposição da produtividade sobre o ócio. Entre multitarefas e reflexão, esta é prejudicada por aquela, a qual nos mantém escravos do sistema perverso e alienante.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA

USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Arthur Antônio dos Santos Prado

NOTA:
45

MULTITAREFA SEM REFLEXÃO: O AFASTAMENTO CONTEMPORÂNEO DA ESSÊNCIA HUMANA

Para os filósofos gregos, o ócio se constitui como um preceito básico à prática da reflexão e da produção cultural. Entretanto, após as subseqüentes revoluções burguesas e a positivação do trabalho, o ócio passou a ser visto como uma verdadeira perda de tempo, de forma que, na sociedade capitalista-industrial contemporânea, toda a educação básica é direcionada a formação de indivíduos produtivos e capazes de realizar multitarefas. Nesse contexto, percebe-se o afastamento da humanidade de sua essência reflexiva, o que lhe compromete o próprio bem-estar.

Aprender para passar no vestibular, passar no vestibular para ingressar na faculdade, ingressar na faculdade para se formar numa profissão, se formar numa profissão para atingir altos cargos e receber grandes salários. Ao se analisar os motivos pelos quais a concepção de multitarefas se faz extremamente presente na sociedade atual, a ascensão do modelo capitalista neoliberal é o principal determinante, visto que, objetivando lucrar cada vez mais com a mais-valia de trabalhadores com amplos conhecimentos técnicos e baixa reflexão acerca de suas condições, esse sistema introjeta no senso coletivo o ideário de que o sucesso individual exige a ocupação de boas posições no mercado de trabalho, a qual, por sua vez, necessita de uma qualificação que possibilite executar inúmeras tarefas no menor tempo possível. Diante disso, depreende-se um profundo direcionamento da educação básica para a formação de indivíduos que atendam a essas características, o que acaba por instaurar um eterno ciclo vicioso, já que as classes mais jovens da sociedade, responsáveis por guiar os costumes e tradições futuras, apenas reproduzirão os valores do capitalismo desenfreado. O aumento do número de sujeitos com altos salários, mas com péssimos hábitos de vida pautados unicamente no trabalho, se consiste como consequência central dessa situação. Assim, danifica-se o bem-estar físico e psicológico da comunidade hodierna em prol dos lucros de uma pequena elite.

Nesse âmbito, compreende-se a fundamentalidade de uma educação básica direcionada não só à formação profissional, mas também à ocorrência de preceitos básicos à humanidade, como a reflexão e o aprendizado sem intenções mercadológicas. Isso porque, os atos de refletir e de produzir cultura se configuram como os grandes diferenciadores entre a comunidade humana e os demais seres da biosfera. As possibilidades de aproveitar ócio, aprender uma dança ou tocar um instrumento musical, portanto, são fundamentais para a higidez do corpo e da mente e para a afirmação do Homo sapiens enquanto espécie. Dessa forma, depreende-se o caráter extremamente desumanizador das concepções capitalistas.

Infere-se, portanto, que educação básica direcionada apenas para a multitarefa se baseia em uma grande articulação do sistema capitalista, a qual compromete não só a integridade física humana, mas também sua própria existência. Logo, faz-se perceptível a crucialidade de uma reaproximação com os princípios gregos.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Pedro Gonçalves Bonetti

NOTA:
45

O PRODUZIR MAIS E O PENSAR MENOS NO CAPITALISMO

Desde a época da Grécia Antiga, houve uma valorização do ócio para que atividades políticas e intelectuais fossem exercidas na sociedade ocidental. No entanto, com a ascensão do sistema capitalista, sobretudo a partir da Revolução Industrial, os tempos cotidianos para descanso passaram a ser vistos como um problema. Diante disso, afirma-se que a educação básica e a formação profissional prezam pela multitarefa e desprezam a reflexão, seja pela necessidade de lucro, seja por causa da manutenção das elites no poder.

No capitalismo, a busca por lucro incentiva a valorização da multitarefa. De acordo com o intelectual Marx, a produção da vida material determina as ações humanas. Sob essa ótica, a educação básica e a formação profissional são construídos de forma que o sucesso é alcançado por meio da lucratividade e da produtividade. Um exemplo disso é o prestígio associado aos jovens que alcançavam carreiras que exigem grande jornada de trabalho e a execução de muitas tarefas ao mesmo tempo, como a medicina e o empresariado, mas que possuíam grande retorno financeiro. Nesse cenário, os indivíduos são influenciados a não gastar seu tempo com a socialização e com o descanso, pois essas atividades seriam impeditivas da produtividade no trabalho. Consequentemente, se submetem a jornadas insalubres, as quais desencadeiam problemas de saúde e não proporcionam tempo para a reflexão.

Além disso, a permanência das elites no poder é um fator que explica o desprezo pela reflexão no cotidiano. A promoção de uma educação básica e de uma formação profissional que estimula o ócio é uma forma de aumentar o tempo para convívio social e questionamento. Nessa perspectiva, as pessoas tornam-se mais íntimas e criam consciência de classe, o que as leva a criticar as desigualdades evidentes no sistema. Um exemplo disso é a ambientação de movimentos políticos, a qual propicia a formação de levantes que reivindicam a reparação de injustiças sociais justamente porque ela promove a reflexão. Desse modo, não é de interesse das elites que o ambiente da educação básica e da formação profissional incentive o ócio e a reflexão, pois isso levaria a uma contestação das desigualdades e do sistema. Com efeito, é mais vantajoso para as elites constituir um regime educacional e profissional que averigue a população a estar em trabalhos com jornadas de trabalhos longas e repletas de tarefas rasas.

Portanto, é evidente que a educação básica e a formação profissional prezam pela multitarefa e desprezam a reflexão. Isso pode ser afirmado tanto por causa da necessidade do lucro quanto por causa da manutenção das elites no poder no capitalismo.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Rafael Vitor da Silva Souza

NOTA:
45

A VALORIZAÇÃO DAS MULTITAREFAS E A PERDA DA CAPACIDADE REFLEXIVA

Na visão do pensador grego Aristóteles, deveria ser garantida a todos os cidadãos da pólis a capacidade de lazer e do ócio, de modo que pudessem refletir sobre suas virtudes e alcançarem a eudaimonia. Contudo, mais de dois mil anos após os postulados do pensador, a sociedade parece ignorar a importância dessas ferramentas, visto que a lógica capitalista ensina, desde cedo, as crianças e os jovens sobre a necessidade de ser produtivo e de realizar múltiplas tarefas para maximizar seu tempo, pois, afinal, tempo é dinheiro. Nesse sentido, percebe-se que a educação básica e a formação profissional são permeadas pelas multitarefas, o que gera, como consequência, o enfraquecimento da reflexão dos atos.

Em primeiro lugar, em uma sociedade asfixiada pelo postulado do dinheiro, o ensino da realização de múltiplas tarefas ao mesmo instante é conveniente para a propagação da lógica neoliberal, que transforma a busca pelo capital em um axioma na coletividade. Nessa perspectiva, consoante o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, a contemporaneidade é marcada pela positividade extrema e pelo desejo dos indivíduos de serem produtivos a qualquer custo, mesmo que isso retire deles prazeres físicos e emocionais. Diante disso, em virtude da vontade desenfreada de ser sempre eficiente, esferas sociais como o sistema educacional ensinam as crianças e os jovens que eles necessitam dar o melhor de si a todo momento, porque propaga-se, no tecido social, a noção de que o indivíduo consegue realizar tudo e que isso só depende dele, contaminando a educação básica e a formação profissional com narrativas de multitarefas, em que empresas se aproveitam disso para continuarem a lucrar. Como resultado desse processo, surgem pessoas frustradas e deprimidas por não conseguirem realizar tudo o que cobram de si, acreditando não estarem prontas para a escola e para o mundo laboral. Exemplo dessa ânsia pela produtividade são as reformas do Novo Ensino Médio, que enchem o jovem de tarefas e de itinerários a fim de que ele se adeque ao mercado de trabalho, mas que acabam promovendo angústia e frustração. Assim, as multitarefas levam ao esgotamento pessoal em prol do capital.

Por conseguinte, com a introjeção da valorização das múltiplas tarefas e do produtivismo, ocorre a atenuação da capacidade de reflexão. Isso porque, quando há a rigidez de sistema que prega a obrigação de crianças e de jovens realizarem múltiplas tarefas para otimizarem o tempo, sendo isso materializado na educação básica e na formação profissional, ocorre o desenvolvimento de pessoas alienadas e com mentes automatizadas para o produtivismo, levando ao atenuamento das relações sociais, que se tornam artificializadas já que indivíduos deixam de pensar sobre valores humanos, e da introspecção, em que o cidadão não reflete sobre si mesmo e o seu redor. Dessa forma, com a menor reflexão, os indivíduos tornam-se alienados e os vínculos sociais são afetados. Prova disso é o pouco tempo destinado a atividades de reflexão na educação básica, como o pouco tempo destinado às artes e à filosofia. Logo, observa a atenuação da capacidade reflexiva devido ao desejo do produtivismo e das multitarefas.

Entende-se, portanto, que a educação básica e a formação profissional forçam discursos de aplicação de multitarefas nos jovens e nas crianças em nome da lógica produtivista neoliberal, o que corrobora enfraquecimento de ações reflexivas e pode levar a práticas de alienação. Desse modo, na sociedade atual, a multitarefa silencia a reflexão.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
44,5

A EDUCAÇÃO COMO BÚSSOLA DO CAPITALISMO

Na Antiguidade, os gregos enxergavam o trabalho como símbolo da decadência e o ócio como elemento edificante e fundamental à reflexão e à atuação política em prol da sociedade. Esse cenário reverte-se na contemporaneidade, em que a supervalorização da produtividade, decorrente da ascensão do capitalismo, norteia a educação básica e a formação profissional. Nesse contexto, a decadência do tempo livre e do lazer atenta ao bem-estar da população e à harmonia das relações sociais.

De fato, a lógica capitalista funciona como bússola, gerando o método de ensino nas escolas e universidades. Isso ocorre, na medida em que, análoga à valorização do lucro, está a validação do estudante baseada, unicamente, em notas. Nessa perspectiva, as salas de aula distanciam-se da ágora grega, que era local de discussão e debate, consolidando-se como um espaço de transmissão e apreensão de conteúdos, onde a influência dos princípios capitalistas, como a superprodutividade, corrobora a desumanização do aluno e gera prejuízos à criticidade desses indivíduos. Dessa forma, moldam-se cidadãos hábeis à realização de multitarefas, mas vulneráveis à manipulações, por exemplo, mediante a fake news disseminadas nas redes sociais e ao estímulo à hábitos excessivos de consumo, isto é, formam-se marionetes do capitalismo.

Além da acriticidade e da alienação, o norte econômico contribui para a desvalorização das artes e da sociabilidade. Em ambientes de ensino e formação profissional exageradamente preocupados com resultados pragmáticos, é inevitável que hajam prejuízos às capacidades socioemocionais dos indivíduos, os quais, por estarem exaustos e focados em conteúdos de livros didáticos, são privados de música, das artes plásticas e da interação social. Desse modo, o desenvolvimento de multitarefas exclui e lesa habilidades essenciais à vida adulta e profissional, como a sensibilidade e a empatia. Logo, formam-se médicos capazes de diagnósticos, mas falhas em comunicar notícias ruins à seus pacientes e famílias, assim como advogados que conhecem a lei, mas não conseguem comunicar-se com seu cliente e juri.

É visível, pois, que a educação básica e a formação profissional são visceralmente afetadas pelo capitalismo. Tal realidade materializa-se na valorização das multitarefas em detrimento da reflexão, o que resulta em uma população alienada e com frágeis laços emocionais.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:

44,5

DESEDUCAÇÃO

A educação básica — que deveria promover a geração de indivíduos de pensamento independente — está, atualmente, em função da formação profissional. Isso é resultado da contaminação da educação pela lógica mercadológica utilitarista e decorre em pessoas multitarefa, mas rasas e com limitada capacidade reflexiva. Logo, a perversão educacional de sua verdadeira função se deu em decorrência do interesse capitalista em formatar trabalhadores e esvaziou o poder de reflexão da sociedade.

Em primeira análise, a necessidade de inserir formação profissional na educação advém da Revolução Industrial. Nesse contexto, os capitalistas promoveram capacitação da mão-de-obra baseada em conhecimentos compartimentalizados e industrialmente úteis, com foco na habilidade de multitarefas, ou seja, promoção de atenção ampla e rasa. Dessa forma, os interesses de mercado, fortalecidos pós Revolução Industrial, impuseram a formação de pessoas produtivas que obedecem ao ritmo imposto sem questioná-lo. Por causa desse interesse, a mentalidade subserviente e multitarefas foi implantada, em detrimento da capacidade reflexiva e crítica, nos currículos escolares, preenchendo-os com conteúdos diversos e industrialmente úteis, mas sem aprofundá-los.

Em segunda análise, a perda da habilidade reflexiva resultou em uma sociedade superficial, não apenas em conhecimentos, mas também nas relações. Nesse sentido, houve supervalorização da aparência, culminando no que, segundo o filósofo Guy Debord, chama-se “Sociedade do Espetáculo” — que consiste na utilização de “imagens-espetáculo” para intermediar relações sociais —. Desse modo, as pessoas são cada vez mais bombardeadas por imagens e informações fragmentadas e, em decorrência disso, perdem a habilidade de focar em apenas um assunto e já não têm mais vontade de entendê-lo de maneira aprofundada. Assim, a míngua da reflexão, aliada à multiplicação de “imagens-espetáculo”, resulta em saberes e relações rasos que, por sua vez, diminuem ainda mais a capacidade reflexiva, gerando um ciclo em que as pessoas tornam-se cada vez menos profundas.

Portanto, a educação básica passou a ser realizada em função da formação profissional com base em interesses capitalistas-industriais. A partir disso, o poder da reflexão da população diminuiu e ela passou a ser mais rasa em diversos sentidos, além de perder o interesse em aprofundamento de temas. Dessa forma, a deturpação da educação básica culminou na formação de trabalhadores obedientes e úteis aos sistema, mas socialmente e psicologicamente prejudicados. Nesse contexto, há uma valorização cada vez maior de imagens em detrimento de informações.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Alex Guan

NOTA:
44,5

A EDUCAÇÃO ROUSSEAUNIANA: ANTIDOTO PARA A CRISE ATUAL?

Na obra “Emílio”, de Rousseau, o autor defende um tipo de educação afastado dos valores clássicos aristotélicos: enfatiza-se as relações interpessoais e o contato com a natureza, em detrimento do aprendizado voltado para a matemática e estratégias militares, os quais foram hegemônicos por séculos. No entanto, a progressão histórica dos fatos evidenciou um distanciamento, por parte dos iluministas — grupo ao qual Rousseau pertenceu —, em relação às ideias presentes em “Emílio”, já que o advento do liberalismo promoveu um tipo de educação que visava a multitarefa, em contraste com a reflexão. A despeito da discrepância temporal entre o auge do liberalismo e o contexto contemporâneo, a educação vigente ainda enaltece o aspecto da multitarefa e coloca em segundo plano o desenvolvimento da consciência crítica. Dessa forma, a educação básica e a formação profissional devem promover a reflexão em vez da multitarefa historicamente presente, visto que este é defendido pelo sistema econômico atual, para obter capital, engendrando uma alienação generalizada da sociedade.

A educação voltada à multitarefa é desejada pela ordem econômica vigente. O neoliberalismo - doutrina hegemônica do século xxi - afirma a sobreposição dos interesses lucrativos em oposição ao bem-estar individual. Nesse sentido, essa lógica defende um tipo de educação distante de Rousseau em “Emílio”: como o capital é soberano dentro dessa ideologia, os indivíduos são estimulados a convergir ao cenário em que sua produtividade se maximize. Dentro desse viés, a multitarefa vai ao encontro das exigências neoliberais, dado que o indivíduo exerce mais atividades em menos tempo, promovendo maior velocidade de reprodução de capital. Prova desse panorama é a máxima “estude enquanto eles dormem”, difundida nos grupos de estudos para concursos públicos, a qual explicita o estímulo ao aproveitamento produtivo de um tempo originalmente voltado ao descanso. Isso ocorre porque dormir não intensifica a reprodução monetária, ao passo que estudar gera indivíduos mais capacitados em atender às necessidades capitalistas de trabalho. Assim, a multitarefa, no mundo hodierno, é defendido pelo sistema econômico dominante.

Consequentemente, a educação contemporânea deve promover a reflexão, a fim de evitar a alienação estrutural criada pelo sistema econômico. Para manter os indivíduos de uma sociedade favoráveis à multitarefa, a ordem neoliberal cria mecanismos que destoam

dos ideais defendidos por Rousseau em “Emílio”: o incentivo às atividades mecânicas e repetitivas, com a liberação de dopamina e sem contemplação da realidade material, são defendidas pela oligarquia econômica. Nesse contexto, a educação básica e a formação profissional devem estar ligados ao aproveitamento da realidade material, com contato social e diálogo interpessoal, objetivando distanciar-se do mundo digital controlado por empresas neoliberais, os quais visam a multitarefa. Isso se respalda nas redes sociais de vídeo, como o “Tik Tok”, que entregam ao consumidor vídeos curtos com curiosidades alheias e, geralmente, irrelevantes ao cotidiano. Sabendo disso, o governo chinês, recentemente, limitou em até uma hora o uso do “Tik Tok” por crianças, com a finalidade de evitar o vício proporcionado pela liberação de dopamina ao levantar o polegar oponível, passando de um vídeo para outro. Dessa forma, a educação básica rousseauiana deve, para obter êxito, deixar de lado o que não está relacionado à realidade material.

Portanto, a educação básica e a formação profissional contemporânea devem valorizar a criticidade gerada pela reflexão, uma vez que vão de encontro com a lógica neoliberal vigente que almeja a alienação da sociedade. Enfim, a realidade idealizada por Rousseau, na célebre obra “Emílio”, poderá se tornar real.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Daniel Lívio Alencar Cordeiro

NOTA:
44,5

MUITO DINHEIRO E POUCA REFLEXÃO

No período Paleolítico, que durou milhares de anos, o ser humano seguia o tempo da natureza, uma vez que caçava e coletava aquilo que ela fornecia. A partir da Revolução Industrial e do cientificismo – século XIX –, em apenas 300 anos, as novas tecnologias e o capitalismo neoliberal redefiniram toda a sociedade. O consumo tornou-se símbolo de status social e seu meio, o dinheiro, passou a ser perseguido a qualquer custo, por meio de multitarefas, e em detrimento da reflexão.

Nesse cenário, indivíduos, alienados pela lógica do capitalismo neoliberal, seguem o mantra “o dinheiro tudo compra”. Por isso, buscam acumular o máximo de riqueza, a fim de mais consumir e, assim, obter ascensão social, em uma sociedade que super valoriza o ter. Sob essa perspectiva, com o objetivo de produzir mais dinheiro, apenas o ensino técnico-científico é valorizado, uma vez que ensina sobre o funcionamento da natureza, proporcionando a base para explorá-la ao máximo e transformá-la em lucro. Além disso, com o advento da internet, é possível sempre estar trabalhando, utilizando um computador em uma mão com várias abas de sites abertas (cada uma tratando de alguma tarefa) e na outra mão um celular, respondendo dezenas de mensagens. Tudo isso tem como objetivo ser um funcionário eficiente e obter bons salários.

Contudo, nesse contexto caótico, surge como solução a visão do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Para ele, a educação escolar deve trabalhar conhecimentos socioemocionais, como empatia e vivência em grupo. Sob essa perspectiva, sem o adestramento neoliberal capitalista, promovido desde a infância, é possível que a sociedade perca a alienação capitalista atual e passe a valorizar menos o dinheiro e mais as diversas habilidades humanas, como o conhecimento musical, brincadeiras em grupo e o ócio contemplativo. Tais habilidades promovem a reflexão, que proporciona criatividade e impacto positivo na sociedade. Por exemplo, Newton formulou suas leis devido a uma maçã que caiu em sua cabeça, enquanto contemplava a natureza e a música “Imagine” de John Lennon fez o mundo refletir sobre as guerras.

Portanto, em um mundo no qual obtém-se mais dinheiro por meio de multitarefas, não há espaço para a reflexão e, dessa forma, somos hoje menos humanos que os ditos “primitivos”.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Lucas Martins Pereira

NOTA:

44,5

POR UMA EDUCAÇÃO MENOS MULTIFATORIAL E MAIS MULTIDIMENSIONAL

O psiquiatra Emilio Mira y López atenta para a fundamental diferença que existe entre um estudante e um estudioso: enquanto que, para o primeiro, o estudo é um meio, para o segundo, o estudo é uma virtude em si, cujo valor reside no prazer de desvelar a verdade. Esta última caracterização soa idealizada à luz do atual ensino básico voltado para a multitarefa, em que o sucesso do empreendimento educativo é mensurado em termos de retorno monetário. Nesse sentido, a educação atrelada tão somente à formação profissional reflete uma sociedade perversamente neoliberal que paulatinamente distancia os estudantes da capacidade reflexiva.

Há que se delinear, primeiramente, de que forma a perversidade deriva do ensino de multitarefas. É fácil fazê-lo ao se analisar o lugar-comum de que “é preciso estudar para virar alguém na vida”, do qual se depreende que o sujeito não tem valor intrínseco a não ser que instrumentalize o estudo para acumular capital. Seria equívoco pensar que essa instrumentalização oportuniza a ascensão socioeconômica na medida em que, conforme aponta Marx, ela constitui parte da superestrutura destinada a perpetuar desigualdades econômicas próprias do capitalismo. Recorrendo-se, ainda, às ideias de Paulo Freire, nota-se que a educação voltada para a produtividade limita o oprimido ao sonho de tornar-se opressor, sem que ele de fato se liberte de suas mazelas sociais. Com isso, a educação multitarefa caracteriza-se como forma de inferiorização do indivíduo.

Consequentemente, aos estudantes é reservada nada mais do que a técnica, o que os afasta da liberdade de reflexão. Trata-se de uma tendência já verificada pelos filósofos da Teoria Crítica: o crescimento da capacidade racional do ser humano não foi acompanhado do aumento de sua capacidade crítica. A educação básica profissionalizante – que, por definição, nega o ócio – corrobora para essa tendência na medida em que não inclui, na avaliação do sucesso do ensino-aprendizagem, fatores como a saúde física e mental, a capacidade contemplativa, o senso de integração com a comunidade, dentre outros. O estudante submetido a essa forma de ensino torna-se, então, um ser unidimensional, acrítico e desengajado, com a falsa satisfação de poder realizar muitas tarefas simultaneamente.

Em suma, a educação profissionalizante é instrumento de opressão social e individual quando limitada apenas à multitarefa. Se as escolas almejam criar cidadãos verdadeiramente multidimensionais, compete-lhes um ensino pautado na reflexão; só assim, o estudo terá valor em si.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Mariana de Miranda Barduco

NOTA:

44,5

A EDUCAÇÃO BÁSICA COMO SINTOMA DE MODELOS ADOECIDOS

Na Grécia Antiga, em especial na democracia ateniense, os cidadãos eram os homens que tinham ócio, ou seja, que não dependiam de trabalhos e, por isso, podiam dedicar-se integralmente à política e à vida comunitária. Com o advento da modernidade, tal concepção do ócio como fundamental ao desenvolvimento da cidadania e da virtude perdeu espaço conforme a efetividade e a simultaneidade, simbolizadas na multitarefa, eram valorizadas. Isso responde ao produtivismo capitalista, que propõe uma forma de educação voltada à formação de indivíduos economicamente úteis. Nesse sentido, o modelo de escola atual é designado de um sistema econômico que privilegia a multitarefa como símbolo de produtividade. Assim, a formação sociocultural fica em segundo plano, já que a reflexão crítica pode ser danosa à manutenção de tal economia utilitarista.

Cabe analisar, inicialmente, como a estrutura capitalista proporciona a criação de um modelo educacional voltado exclusivamente ao trabalho. Historicamente, a educação básica é fruto do processo de consolidação da sociedade burguesa, no contexto do século XIX europeu. Nesse cenário, a escola surge como o local de preparação para integrar-se ao mundo produtivo, de modo a ensinar valores como a busca por eficiência e por sucesso, sendo que este era entendido como sinônimo de bom cargo e salário alto. Inaugura-se, assim, uma forma educacional rígida e limitada, chamada por Paulo Freire de “educação bancária”, referindo-se à transmissão do conhecimento hierarquicamente e ignorando a constituição do aluno como sujeito. Tal modelo é visível, na atualidade, nas escolas técnicas, que se proliferam no Brasil, voltadas justamente à busca por produtividade, ao transformar o ensino na formação profissional. Vale ressaltar que essas instituições são um exemplo prático da multitarefa, por sugerirem que é possível educar e preparar ao trabalho simultaneamente.

Considerando o modelo educacional descrito, é possível compreender porque a reflexão crítica aparece como um perigo à manutenção desse sistema utilitário. Pode-se tomar como exemplo o fato de que a obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, tornou-se um verdadeiro tabu na sociedade brasileira, em especial em sua ala conservadora. Isso se deve à defesa que tal documento faz de uma forma de educação que privilegie a criatividade e que vise à emancipação intelectual do aluno e do professor, à medida que ambos relacionam-se de modo complementar e conjunto. Esse apelo à constituição de uma educação libertadora ameaça o modelo atual e, por conseguinte, o próprio sistema econômico a que ele responde, ao tirar do foco da escola a formação profissional e a criação de indivíduos movidos pelo produtivismo.

Portanto, observa-se que ainda impera, na atualidade, a educação básica como meio de criar adultos produtivos, úteis e restritos ao trabalho. Nesse sistema, não há espaço para o ócio ou para a reflexão — pelo contrário, estes são até mesmo indesejáveis, por ameaçarem o modelo econômico vigente.



CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
43,5

EDUCAÇÃO BÁSICA PARA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS ALIENADOS

Na Antiguidade Clássica, havia uma clara preocupação com a educação como ferramenta essencial para a petrificação de uma mentalidade voltada à reflexão e à participação política, além de uma valorização grande do ócio, visto como instrumento que permitiria aos filósofos e políticos pensarem em ideias que ajudassem a melhorar a vida dos cidadãos e a organizar a sociedade. Já na Idade Média, em contraposição ao estímulo da educação para todos os cidadãos, ocorreu um controle de quem poderia acessar o conhecimento, de sorte que a educação tinha se tornado ferramenta de manipulação social para a manutenção dos constructos sociais. Na contemporaneidade, por sua vez, o sistema político-econômico neoliberal manifesta a imperatividade do *modus vivendus* do trabalho alienado, pautado em uma educação competitiva em detrimento da valorização da reflexão e da capacidade de multitarefa.

"A priori", ao analisar-se a evolução das espécies, é notório que a técnica de atenção foi nevrálgica para a sobrevivência das espécies, fato bem observado em mamíferos na figura materna, que, concomitantemente, deve vigiar sua prole, alimentar a si mesma e os filhotes e se esconder de predadores. Essa habilidade tornou-se fulcral para uma boa formação profissional, tendo em vista que, cada vez mais, exigem-se habilidades multifatoriais para um bom emprego. Associado a isso, também faz-se imprescindível o tempo para o ócio criativo e a reflexão, que são válvulas de escape no cotidiano de excesso de trabalho. Todavia, consoante o ativista indígena Ailton Krenak, em "A vida não é útil", há um ensimesmamento na lógica capitalista que molda a educação dada aos indivíduos, de modo que a valorização da integração entre as práticas escolares e as comunitárias, como ocorre nos povos indígenas ao incluírem, nas atividades da escola, o artesanato e a coleta de produtos da mata, não apresenta espaço na educação convencional no Brasil. Sobre isso, Aristóteles, filósofo grego, preconizava uma vida ética por uma prática constante entre o excesso e a falta. Em contraposição ao preconizado, a educação atual não cultiva a reflexão e a multitarefa e, consequentemente, produz indivíduos com uma ética deturpada, inadequada para o convívio e a solidariedade.

Essa educação hodierna, nesse sentido, é fruto de um viés capitalizante engendrado ao fundamentalismo neoliberal da sociedade utilitarista, que fomenta a alienação e a reificação do sujeito. Isso porque, embebida nas artimanhas da indústria cultural, que gere o tempo pelas lentes do trabalho e gera a sociedade imersa no mercado, sobejam e crescem ideologias que valorizam a produtividade, de maneira que o homem vira vítima da "sociedade do desempenho", termo empregado pelo filósofo sul coreano Byung-Chull Han para se referir a perda de valorização da saúde mental e física em prol de salários irrisórios em uma sociedade cujo "status quo" explora o trabalho do outro. Por conseguinte, análogo à educação do "pão e circo" na Roma antiga, valoriza-se uma educação alienante para produzir operários semelhantes aos apresentados no filme "Tempo Modernos", de Charlie Chaplin, que realizam uma única tarefa e só vivem para o trabalho, de modo que há uma reificação do ser humano, ele vira um objeto, sendo só uma engrenagem do capital. Sob esse ponto de vista, o educador Paulo Freire recomenda uma educação que não seja "bancária", que não apenas deposite conhecimento no aluno, mas que se integre aos valores e conhecimento do aluno. Entretanto, a educação hodierna reitera a alienação e a reificação do sujeito para a consolidação das estruturas de poder.

Portanto, embora a educação básica seja primordial para uma formação profissional adequada, a lógica mercadológica capitalista cria uma ética corrompida, calcada na alienação e reificação do sujeito. Desse modo, tanto a capacidade de reflexão quanto a de multitarefa restam prejudicadas para a consolidação de uma lógica que mede o sucesso pelo salário ganho e anula o ser humano.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
43

O ÓCIO NO COMBATE A UMA SOCIEDADE MECANIZADA

A palavra ócio tem origem grega e era usada para designar o tempo não voltado ao trabalho ou atividades braçais e sim hábil para a dedicação individual à produção intelectual e artística, o que foi fundamental para o exercício da reflexão, o surgimento da filosofia e a identidade cultural da Antiguidade Clássica. Em comparação ao Mundo Ocidental atual, a valorização do ócio decaiu, dando lugar a uma sociedade que avança para a super-produção material, mas, em simultâneo, fabrica indivíduos desatentos, mecanizados e que não possuem tempo livre, ocioso, para a satisfação de aspectos de sua vida descolados do capital. Assim, uma educação básica e profissional pautadas não só no ensino rígido de disciplinas regulares mas principalmente na valorização do ócio como meio para construir a sociedade e seus costumes subverteriam a lógica da multitarefa e mecanização.

O que permeia a sociedade contemporânea é uma razão instrumental, como denominaram os filósofos Frankfurtianos, na qual a ciência e a capacidade reflexiva humana são usadas apenas como instrumento para se atingir a produtividade em larga escala, o que recai sobre a educação, que usa do processo formativo para gerar indivíduos multitarefas e minimizar atividades artísticas, reflexivas ou de lazer que auxiliam na construção de identidades pessoais. O resultado é a precarização do convívio social, a falta de atenção prolongada, já que há uma preocupação constante com diversas atividades simultâneas, e corpos massificados, apenas úteis para produzir e gerar renda, como mostra Michel Foucault ao tratar sobre os desdobramentos de uma sociedade disciplinar.

Em contraponto a essa educação instrumentalizada, uma educação para aproveitamento e construção equilibrada de múltiplas instâncias da vida humana se assemelha ao que defendeu Aristóteles em sua obra "Na Educação". Nela, o filósofo grego ressalta a importância do processo formativo não apenas no âmbito intelectual e profissional, mas também na cidadania, na transmissão de costumes e na construção de relações sociais. Assim, a educação deve ter em vista aspectos integrais do indivíduo e não se utilizar da formação para reduzi-lo a um corpo submisso à dinâmica de mercado.

Diante do exposto, percebe-se a importância de retomar a valorização do ócio, tal como os gregos, na estruturação socio-cultural da comunidade, já que a permanência de uma educação multitarefa só gerará pessoas cada vez mais cansadas, desatentas e desconectadas com a própria identidade e o grupo que as rodeia.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Vitor Luis Ferreira Paiva

NOTA:
43

PAPO DE IRLÂNDES

Há poucos anos atrás, enquanto ainda estava em ativa, o boxeador irlandês Conor Mac Gregor concedeu uma série de entrevistas, nas quais ele repetia frases como: “Van Gogh dedicou sua vida a sua arte e perdeu sua mente no processo... Eu também e quando eu tiver uma grande mansão para morar e um carro diferente para cada dia, tudo isso terá valido a pena”. Essa aparente obsessão do lutador mascara a verdade: uma forma desbalanceada de ver o sucesso em que não há tempo para outras tarefas e reflexões. Em um sistema impregnado pela competitividade, o corpo estudantil e profissional têm aderido a esses discursos, o que, consequentemente, leva eles a uma alienação do esforço.

O capitalismo meritocrático cria organizações de competitividade, que são propensas a venderem esse sucesso desequilibrado. A ordem do capital é pautado pela competição, na qual prevalece sobre o resto aquele que supostamente se esforçou mais, tendo maior mérito. Para pautar tal princípio, criam-se sistemas de seleção que visam escolher alguns dos muitos candidatos para poucas vagas, como o sistema de entrada em faculdades (contexto estudantil) ou em residências médicas (contexto profissional), por exemplo. Para isso, educam-se e formam-se crianças e profissionais por meio do controle do tempo: ao controlar o relógio, é possível suprimir qualquer mínimo tempo livre, potencializando o esforço e o subsequente mérito para passar nesses sistemas de seleção. Dessa forma, com o “bater o ponto no trabalho” ou com o relógio na sala de prova, viabiliza-se um autopolicionamento, no qual a própria pessoa se vigia e reprime qualquer forma de outra tarefa que não a levará ao sucesso. Uma amostra disso é a análise entre a educação indígena, sem esses sistemas de seleção e a supressão do relógio, e a tradicional que foi realizada pela USP (Universidade de São Paulo) e que concluiu que a indígena é muito mais integrada socioculturalmente com a comunidade, sem buscar essa produtividade desbalanceada. Assim, a venda de discursos meritocráticos do boxeador irlandês é facilitada pelas organizações de seleção do capitalismo meritocrático.

Um corpo educacional e profissional forjado na luta obsessiva pelo mérito do sucesso leva, como efeito, a uma alienação do esforço. O grupo de pessoas que é educado a suprimir multitarefas e ócio em razão da produtividade extrema é incapaz de lidar com o tempo livre (ócio). A partir daí, ele passa a vender suas multitarefas e comprar soluções: sua saúde física é resolvida por remédios e cirurgias; os seus lazeres, por não terem sido praticados, são estabelecidos por algoritmos; e a renda (pela qual se lutou tanto) passa a ser controlada por auxiliares financeiros. Tudo isso porque essa pessoa não foi educada para fazer todas essas atividades (que qualquer outra faria), mas sim para produzir ininterruptamente. Uma amostra disso é que a Netflix revelou dados os quais afirmam que há usuários gastam mais tempo escolhendo o que ver do que assistindo algo. Isso mostra essa alienação gerada pelo esforço sem pausas. Sendo assim, depender de terceiros para qualquer tarefa diária que não seja o trabalho é como perder a mente no processo.

Portanto, Van Gogh e Mac Gregor são dois exemplos de uma educação básica e formação profissional desbalanceada. Isso porque se baseia na meritocracia capitalista seletiva que propicia uma alienação sobre o ócio.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
42

A FORMAÇÃO PATOLÓGICA

Émile Durkheim, pensador francês, apresentou como edifício sociológico a tese de que instituições educacionais seriam as principais responsáveis por inserir o indivíduo na sociedade, permitindo a criação de laços interpessoais e a construção de uma identidade por parte do sujeito. Nesse viés, era indispensável um aprendizado que não somente preparasse o cidadão para o mercado de trabalho, mas também que mantivesse sua saúde psicológica e sua idiossincrasia, a fim de evitar a anomia, isto é, adoecimento social. À luz desse contexto, torna-se nítida a enfermidade hodierna, a qual se manifesta tanto na forma profissional quanto na intelectual coletivas.

É lícito explicitar a infecção engendrada pela exigência de um trabalhador multitarefa na contemporaneidade. Acerca disso, o filósofo Byung Chul-Han descreve a atual sociedade como “Sociedade do Desempenho”, na qual é essencial que os indivíduos se profissionalizem em diversas áreas a fim de conquistar uma vaga empregatícia, em detrimento de sua capacidade de interagir com seus companheiros na empresa. Dessarte, analisa-se apenas a lucratividade do empregado e negligencia-se em sua formação a formação a proficiência em estabelecer laços interpessoais, valorizados por Durkheim, uma vez que ela não apresenta apelo econômico. A reação imunológica a essa conjuntura mostra-se no fenômeno da “Demissão silenciosa”, no qual, exaustos de seus locais de trabalho que não apresentam conexões que os instiguem a investir mais tempo em suas funções, os indivíduos deixam gradualmente de frequentar seus escritórios. Logo, a primazia das habilidades mercadológicas, como o domínio de softwares, causa a internação da união humana.

Outrossim, o sistema educacional encontra-se anômico, visto que constitui um óbice à diferenciação dos alunos e, conseqüentemente, a sua saúde mental. Nesse sentido, destacam-se as ideias do professor Paulo Freire, o qual denominou o aprendizado neste íterim “Educação bancária”, marcado apenas por capacitar o estudante ao mercado de trabalho ao comportamento multitarefa, restringindo práticas consideradas ociosas, a exemplo de brincadeiras em grupo, pois elas não propiciam lucro. Destarte, sem o contato com as diferenças alheias, torna-se impossível a gênese da identidade do discente, segundo a “Alteridade”, do sociólogo Emmanuel Levinas, o que leva o jovem, futuro adulto, a desenvolver múltiplos problemas psicológicos pela ausência de autoconhecimento e, portanto, de habilitação para resolução das efemérides internas. Eis a doença do século XXI.

Conclui-se que a mercantilização da vida ameaça a vivência em coletivo. Por conseguinte, a única profilaxia visível nesse tenebroso cenário é a adoção dos princípios de Durkheim, abandonando o desempenho patológico e adotando o ócio restaurador.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: João Pedro Ronqui

NOTA:
42

PRODUTIVIDADE E ALIENAÇÃO: O CAMINHO PARA A INVOLUÇÃO HUMANA

Em uma sociedade permeada pela mentalidade do desempenho, os seres humanos são condicionados, desde a educação básica, a serem meros animais produtivos, visando ao lucro. Por isso, a capacidade reflexiva foi abandonada, sendo substituída pela formação profissional e multitarefa, característica necessária na sociedade contemporânea. Isso se deve às imposições capitalistas sobre o homem pós-moderno, o que o tornou um ser alienado e não reflexivo.

Em primeiro plano, o sistema capitalista da atualidade é responsável por moldar a mentalidade humana de modo a atingir seus interesses. Dessa forma, como descrito por Foucault, todas as instituições sociais são responsáveis por imprimir, nos homens, os valores das classes dominantes. Por isso, percebe-se que, ainda na infância, os seres humanos são treinados e ensinados pela perspectiva produtiva, como observado nas diversas escolas técnicas presentes no país, por exemplo. Assim, a formação profissional e multitarefa do homem contemporâneo ocorre desde o momento em que há sua inserção social até o fim de sua vida.

De maneira consequente, a sociedade humana hodierna tornou-se irreflexiva. Como Marx explicou, essa urgência produtiva faz com que os trabalhadores voltem sua total atenção para o trabalho e, dessa maneira, esqueçam-se de exercer atividades intelectuais e recreativas, tornando-se, assim, seres alienados. Com isso, as capacidades reflexivas da espécie humana tornaram-se pouco desenvolvidas, aproximando, então, os homens dos demais animais selvagens. Diante disso, percebe-se que a alienação do trabalhador é responsável por fazê-lo retornar a seu estado primitivo e não racional.

De fato, é perceptível a influência capitalista no comportamento humano da atualidade. Portanto, conclui-se que a formação profissional dos homens desde a educação básica é determinante para a criação da mentalidade multitarefa e produtiva nos seres humanos, gerando, assim, pessoas alienadas e sem capacidade reflexiva, que objetivam apenas o lucro.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Marina Isadora de Andrade Lemos

NOTA:
42

ODE AO FRENÉTICO, ÓDIO À CONSCIÊNCIA

Desde o princípio da filosofia ocidental, com Aristóteles e outros pensadores gregos clássicos, assinala-se o privilégio da reflexão como uma necessidade inerente ao homem em suas análises internas e externas, mas também como um exercício limitado às elites de sua época, que justificaram inúmeros horrores, a exemplo da escravidão, para garantir esse restrito processo. Nesse ambivalente sentido, descortina-se a face dupla do aprendizado, técnico e ocupacional, dividido entre a multitarefa e a contemplação profunda, marcada tanto pela repulsa ao tempo livre quanto pela assimetria na imposição da simultaneidade.

Diante desse conflitante prisma, emerge a contrariedade inflexível ao ócio, gerada pelos novos valores existenciais burgueses, na construção desse complexo panorama. Por meio de máximas populares tal qual “tempo é dinheiro”, transparece a praga ansiosa do capitalismo que, por meio do feitiço do lucro, exige a produtividade incessante, contaminando a lógica hodierna. Isso posto, a (ir)racionalidade moderna deixa de enxergar o estático como uma ferramenta de compreensão de si e do mundo, passando a vê-lo como uma ameaça a um verdadeiro desvalor comum. Assim, a deturpada ética contemporânea conformada aos princípios materialistas advindos da ambição financeira, deforma sua impressão do silêncio introspectivo que passa a ser um pecado pós-moderno, uma rebeldia injustificável contra a santidade do trabalho e a potência econômica do esforço.

Outrossim, é preciso ressaltar a relevância da desigualdade na delegação dos esforços múltiplos, invariavelmente concentrados nas parcelas disponíveis de poder da população. Seguindo esse raciocínio crítico, a escritora Carolina Maria de Jesus, em sua obra “Quarto de Despejo”, traz à luz a intersecção de obstáculos enfrentados pelos grupos marginalizados e pouco instruídos na procura da introspecção, uma vez que suas responsabilidades sobrepostas e os preconceitos colocavam-se contra essa busca interior. Dessa forma, a criatividade consciente conjuga-se um luxo escasso para as camadas menos favorecidas do tecido social, que continuam resistindo contra as injustas algemas do automatismo, ecos do passado escravocrata pátrio, indisposto a reconhecer a sede de cultura e de presença daqueles que tanto despreza, suprimindo seu ímpeto ocioso.

Logo, depreende-se que a jornada pelo conhecimento, seja ele teórico ou profissional, é comprometida pelas noções exploratórias da atualidade — desde a raiva dirigida à contemplação exclusiva, tomada como heresia num presente dinheirista, até a disparidade na opressão intelectual, que arronia das mãos dos periféricos o sonho de pensar livre do indivíduo e de sua condição. Ante esse contexto, prevalece o “status quo” desenvolvido na Grécia antiga em que se restringe o saber e, logo, garante-se a manutenção do sistema que sufoca o oprimido.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Caroline Pina Santos

NOTA:
41,5

TEMPOS MODERNOS: PRODUZIR OU REFLETIR?

No clássico filme "Tempos Modernos", Charles Chaplin retrata um sistema de trabalho degradante, em que o operário exercia suas atividades em um ritmo frenético, em função da velocidade da máquina. De maneira análoga, fora da ficção, vive-se, na atualidade, em um mundo acelerado, em que as pessoas exercem inúmeras funções em um curto intervalo de tempo. Nesse âmbito, com o foco da educação básica e da formação profissional na produção de trabalhadores multitarefas, o investimento no indivíduo como ser humano fica prejudicado, já que este é desumanizado e transformado em apenas mais uma ferramenta do sistema produtivo. Tal problemática persiste devido à busca pela alta performance, a qual afeta os homens de forma negativa, pois eles não têm mais momentos de ócio e de reflexão.

Nesse viés, é dada importância exacerbada ao estudo e ao trabalho, os quais, apesar de essenciais, não constituem a totalidade do ser humano, visto que não abrangem, por exemplo, os campos da moral e da saúde, muitas vezes ignorados. Com isso, constata-se um exagero na procura por produtividade e por salários elevados, visando não apenas ser alguém de sucesso, mas se mostrar como tal para os demais. Sob tal ótica, no livro "Sociedade do Espetáculo", Guy Debord diz que as pessoas agem como se apresentassem uma performance, porque abandonam seus valores e sua identidade na tentativa de impressionar terceiros. Assim, os princípios e o equilíbrio são deturpados e os indivíduos aderem a jornadas degradantes a fim de serem bem sucedidos e de provarem a sua capacidade de vasta produção.

Como consequência, o cidadão apresenta-se acelerado para a sociedade e, desse modo, perde seus momentos de tranquilidade e de reflexão. Por isso, ele não consegue mais refletir sobre seus princípios e sobre tudo aquilo que é importante para ele, perde a sua identidade e torna-se apenas mais um, assim como as demais pessoas a sua volta. Nesse sentido, a filósofa Hannah Arendt apresenta o conceito de "Banalidade do Mal", o qual diz que, por ser repetido várias vezes, o mal torna-se comum e passa a ser aceito no meio social. Com essa normalização, o problema persiste e causa séria degradação à saúde humana, já que leva o trabalhador à exaustão, sem respeito aos limites físicos e psicológicos. Um exemplo disso é o crescimento da Síndrome de Burnout, em que há esgotamento da disposição do indivíduo devido ao exagero de esforços, o que resulta em queda da capacidade física e mental.

Observa-se, portanto, que a atual busca pela alta performance leva à deteriorização do homem, que não somente se adequa à máquina, mas também se transforma em uma máquina. Destarte, a moral, os princípios e a identidade humana se degradam, à medida que a humanidade produz mais e pensa menos. Dessa maneira, a narrativa vista em "Tempos Modernos" transforma-se em realidade e os trabalhadores, todos iguais, passam a ser vários Charles Chaplin's.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Pedro Guilherme Cortez

NOTA:
41,5

A MULTITAREFA E A REFLEXÃO NA SOCIEDADE NEOLIBERAL

No século XXI, há, no cenário mundial, o predomínio do capitalismo neoliberal como modelo econômico. Por pressionar os indivíduos nele inseridos a buscar vantagens financeiras em todas as suas ações, a adoção desse sistema precede a formação de uma sociedade pautada por instabilidade e consumo, o que interfere em todos os setores desse meio, sobretudo na educação. Nesse cenário, urge a necessidade de debater acerca dos papéis da multitarefa e da reflexão nos contextos de educação básica e formação profissional no neoliberalismo. Assim, afirma-se que a multitarefa é resultado da pressão exercida nos indivíduos pela sociedade neoliberal, da qual à manutenção a reflexão se faz oposta.

Em primeiro lugar, o meio social no qual se emprega o neoliberalismo pressiona os cidadãos desse grupo a serem multitarefa. Isso se dá porque esse contexto social é caracterizado por sua volatilidade, de forma que as relações profissionais sejam cada vez mais instáveis. Nessa circunstância, o trabalhador é obrigado a “pensar no próximo passo” constantemente, a fim de estar preparado para enfrentar qualquer desafio que essa instabilidade lhe proporcione. Como exemplo, têm-se os profissionais de T.I, os quais precisam aprender sempre novas linguagens técnicas e sobre como trabalhar com elas porque às inteligências artificiais são “ensinadas” as funções anteriormente desempenhadas por indivíduos desse grupo profissional. Logo, o sistema neoliberal, e a volatilidade social por ele causada, pressionam as pessoas a serem multitarefas.

Além disso, a reflexão consiste em um obstáculo à manutenção do neoliberalismo. Para seu pleno funcionamento, esse sistema econômico necessita que o ato de consumir seja intrínseco aos indivíduos, e essa relação é obtida por meio da alienação daqueles inseridos em meios neoliberais, de forma que é vinculada ao consumo a ideia de felicidade. No entanto, a capacidade de refletir se mostra como uma barreira a essa alienação, pois os indivíduos que podem refletir facilmente desvinculam a felicidade, ou outras emoções, do consumo, resistindo à adoção de um modelo de vida consumista. Dessa maneira, a reflexão se faz oposta à manutenção da sociedade neoliberal.

Portanto, em um contexto de predomínio do capitalismo neoliberal, em relação à educação básica e à formação profissional, a multitarefa se dá como fruto de pressão da sociedade neoliberal e a reflexão é oposta a manutenção desse meio.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Pedro Gabriel Silva

NOTA:
40

UM MEIO PARA HARMONIZAR A MULTITAREFA E A REFLEXÃO

Na fábula da Cigarra e da formiga, esse último inseto é apresentado frequentemente preocupado, pois, diariamente, carrega o seu alimento até o formigueiro pensando em, além de se alimentar imediatamente, formar um estoque para que possa se manter vivo no inverno. Analogamente, na educação básica e na formação profissional, os alunos estão em constante apreensão, pois devem efetivar tarefas, como inúmeras provas e trabalhos, que ampliaram seu desempenho e determinarão a sua permanência futura no curso. Isso reflete uma lógica estoica, segundo a qual a vida do humano apresenta conformidade com a vivência natural e nos mostra que a multitarefa, sob contexto deveu processos educacionais, gera nos indivíduos um estado de atenção ampla que remete aquele apresentado no mundo selvagem, que buscava a garantia da sobrevivência, como no caso da formiga.

Diante dessa questão, vale ressaltar que, para indivíduos inseridos nesse contexto, o processo reflexivo não deve se limitar aos momentos em que estão produzindo, pois o lazer também pode apresentar benefícios para esse ato. Para debater isso, considera-se o caso do quadro "The Banjo Lesson", em cujos quadrantes centrais há um homem ensinando um garoto, que está em seu colo, a tocar um Banjo. Ao lecionar tal prática, o que não é feito em escolas, esse sujeito transmite um repertório artístico a esse menino que pode entretê-lo em momentos de solidão ou aproxima-lo de outras pessoas que realizam tal atividade, pois, nesse caso, possuem um conhecimento cultural em comum, o que faz com que desenvolvam um senso de pertencimento a uma comunidade. Essa obra nos mostra que, quando um ato reflexivo, no caso da obra um de caráter musical, é realizado fora dos ambientes de educação básica ou da formação profissional, ou seja, nos momentos ociosos, ele abre uma nova porta para fatores como entretenimento solitário ou o estabelecimento de vínculos narcísicos, pautados na identificação entre os sujeitos.

Entretanto, é possível que a multitarefa e a reflexão sejam harmonizados na educação básica e na formação profissional. Para debater isso, considera-se um caso hipotético em que uma escola de ensino fundamental, uma vez por semana, leva seus alunos para um centro comunitário que ajuda crianças orfãs, realizando atividades como brincadeiras em grupo, a exemplo da ciranda, distribuição de alimentos e compartilhamento de brinquedos, tarefas de lazer que não deixam de ser educativos, pois os estudantes, ao dialogarem com o grupo auxiliado, aprende sobre a realidade dele e desenvolve valores como empatia e solidariedade, importantes para uma sociedade. Apesar de fictício, essa cena é perfeitamente comprovável não apenas para o ensino básico, pois ambientes que promovem a formação profissional, como faculdades, também podem propor essa situação e Tal cenário nos mostra que a integração entre atividades escolares e práticas comunitárias harmoniza a multitarefa, que ficará mais leve com a realização de ações prazerosas e a reflexão, que será beneficiada com a transmissão de valores importantes para o convívio social.

Portanto, na educação básica e na formação profissional, que podem propor rotinas e situações semelhantes, entre a multitarefa, que se associa a uma lógica estoica e a reflexão, que pode ser benéfica no lazer, encontra-se a realização de práticas comunitárias, que podem harmonizar esses fatores.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: João Tomás de Camargo Silva

NOTA:
39,5

EDUCAR: ENTRE A BUSCA ETERNA E A COMPREENSÃO ATEMPORAL

Na obra existencialista “Todos os Homens são Mortais”, de Simone de Beauvoir, é marcada a história do imortal. Conde Fosca e da incessante Regina. A relação da dupla é marcada pela estaticidade reflexiva do homem e pela busca imparável da mulher pelo eterno. A moça age cegamente em busca da prosperidade material e negligencia as consequências metafísicas da eternidade. Analogamente, na contemporaneidade, a procura eterna pelo lucro silencia a atividade reflexiva humana, o que compromete a formação do indivíduo. Nesse contexto ordenado pelo capital, a cadeia educacional, do sistema básico ao profissionalizante, usurpa do sujeito sua capacidade reflexiva, ao impor nele a multitarefa alienante. Em oposição a essa ordem, grupos marginalizados desafiam-na com outras propostas educacionais.

Em uma conjuntura capitalista, a educação é moldada em função da produção e não do indivíduo em desenvolvimento. Nesse sistema, elites, donos dos meios de produção, privilegiam a multitarefa e não a reflexão, pois enquanto a primeira ocupa e profissionaliza as pessoas, a segunda as torna conscientes de sua exploração. Dessa forma, a burguesia controla o sistema educacional para a perpetuação da alienação que, para a perspectiva marxiana, educa inadequadamente alguém hábil e submisso ao mercado. Nessa óptica, tanto a lei de 2023 do Estado de São Paulo que busca reduzir, na educação básica, aulas de sociologia e filosofia — associadas ao pensamento crítico — quanto a Reforma Federal do Ensino Médio, que visava à profissionalização do estudante, negligenciam o desenvolvimento sociocultural. Assim, a exploração é evidente: a busca eterna pelo capital leva a educação às ruínas.

Em contrapartida a essa ordem mercantil, grupos marginalizados sustentam percepções holísticas da educação. Por esse motivo, seja no início ou ao longo da formação, para quem nega o lucro eterno, o essencial é o desenvolvimento de um sujeito consciente e solidário. Sob essa perspectiva, deve-se formar alguém que compreenda a natureza e a sociedade, não alguém que as domine de forma múltipla e alienada. Com esse entendimento, o sociólogo indígena Ailton Krenak argumenta que uma percepção de mundo afastada do capital deve ser ensinada a todos. Na mesma vertente, comunidades quilombolas e tradicionais, como as quebradeiras de coco e as seringueiras extrativistas, educam seus membros em rotinas comunitárias, as quais privilegiam o tempo de convívio à eternidade material. A árdua resistência desses povos já é uma forma de contestar a percepção mercadológica da educação, pautada na multitarefa.

Portanto, é evidente que, para o entendimento mercadológico do capital, a formação multitarefa profissional rege a perpetuação da sociedade de classes até a sua imortalidade almejada. Entretanto, é a visão atemporal de grupos opositores que deve ser perpetuada.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Leonardo Mariani da Costa Cruz

NOTA:
39,5

A EDUCAÇÃO DO AFOGAMENTO

No livro “Angústia”, de Graciliano Ramos, o protagonista Luís da Silva conta que, em sua infância, fora ensinado a mudar pelo pai, que o deixava quase afogar, visando o aprendizado. De maneira análoga à narrativa, nota-se que na realidade atual, a educação e a formação profissional são feitas pelo “sufocamento” dos indivíduos com informações. Esse cenário, preparando o ser humano para a “multitarefa”, acaba por prejudicar grandemente a capacidade reflexiva. Dessa forma, entende-se que o modo como se educa e profissionalizam enfoca o “excesso de trabalho” e, por conta disso, prejudica o aprendizado de outras questões importantes, como o ócio, gerando um contexto de profunda alienação.

Compreende-se, inicialmente, que a educação e a formação de profissionais têm como base a hiper-exposição a conteúdos, o que incentiva o indivíduo a adaptação a um ambiente “multitarefa” e, contraditoriamente, esvazia o pensamento crítico. De acordo com Paulo Freire, em diversas regiões do globo, prega-se por um “ensinamento bancário”, que desconsidera o aluno como agente pensante e o compreende como um “recipiente vazio” a ser preenchido. Desse modo, expõe-se o homem a constantes e opressivas informações sem o tempo adequado para a correta aceitação, o que induz a uma lógica de adaptação e realização de múltiplas atividades simultaneamente. No entanto, como afirma o sociólogo Byung-Chul Han esse “excesso de trabalho” e essa divisão de atenção, ao invés de contribuírem para o progresso, aproximam-nos dos animais. Isso porque, ao distorcer o foco humano para diversos cenários, esse modelo dissipa a capacidade reflexiva e contemplativa que, efetivamente, caracterizaria a humanidade. Sendo assim, no cenário atual, surge uma grande alienação pelo “excesso de trabalho” e de informações.

Ao mesmo tempo, essa forma de ensino nega o aprendizado de aspectos que possuem grande importância na formação individual, como o ócio. Ainda segundo Byung-Chul Han, a capacidade de negar estímulos por conta própria é uma virtude tão importante quanto a ação, e que, apesar disso, é descredibilizada no mundo pós-moderno. Nesse sentido, o “descanso efetivo” se torna um aspecto essencial para que o “ser agente” adquira a maturidade de se isentar da esfera da atividade excessiva, para que possa exercitar o autoconhecimento e a reflexão contemplativa. Com a negação desse aspecto, nos tempos de “não atuação” ou “não-aprendizado”, o indivíduo, não adaptado à valorização do ócio, buscará ocupar-se com outras atividades que, igualmente, sujeitá-lo-ão às mesmas lógicas da esfera da atividade, como é o caso da internet e suas manifestações. Portanto, a falta de descanso intensifica a alienação promovida pelo “excesso de trabalho”.

Em suma, compreende-se que a educação e a profissionalização, no mundo contemporâneo, são cenários que, contraditoriamente, prejudicam a reflexão humana. Tanto por conta dos excedentes informacionais da “educação bancária” e da lógica da “multitarefa”, quanto pela negação do uso eficiente e engrandecedor do ócio, surge uma séria tendência à alienação da sociedade. Da mesma forma que Luís da Silva, em Angústia, o homem moderno é obrigado a aprender a partir do “afogamento”.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Rafael Buosi de Almeida Hernandes

NOTA:
39,5

STATUS QUO

Em 2023, o governo paulista decidiu o aumento da carga horária de português e matemática nas escolas básicas e redução da carga de filosofia. No ambiente universitário, a Politécnica da USP debateu a substituição de algumas matérias, como Cálculo e Álgebra Linear, por uma matéria que aumentaria em 4 horas a carga horária semanal atual dos alunos. Essas pautas nos mostram que a educação básica e a formação profissional não têm ritmo sereno. O ritmo que elas têm é acelerado. Os jovens são inseridos nesse ritmo para prepará-los à demanda do capitalismo atual: muita produção em pouco tempo. Portanto, é essa necessidade que dita o ritmo que a educação impõe aos indivíduos.

Esse ritmo força os alunos a realizarem várias atividades simultaneamente. Por exemplo, muitos cursos preparatórios para o vestibular de medicina oferecem 46 aulas semanais. Dessas aulas, mais da metade são português e ciências da natureza; enquanto menos que 10 delas são ciências humanas, as quais provocam pensamento crítico nos alunos. Todas as matérias possuem exercícios a serem feitos, mas como muitas provas não exigem humanas dissertativas, os alunos as preterem. Mesmo assim, com tamanha carga horária, é comum que alunos estudem enquanto comem, por exemplo. Esse cenário nos permite analisar que a educação básica e a formação profissional estimulam a multitarefa, a qual impede a capacidade de desenvolvimento do pensamento crítico das pessoas. A multitarefa nasce da falta de tempo. Essa falta não permite que os indivíduos pensem sobre os problemas atuais, como concentração de renda. Assim, a multitarefa faz os seres produzirem, mas não os faz refletir.

Ademais, é a reflexão que conscientiza o mudo paradigmas. A Revolução Russa, por exemplo, só ocorreu porque Marx refletiu e escreveu sobre suas reflexões, as quais foram lidas por Lenin, que também refletiu e liderou a revolução. Esse movimento visou desalinhar os operários russos, que estavam sendo explorados e nem sequer sabiam. Em certa medida, a instauração do governo socialista e direitos trabalhistas cumpriu esse papel. Como toda essa cadeia de eventos partiu das reflexões de vários homens, podemos dizer que a reflexão na educação básica formação profissional impede a alienação de quem reflete. Filosofia é uma matéria escolar que promove essa reflexão nos alunos. Reduzir o número de aulas dessa matéria é um plano governamental que visa a manutenção do status quo: trabalhadores alienados e que produzem muito. Dessa forma, menos aulas de filosofia acarretam mais alienação, exatamente o que os políticos almejam.

Isto posto, é inegável que a educação básica e a formação profissional não têm ritmo sereno. Isso é proposital, pois obriga as pessoas a, desde cedo, produzirem e não refletirem por causa da multitarefa que somos obrigados a desempenhar. Ainda, tirar aulas que podem provocar reflexão é proposital para alienar mais ainda a sociedade. Portanto, entre a multitarefa e a reflexão na educação básica e formação profissional encontramos um plano de governo para manter o status quo: muita exploração, alienação e produção e pouca reflexão desde as escolas.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
38

A LOUCURA

Em “A História da Loucura”, o sociólogo Michel Foucault revela, voltando-se panoramicamente ao passado, como o louco anteriormente livre nos feudos - tido, por vezes, como sábio - acaba, após a fase de “patologização”, confinado num hospício, rotulado em termos médicos e silenciado em relação a si. Analogamente, é neste movimento de silenciamento que caminha a educação: se antes ela visava ao engrandecimento do ser, dotado da reflexão, atualmente ela almeja domesticá-lo, instrumentalizando o tempo aos moldes produtivos, com objetivo de confiná-lo num escritório, rotulado em um cargo e silenciado em uma selvagem multitarefa.

Esse caminho percorrido pela educação faz-se nítido no decorrer dos séculos à medida que atividades úteis ao mundo material, isso é, à geração de capital, tomam as rédeas, sucateando a esfera da reflexão. Não à toa, os filósofos que na Grécia formavam a elite intelectual e cortejavam a existência como objeto de estudo puro e óbvio, encontram na contemporaneidade uma luta de resistência contra o corte de verbas e o desprezo do Estado, o qual não enxergava neles a perspectiva de lucrar. (.) Uma guerra de resistência, pois junto à filosofia estão todas as áreas desligadas da geração imediata de capital. Nesse sentido, educar tende ao afunilamento do sujeito ao trabalho e à produtividade, à retroalimentação das estruturas neoliberais, as quais projetam naqueles que aprendem a refletir a loucura.

Dessa forma, impõe-se aquilo que o filósofo Herbert Marcuse denominou de unidimensionalidade: o trabalho, objeto focal da educação hodierna, é visto pelos “sãos” como única possibilidade de existência. Para tanto, o tempo deixou de ser humano, e tornou-se comburento da fornalha da produção. (.) A formação profissional é estipulada em grades horárias, nas quais metas nocivas e avassaladoras são traçadas. É, assim, nas provas bimestrais e seminários semanais que as escolas normalizam o ambiente irreal do trabalho, cujas metas são inalcançáveis. Os multiatarefados sujeitos, enlouquecidos por extensão, são o combustível que queima a fogueira do capital.

Relegados a produzir, os seres são, pois, levados à loucura normalizada, enquanto as atividades culturalmente engrandecedoras são reduzidas ao nada. Assim, os loucos são permutados, e a história da loucura se renova.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
38

ENTRE SONHOS E PESADELOS

Um dos protagonistas do movimento surrealista, Salvador Dali argumentava que tão importante quanto o trabalho focado era o período de descanso. Segundo o pintor, o ócio permite a uma pessoa alcançar potenciais do inconsciente, tanto que existem fotografias do espanhol cochilando em meio ao trabalho artístico para inspirar e reproduzir as maravilhas oníricas. Hodiernamente, sabe-se que não só para acessar outras partes da mente humana servem esses períodos de reflexão, mas diversos benefícios cognitivos também são colhidos, contudo, muitos criticam esses momentos pela falta de produtividade, inclusive rotulando a siesta como uma atividade preguiçosa. Essa mentalidade também permeia o atual sistema de ensino, desde a formação básica até a formação profissional. Num contexto marcado pelo produtivismo, portanto, a educação multitarefa, orientada ao foco, é uma ferramenta de controle de elites dominantes para tornar as pessoas alienadas e passivas. Diante disso, a pedagogia do ócio surge como alternativa para resistir a imposição e os problemas originados dessa atenção em excesso.

Ao se enquadrar numa sociedade neoliberal, os sistemas educacionais são manipulados para formar operários sem discernimento. Isso porque, em uma lógica capitalista, a priorização do lucro exige uma produtividade reforçada pela competição entre os indivíduos. Prova disso pode ser vista nas escolas, nas quais, dos alunos, são exigidos cada vez mais lições de casa e resultados, de forma que são obrigados a relegar tempo de lazer e convívio social e a assumir posições individualistas para alcançarem seus objetivos numa sociedade estratificada por notas. Nesse contexto, o professor Clóvis de Barros aponta para uma população que é super focada em conseguir aprovação nas melhores universidades, os melhores empregos e a ascensão na escada corporativa, porém, que nunca reflete seus propósitos de vida e apenas sustenta esse sistema que é remunerado por suas alienações. Logo, grupos hegemônicos impõe a manutenção de um ensino multitarefa ao formar especialistas que geram retorno financeiro e sem questionar o sistema.

Por conta do produtivismo em excesso, agrava-se, na sociedade, problemas psicossociais, e um retorno à ideologia de Salvador Dali apresenta-se como forma de evitar essas dificuldades. Nesse sentido, a necessidade constante de entregar resultados, seja por uma imposição de um chefe, de um professor, ou até de si mesmo é responsável por um esgotamento psíquico das pessoas. Esse cansaço se tornou tão endêmico que, em 2022, a organização mundial da saúde classificou o burnout como uma doença com CID, e alertou para suas repercussões na saúde, sobretudo no aumento da ansiedade e depressão. A partir desse cenário, novas metodologias de ensino, como as escolas Waldorf e Ponte, preconizam conceitos de desenvolvimento do indivíduo como ser humano, e sustentando interações sociais com colegas e comunidade. Essa mudança na prioridade pedagógica permite evitar a alienação e as mazelas sociais com indivíduos menos individualistas.

A educação básica e formação profissional, portanto, pode ter esse caráter ambivalente, se manipulado por grupos no poder, tende a alienar e causar problemas psicossociais pela produtividade em demasia, no entanto, se configurado para o desenvolvimento do indivíduo, permite resistir essa dominação e os problemas advindos com o cansaço. Dessa maneira, priorizar a reflexão no ensino é uma forma de alcançar sonhos e evitar pesadelos.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Livia Kawamura Bernardi

NOTA:
38

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA O DESEMPENHO

O filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han, em sua obra “Sociedade de Cansaço”, caracteriza a sociedade atual como “sociedade do desempenhos”, na qual o homem se vê obrigado a elevar a sua produtividade ao máximo para que haja a possibilidade de sucesso individual. Esse cenário tem origem no modelo neoliberal de educação básica e formação profissional, que priorizam a multitarefa à reflexão. Isso gera seres pouco contemplativos, cegados pelo elevamento do desempenho econômico, dando origem a uma população que não se dá o tempo de pensar, tornando-se passível de alienação e vítima de violência neuronal.

Convém ressaltar, a princípio, que um ser sem formação para a reflexão não sabe tirar proveito de seu tempo livre, afundando-se na alienação e na cultura de massas. Isso ocorre porque, se não são transmitidos conhecimentos antepassados, se não é ensinada a integração e a cooperação em sociedade, se a pedagogia do ócio não está presente, há a criação de pessoas que, além de hiperativos, são individualizados, sem consciência de seus papéis externos à dinâmica de trabalho, e vazias de conteúdo. Esse panorama é evidenciado pela ascensão de atividades superficiais, como assistir a vídeos de apenas dez segundos — por ser “mais prático” —, em contraponto à decadência de atividades reflexivas, a exemplo da leitura de um livro. Assim, consoante à “Sociedade do Cansaço”, o “Sujeito do Desempenho” perde a sua “vida contemplativa” para a hiperatividade causada pelo “multitasking”, intrínseco à educação básica e à formação profissional neoliberais, ocasionando a hiperpassividade frente à alienação.

Como consequência dessa formação, o homem agride sua saúde mental ao priorizar a multitarefa, não aproveitando o ócio, para perseguir a “vida ativa”, que trará retorno financeiro. Nesse contexto, o ser passa a explorar a si mesmo violentamente, por causa de uma cultura extrema de positividade que ele, ao não refletir, acaba sendo dominado. Isso leva à necessidade daquilo que Byung chama de “doping cerebral”, ou seja, a ingestão de químicos que, artificialmente, permitem que o homem deixe de relaxar para manter suas atividades econômicas, encobrendo a violência neuronal que tal educação e formação implicam. Portanto, essa dinâmica expõe a priorização da produção à saúde humana presente no neoliberalismo.

Destarte, a educação básica e a formação profissional capitalistas geram seres hiperativos, doentes e alienados ao permitir que seja criada uma população baseada na multitarefa compulsória a fim de um alto desempenho. Então, surge a “Sociedade do Cansaço”, a qual não foi ensinada a descansar, tornando-se, assim, uma sociedade hiperpassivo, que, como o supracitado filósofo caracterizou, só consente tais explorações por não saber pensar/negar, semelhante a um computador pré-programado.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
36,5

MULTITAREFA: A VIRTUDE DO CONSUMO

Em Atenas, o ócio era visto como uma virtude — apenas livres do trabalho mundano, poderiam se pensar o Governo e a Democracia. Em drástico contraste, a sociedade contemporânea despreza a atividade reflexiva, por ser improdutivo. As demandas dessa sociedade capitalista criaram um arcabouço no qual reina a multitarefa, a educação básica e a formação profissional se modificaram, para buscar suprir essas demandas.

À medida que o capitalismo neoliberal e a lógica utilitarista transcendem dos meios econômicos para os sociais, a multitarefa, cada vez mais, prevalece sobre a reflexão. A teoria marxista do Materialismo Histórico postula que a sociedade se desenvolve a fim de privilegiar a produtividade, dessa forma, cria-se um paradigma no qual o consumo é a finalidade de todas as atividades. Assim, se fomenta a ideia de que a expressão máxima do sucesso e da felicidade é o quanto se consome, o que justifica a prevalência da multitarefa — que gera bens — sobre a atividade intelectual.

Somado a isso, a sociedade vê a educação como um meio e esse deve se submeter às demandas sociais de consumo. Um exemplo disso é o “Novo Ensino Médio” que propõe, com seu currículo, gerar não pensadores e sim trabalhadores. Dessa forma, a educação e a formação profissional se tornam ferramentas de transformar pessoas em engrenagens produtivas, alienadas, em detrimento de gerar cidadãos conscientes, capazes de criticar e modificar os arranjos opressivos, perversos do “status quo”.

Portanto, como defendia Marx, a sociedade evolui de maneira a privilegiar a produção e, por conseguinte, também modificam-se os papéis da educação básica e da formação profissional. Essas acabam por ser relegadas a um segundo plano, de promotoras da multitarefa e supressoras, paradoxalmente, da reflexão e do ócio.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
48,5

A VIDA DEVE SER REFLEXIVA

A Revolução tecnocientífica-informacional, que se caracteriza pela intensa presença de tecnologia tanto na produção industrial quanto na vida pessoal desde o final do século XX, intensificou o fenômeno mundial da globalização e facilitou, por meio de redes virtuais, o transporte de informações e serviços, com ganho em produtividade. Apesar das vantagens, principalmente econômicas, que tal revolução trouxe, nota-se, no âmbito comportamental, o aumento da infelicidade no mundo, com a depressão caracterizada como a “doença do século XXI”. Assim, percebe-se que uma vida pessoal pautada na produtividade trazida pelos progressos tecnológicos, por meio de um comportamento “multitarefa”, é prejudicial à saúde humana e portanto, modos de vida condizentes com a natureza humana devem ser pensados e debatidos na sociedade moderna.

Em princípio, é perceptível que a consolidação do capitalismo na contemporaneidade é responsável pela crescente intersecção entre a vida profissional e a vida pessoal. A constante busca pelo lucro, que caracteriza tal sistema econômico, afeta negativamente os indivíduos da sociedade, que normalizam a constante ascensão social como meio de obtenção da felicidade. De acordo com o sociólogo Paulo Freire, o sistema educacional brasileiro reproduz a chamada “Educação Bancária”, em que o “conhecimento”, pertencente à elite dominante, é transmitido passivamente do professor ao aluno nas escolas brasileiras, e constitui um meio de normalizar e manter o modo como as pessoas devem se portar na sociedade, estimulando a vida baseada na multitarefa. Desse modo, percebe-se que o ambiente escolar é, em parte, responsável pela perpetuação de modos de vida pautados no trabalho e que idealiza o sucesso financeiro como felicidade, necessitando, portanto, reformulação.

Ademais, é pertinente apontar que, na sociedade capitalista atual, é de interesse econômico para as empresas que as pessoas pensem menos e comprem mais. O conceito de “indústria cultural”, dos sociólogos da Escola de Frankfurt, explica essa situação da contemporaneidade, ao evidenciar que, na atualidade, as próprias formas de pensamentos e culturas são inseridas no contexto mercadológico, num processo de mercantilização da cultura que tem caráter alienante. Dessa maneira, a valorização de modos de vida que estimulem não apenas a leitura, mas também a constante reflexão acerca do modo que a vida é vivida é essencial no combate à alienação e constante crescimento da infelicidade e depressão na sociedade.

Conclui-se, portanto, que a maneira com que a sociedade atual é constituída, baseada na constante busca de sucesso e de lucro, é prejudicial à condição humana, sendo necessário a procura de modos de vida alternativos que valorizam a introspecção. Afinal, já dizia o filósofo grego Sócrates que uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Amanda Rocha Moraes Ribeiro

NOTA:
48

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DA MULTITAREFA E FALTA DE REFLEXÃO

José Saramago — ovacionado com o prêmio nobel de Literatura — “ensaia” sobre as manifestações da “cegueira” contemporânea, essa apartada do físico e relativa a psique humana; por vezes precursora do caos. Embora não fictícia, a sociedade hodierna “cega-se” à medida que insiste no enrijecimento dos modelos de educação básica — fundamental à formação profissional — e, como narra Saramago, “banha os olhos de leite” daqueles que acreditam na eficiência do “multitarefa” e, consequentemente distanciam-se dos momentos solitários de reflexão. À vista disso, debater-se-á o hiper-estímulo, já na educação básica, de “ser tudo” e a necessidade de reflexão para a formação profissional.

Nesse sentido, o modelo (falido) de educação básica vigente está sucateado pelo incentivo desmedido ao “multitarefa”, uma vez que a “multitarefa”, baseia-se na expectativa irreal de formar discentes “capazes de tudo”; múltiplos em formalidades — não em experiências, subjetividade — que findam na aprendizagem superficial e desperdício de competências individuais. Nesse viés, é pertinente elucidar: a educação básica deve priorizar a formação ampla dos estudantes, concedendo-os experiências múltiplas e aproveitamento de talentos individuais — algo que vai de encontro a multitarefa, pois esse conceito impõe ao aluno a necessidade de “ser tudo”. Mas, eles acabarão sendo “nada”, pois o comprimento dessas multitarefas impede o devido aprofundamento em certas habilidades.

Ademais, explicita-se a necessidade da reflexão — solitária autocrítica — para a formação íntegra de profissionais, uma vez que ser “profissional” não se restringe ao conhecimento formal, mas é também: empatia e fraternidade. É nessa senda que, Drummond — cânone do modernismo brasileiro — versa sobre o “homem e as viagens”, enfatizando a fulcralidade de executar a “dangerosíssima viagem de si a si mesmo” — isto é: necessita-se “viajar” em si mesmo para melhorar-se, ampliar o senso crítico. Nessa complicada introspecção — reflexão —, o homem (profissionais) desvencilhar-se da busca pelo sucesso utópico e o entende sob nova ótica: a coletiva, pois passa a conhecer a si mesmo e percebe que é impossível prosperar, enquanto a humanidade, ensimesmado — fechado em si —, formando-se, pois, um profissional completo e altamente capacitado.

Portanto, é indispensável: precisa-se “descegar” a população. A educação básica e a formação profissional de qualidade necessitam da extinção da multitarefa e fomento à reflexão. Assim, os, hoje, cegos voltarão a enxergar: futuro próspero.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Leonardo Salazar P. N. de Oliveira

NOTA:
46,5

ENTRE O EXCESSO E O VAZIO: A CONSTRUÇÃO DE UMA RACIONALIDADE SAUDÁVEL

A Agenda 2030, acordo firmado por diversos países com o intermédio da Organização das Nações Unidas, possui como principal objetivo alterar a mentalidade da comunidade global acerca de temas relacionados, em grande escala, à natureza, à educação e à qualidade de vida no mundo; além de projetar uma redução das desigualdades e uma existência humana mais digna. Entretanto, observa-se, na prática, que o comportamento global é marcado pela alienação não só diante da multitarefa no espaço global, mas também diante do aproveitamento inadequado do tempo livre pelos indivíduos. De tal modo, é fundamental refletir acerca da herança histórica iluminista e dos baixos índices de criticismo e de independência intelectual hodiernamente.

Diante desse cenário, pode-se retratar como o Iluminismo contribui, até os dias atuais, para que a natureza e para que a própria sociedade sejam vistas como objeto de manipulação - o que, por sua vez, induziu a formação de um tecido civil que preza pelos bens materiais em detrimento dos bens imateriais, tais quais a saúde mental e a capacidade de ser único. A esse respeito, a Escola de Frankfurt, corrente filosófica do século XX, atesta que o movimento iluminista do século XVI criou uma "racionalidade instrumental", ou seja, fortaleceu uma razão voltada para o controle da natureza - e da humanidade - e impediu que as pessoas tivessem uma vida equilibrada, na qual houvesse momento oportuno para atividades de labor, estudo e de ócio - seja para descanso, seja para diversão. Assim sendo, na realidade, verifica-se uma perda da liberdade individual - e coletiva - no que se refere à escolha tanto da carreira profissional a ser seguida quanto do que será feito nos períodos de ócio. Prova disso é, na contemporaneidade, o elevado número de pessoas que seguem carreiras com as quais não se identificam e que, além disso, não são livres para realizar o que desejam e o que têm interesse fora do ambiente de trabalho.

Ademais, é salutar destacar como a inoperância das instituições de ensino impede que a comunidade internacional seja capaz de discernir entre os limites nocivos da alienação por multitarefa e por ausência de reflexão. Sobre isso, relaciona-se o pensamento do antropólogo e educador Paulo Freire, conforme o qual o processo de ensino-aprendizagem deve ser, acima de tudo, ativo e libertador, possibilitando que os jovens sejam críticos e socialmente engajados. Nesse sentido, o modelo atual das escolas e das faculdades é extremamente ultrapassado e limitado, uma vez que inibe a criatividade e busca tornar a cultura e os interesses dos estudantes homogêneos - de modo que eles se contentam com uma vida sobrecarregada de tarefas e com uma racionalidade aparente, já que não se tem controle da própria existência e das vontades individuais.

Portanto, para que o mundo seja um lugar mais justo e, sobretudo, mais acessível a todas formas de vida, é imprescindível a ruptura com os efeitos da razão instrumental, a qual, simultaneamente, sobrecarrega e esvazia a existência do homem. Logo, com o intuito de se alcançar uma racionalidade saudável - e sustentável -, que traga propósito à vida da comunidade mundial, deve haver um equilíbrio entre a realização de diversas tarefas - que possibilita, quando em excesso, a multitarefa - e o vazio de personalidade, demarcado pela falta de criticidade e de autenticidade. Dessa forma, será possível a formação de jovens engajados e qualificados para as demandas da vida pessoal e da coletiva, os quais não serão alienados, nem serão privados dos seus direitos e interesses.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Felipe Maier Coutinho

NOTA:
45

EDUCAÇÃO E TRABALHO NA EMANCIPAÇÃO DO INDIVÍDUO

A educação é indiscutivelmente fundamental na vida humana, pois, por meio dela, as pessoas desenvolvem diversas habilidades, como a matemática e a escrita, que auxiliam os indivíduos a viverem em sociedade de forma mais independente, já que estes adquirem maior capacidade cognitiva, o que proporciona essa autonomia. No entanto, percebe-se uma importante mudança na forma como a educação é gerida: a migração da educação socrática para a educação laboral, em que seres humanos são preparados para ocuparem o mercado de trabalho, o que favorece a ideia de multitarefa sobre a reflexão.

Com efeito, o modelo socrático de ensino, que prioriza a reflexão e o desenvolvimento intelectual, tem sido cada vez mais esquecido nas escolas de educação básica, o que resulta em menores possibilidades de produção intelectual e na mecanização do indivíduo. Sob essa perspectiva, vale destacar a recém aprovada reforma do Ensino Médio, no Brasil, que propõe a redução de carga horária de matérias básicas, como História e Português, para a implantação de matérias técnicas, como programação computacional. Em outras palavras, a educação que deveria proporcionar a emancipação do indivíduo, por meio do desenvolvimento cognitivo, tem migrado para um modelo similar a uma fábrica de funcionários, em que as pessoas são cada vez mais preparadas para realizarem atividades requeridas pelo mercado de trabalho, mercado esse que precisa da constante renovação de trabalhadores para se manter em funcionamento.

Ademais, o modelo de ensino voltado à formação profissional estimula que as pessoas sejam cada vez mais produtivas e fomenta a falsa ideia de que essa produtividade pode ser alcançada pela execução de múltiplas tarefas, tema comumente tratado por Max Gehringer, em seu programa de rádio na emissora CBN. Gehringer destaca que essa aparente habilidade, que é constantemente difundida em faculdades e no mercado de trabalho, não passa de uma ilusão e que prejudica o trabalhador, pois geralmente precisa recomeçar a atividade em decorrência da falta de foco. Sob esse ponto de vista, a educação voltada à formação profissional contribui para a constante dilatação desse problema, pois é um agente propagador dessa falsa ideia de multitarefa como meio para alcançar a produtividade, o que distancia cada vez mais o indivíduo da reflexão, já que ele está extremamente ocupado para ser continuamente “produtivo”.

Dessa forma, percebe-se que a educação básica que estimula a reflexão e promove a emancipação do indivíduo é substituída gradualmente pela educação de formação profissional que estimula a falsa ideia de multitarefa e que promove a mecanização do indivíduo.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Edson José de Oliveira Júnior

NOTA:
44,5

A EDUCAÇÃO COMO UMA FORMA DE FORMAÇÃO DE CIDADÃO

Um homem não consegue lidar com a alta demanda do seu trabalho e ao mesmo dar atenção para sua família, como conviver com a esposa e prestigiar o crescimento dos filhos, então, ele compra um controle mágico que promete dar mais tempo para realizar suas múltiplas tarefas, mas acaba destruindo sua vida. A cena do filme “Click”, dialoga com o mundo atual em que o fenômeno da multitarefa imposto diretamente no cotidiano da população. Esse impacto, é perceptível nas relações de trabalho, através de cargos com muitas atribuições, bem como nas atividades de lazer, por meio das diversas opções que temos, como redes sociais, filmes e jogos tudo ao mesmo tempo. Assim, nossa atenção e dedicação é fragmentada em prol da quantidade e a multitarefa contribui para a diminuição da qualidade das atividades que realizamos, deixando a reflexão escassa.

No âmbito das atividades de lazer, saber aproveitar esses momentos e evitar a alienação se mostra muito importante na contemporaneidade, sendo uma das principais funções da pedagogia do ócio. Nesse contexto, segundo o filósofo helenista Epicuro, para se viver uma vida justa e saudável é preciso haver um equilíbrio tanto das ações, quanto das emoções. Logo, segundo a ética epicurista o excesso de trabalho e o excesso de ócio são prejudiciais. Diante disso, para termos uma vida ideal é necessário um equilíbrio entre as duas coisas que pode ser alcançado pela educação. O ensinamento de como administrar as atividades do nosso dia a dia é primordial, pois até o tempo livre pode se tornar um vício.

Além dessa função, a educação também se mostra essencial no processo de valorização da cultura e de manutenção dos costumes de um povo. Nesse processo, de acordo com o educador brasileiro Paulo Freire, a educação é uma das mais importantes ferramentas do homem, pois através dela se pode realizar grandes transformações sociais. Desse modo, quando a educação básica deixa de lado o uso abusivo de um ensino pragmático, buscando dar valor as práticas culturais tradicionais, como a língua, ela nos estimula a desenvolver um senso de coletividade, estimulando inclusive a formação de profissionais humanizados e mais preocupados com os interesses da sociedade no futuro, cumprindo o seu papel de transformação social com a exaltação de valores culturais.

Portanto, conclui-se que a ascensão da multitarefa modificou o meio do trabalho, com a superficialidade da atenção dada as atividades. Com isso, é preciso que a educação básica busque o ensino do equilíbrio das práticas de lazer e da valorização cultural, levando a manutenção dos costumes positivos intrínsecos de uma sociedade e a formação profissional crítica. Dessa forma, a reflexão é essencial para que não precisemos de um “controle” na nossa vida.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Julio César Siqueira Araujo

NOTA:
44,5

A EDUCAÇÃO NEOLIBERAL QUE CEGA

O educador brasileiro Paulo Freire defendia a reconfiguração do ensino para permitir que o cidadão socialmente oprimido pudesse enxergar a sua realidade e melhorar as suas condições de vida por meio da educação. No entanto, essa conjuntura freiriana está longe de ser realizada, pois a educação básica e a formação profissional estão subjugadas à perversa ordem neoliberal. Dessa forma, o ensino contemporâneo forma indivíduos para contribuir à lógica competitiva e produtivista do capitalismo e não permite que eles tomem consciência de sua realidade.

Nesse contexto, as escolas passam a refletir o mecanismo mercadológico. Nas instituições de ensino, então, educa-se o cidadão para que ele esteja alinhado a uma sociedade que lhe exige estar sempre disposto para tentar conquistar posições de prestígio e se destacar frente aos demais por ter se esforçado mais, se entregado mais e, acima de tudo, estudado mais. Assim, tal como no mundo marcado pelo neoliberalismo, os alunos tornam-se competidores entre si e, aqueles que mais se destacarem, mais assumirem tarefas para si e tirarem as notas mais altas, são considerados os exemplos, os modelos a serem seguidos, o que — ancorado a uma visão meritocrática — contribui para uma atmosfera violenta, em que o outro é sempre um adversário e quem não tem o mesmo desempenho do padrão é desumanizado, visto como menos apto e preparado. Logo, ao ser influenciada pelo mundo em que a competitividade impera em favor da produção, a escola deixa de ver o aluno como humano e ele se transforma em um instrumento produtivista.

Consequentemente, ao transformar as instituições de ensino em um espaço rígido de desempenho, com alunos competindo entre si, deixa de haver lugar para reflexões e trocas. A dureza de um organismo social tipicamente opressor não oferece as atividades e o ritmo adequados para os estudos, que devem permitir tempos para descanso e lazer, relações de amizade, debates saudáveis, respeito aos limites do estudante e trocas sinceras de conhecimento e vivências. Essa realidade, sob a perspectiva marxista, designa a escola como local ideológico, em que não há espaço para reflexão e não leva o indivíduo para fora de sua visão, que lhe foi imposta pela estrutura educacional. Nesse sentido, o cidadão é incapaz de desalienar-se para que possa entender novas visões de mundo e construir solidariedade.

Portanto, o ensino básico e profissional exerce função de formar indivíduos que estejam preparados para a insanidade do neoliberalismo, que vê o próximo como outro: um adversário a ser superado. Com isso, os estudantes não estabelecem relações e trocas, ficam cegos num mundo de desempenho, o que impede a concretização do que almejava Paulo Freire.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Laura Vieira Maia

NOTA:
44,5

NOVOS CAMINHOS

Durante alguns meses do ano de 2023, circulou pelas redes sociais um vídeo que comparava produtos ou atividades atuais aos seus semelhantes, a cerca de um século. Enquanto aparelhos tecnológicos e mercadorias haviam experienciado avanços significativos, a educação permanecia surpreendentemente simétrica entre ambos. Esse fato é resultado da sistematização desse processo educacional que necessita humanização para abranger aspectos vitais para o mercado de trabalho e vida em sociedade como habilidades multifocais e reflexivas.

O surgimento da filosofia também conhecida como “mãe das ciências”, na Grécia Antiga sucedeu-se devido à conjuntura de fatores diversos, dentre elas o ócio dos cidadãos helenos, que poderiam utilizar seu tempo livre para divagar sobre a vida, a natureza e o “cosmos”. Esse fenômeno, então, é responsável por uma gama de processos reflexivos geradores de conhecimento e inovação, por isso, deveria ser trabalhado nas escolas.

Sob outra perspectiva, há também a necessidade de desenvolver hábitos praticamente divergentes do anterior devido à demanda da comunidade laboral. Empresas contemporâneas almejam contratar profissionais multifacetados que promovam agilidade e aumento da produção por meio da realização de inúmeras tarefas simultâneas, habilidade que precisa ser aperfeiçoada para alcançar excelência. De acordo com a Neurociência, o cérebro humano possui alta capacidade multitarefa se treinado corretamente e a alta plasticidade neural até os dez anos de idade facilita exponencialmente esse processo durante a primeira infância, tornando a inserção dos educandários nessa etapa essencial.

No entanto, houve certa “taylorização” da educação a medida que foram padronizados os currículos escolares com horas e matérias pré-definidas para aulas nas quais os professores apenas expõe dados e conhecimentos aos alunos que, em sua maioria, participam passivamente na sala, em um processo quase alienador e que não promove desenvolvimento ou crescimento individual aos estudantes, uma vez que suas subjetividades são desconsideradas.

Portanto, faz-se necessária a disseminação de programas educacionais alternativos, já existente em algumas localidades limitadas e elitizadas, mais interativos e dinâmicos que possuam mecanismos de ensino diversificados com o intuito de abranger o extenso espectro de habilidades e ensinamentos que um educandário deve passar aos seus alunos para que possa haver a formação de jovens completamente preparados para viver em sociedade e exercer suas profissões.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Nathan Henrique Guimarães Pizeti

NOTA:
44,5

O PERVERSO MUNDO FORA DAS LINHAS CONSTITUCIONAIS

Bem como a Constituição Federal Brasileira, de 1988, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada 40 anos antes, assegura como direito básico de todo cidadão um horário de lazer destinado ao ócio criativo, período esse responsável pela reflexão crítica acerca da sociedade e cultura em que o indivíduo se encontra imerso. Todavia, fora das linhas constitucionais, evidencia-se uma perversa relação desproporcional outorgada pelos Estados capitalistas do século XXI, guiada pela lógica produtivista neoliberal, a qual preza pela integral dedicação dos cidadãos ao trabalho, executando inúmeras tarefas concomitantemente em detrimento de seu bem-estar e tempo livre. Torna-se nítido, desse modo, o progresso da sociedade pós moderna rumo à alienação e exploração pelo capital, fato esse inadmissível e que deve ser debatido.

Com efeito, vale ressaltar a influência da engrenagem capitalista diante uma população frágil e dependente da moeda para própria subsistência, o que abre margens para uma formação profissional automatizada e acrítica feita pelos detentores de maior poder social, tendo em vista que tal comportamento os favorecerão. Nessa perspectiva, o filósofo francês Michel Foucault, em sua obra "A microfísica do poder", destaca como as desiguais relações de poder influem sobre as comunidades, favorecendo a manipulação dos indivíduos de maior prestígio socioeconômico frente às pessoas vulneráveis. Tal perversidade encontra campo fértil na priorização de uma massa multiatarefada, sem tempo à reflexão própria de maneira crítica, cenário esse, instaurado culturalmente desde a infância na educação básica, haja vista a atenuação de possíveis movimentos revolucionários em um futuro profissional, fato que, infelizmente, fere a dignidade humana e a isonomia coletiva.

Por conseguinte, destaca-se a intensificação de distúrbios psicológicos que agravam a vida contemporânea, dificultando a resolução desse impasse estrutural, além de tornar os indivíduos cada vez mais passíveis de serem controlados, o que certamente conduz a sociedade ao caos. À vista disso, o ilustre filósofo Byung-Chul Han atesta em sua obra "A sociedade do cansaço", justamente, tal quadro nocivo da falta do ócio criativo pela reflexão diante uma lógica produtivista que preza pelo lucro ao invés do bem-estar coletivo. Com isso, ele explicita o significativo aumento de casos de "Burnout", caracterizados pelo excesso de estresse e fadiga mental frente à ausência de lazer. Logo, nota-se com evidência a necessidade da pedagogia do ócio, a fim de despertar a relevância do repouso, da distração e do divertimento, tendo em vista ser pouco explorada atualmente, o que, de fato, romperia com as correntes da alienação e submissão social.

Portanto, à luz dessa análise, conclui-se ser mister a reestruturação das relações de poder como medida essencial ao progresso saudável das nações capitalistas no mundo contemporâneo, por meio, por exemplo, de possíveis planos, metas ou ações públicas eficientes, que visam à promoção da importância do equilíbrio entre a execução de multitarefas produtivistas e a reflexão crítica à população. Tal cenário deve ser replanejado desde os primórdios da educação básica com o intuito primordial de preparar as crianças para um futuro profissional promissor, contrariando estatísticas atuais de uma piora cruel na saúde dos jovens em idade economicamente ativa. Feito isso, os Estados Nacionais estarão, certamente, caminhando rumo ao progresso humanitário conforme as linhas constitucionais dos Direitos Humanos.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Lucas Pereira Rocha

NOTA:
43

REFLEXÃO NA EDUCAÇÃO: NECESSIDADE E DESAFIO

O mundo moderno impõe à educação enormes desafios. Por um lado, as exigências do mercado de trabalho crescem na medida em que as tecnologias avançam, por outro, o desenvolvimento da inteligência social e da capacidade reflexiva dos estudantes urgem como habilidades necessárias em um mundo com múltiplas faces. Sendo assim, à tarefa pedagógica é embutida a necessidade de escolher entre dois caminhos: a formação profissional e seu caráter multitarefa ou a educação ampla, voltada para a reflexão e a apropriação de valores sociais e culturais.

Em princípio, é oportuno afirmar que a pressão sentida pela escola convencional para priorizar a educação profissional é resultado de uma ação coercitiva do sistema econômico vigente para a criação de mão-de-obra qualificada. Segundo Emile Durkheim, um dos pais da sociologia, certas formas de agir são fatos sociais, isto é, imposições sobre os indivíduos geradas por uma consciência coletiva forçada. Indubitavelmente, as escolhas educacionais refletem o quão entranhado está, na mente das pessoas, os valores capitalistas. Por isso, professores sentem-se, cada vez mais, compelidos a ensinar um conteúdo massificador, cujo teor ignora, por vezes, as críticas à modernidade e a produção da capacidade de discernimento nos alunos. Desse modo, produz-se uma alienação proposital quanto aos problemas e desafios da hodiernidade, principalmente com respeito aos desequilíbrios e injustiças geradas pelo sistema.

Contudo, a possibilidade de uma educação abrangente, comprometida em propiciar a autonomia e a busca de significados em meio à cultura, é bastante atraente. De acordo com Paulo Freire, a pedagogia deve ser libertadora e capaz de transformar a realidade social. Nessa perspectiva, reduzir o papel do educador a meramente preparar o aluno visando a uma profissão é um retrocesso. Considerando, ainda, os espectros do medo, da insegurança e da falta de vínculos sociais, características desse mundo tecnológico, conforme as teorias de Zygmunt Bauman e David Le Breton, torna-se obrigatória a valorização do ensino reflexivo, capaz de caracterizar as sutilezas e simbologias dos dilemas da sociedade, destoando do caráter técnico e profissional, desejo de muitos para a educação.

Em suma, diante das diversas pressões sobre os sistemas educacionais com relação às prioridades pedagógicas, o modelo cujo princípio seja o de amplificar as possibilidades de educação, voltando-se para os aspectos sociais e de reflexão, é o mais adequado para os desafios da modernidade. Todavia, as necessidades do mundo do capital continuarão a se impor. Dessa forma, tentar produzir uma educação mais humana e que desperte a consciência será uma missão continuamente mais desafiadora.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Rafaela Cerqueira Moreira

NOTA:
43

PRODUZO, LOGO EXISTO: A PRODUTIVIDADE EXCESSIVA EM DETRIMENTO DO PENSAR REFLEXIVO

O filósofo Immanuel Kant dissertou, dentre outras temáticas, a respeito do esclarecimento da razão humana, concluindo que a obtenção de conhecimento não é o bastante se não se for capaz de analisá-lo de maneira crítica, isto é, reflexiva. De mesmo modo, na contemporaneidade, há demasiado esforço para garantir a educação básica e o ensino profissionalizante à população jovem, a fim de inserí-la no modelo produtivo vigente, superestimando-se o conhecimento técnico e multitarefado. Contudo, o saber reflexivo é subestimado, quando se deveria equilibrá-lo à multitarefa. Tal desigualdade é resultado da produtividade exagerada imposta pelo capitalismo atual e implica em consequências sociais.

A priori, à luz dos conhecimentos do filósofo John Locke, entende-se que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Essa filosofia, contudo, ignora que o homem é um produto do meio selvagem, no qual reina a pulsão dionisíaca do instinto natural de sobrevivência. Dessa forma, a multitarefa é normal ao ser humano, desde seu papel caçador-coletor, em cujo conhecimento dos animais e plantas é essencial, a sua função como agricultor, que desenvolveu conhecimentos sobre meteorologia e ciclos temporais. Entretanto, a ascensão de um modelo produtivo que visa o acúmulo de capital sobre todas as coisas apela para um ideal de produtividade e de meritocracia, os quais geram uma "automanipulação" no qual o único objetivo de todas as atividades é o sucesso econômico. Sob essa óptica, essa corrente de pensamento distorce a função da educação na sociedade, direcionando-a ao desenvolvimento técnico e multitarefado, além da disciplina, tão contrária à reflexão.

Consequentemente, o cultivo do "eu" e do "nós" é praticamente ignorado. Ao cantar "Em meio à pobreza, como podes Mangueira cantar? Pois então saiba que não desejamos mais nada [...]" o sambista Cartola, em sua canção "Sala de Recepção" explicita a importância do ócio na comunidade, a qual mesmo em meio à pobreza, não hesita em comemorar. Isso ocorre porque a atividade ociosa permite o contato com as pessoas, com a cultura e com o meio, trazendo uma sensação de coletividade e pertencimento. Nesse sentido, práticas como a leitura e as brincadeiras infantis, quando integrantes na educação, estimulam o acesso à empatia e perspectivas distintas, o que, para Kant, são essenciais para a ética em sociedade, a qual refere-se à reflexão sobre o agir, de maneira que toda atitude deve ser contemplada como uma máxima universal.

É, portanto, inadmissível que a atitude reflexiva seja ignorada em detrimento do ensino técnico e profissionalizante, visto que ela é de suma importância para a convivência em sociedade ao permitir vivências diversas e a empatia com o outro. Logo, essa deve ser equiparada à educação básica e integrada a ela.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
41,5

O VÍCIO EM NOVIDADES EM OPOSIÇÃO AO ÓCIO

A sociedade ateniense da Grécia Antiga foi o berço da Filosofia e da democracia, fato causado pela presença e valorização do ócio. Enquanto isso, na idade contemporânea, os momentos ociosos tem sido substituídos pelo foco difuso — que é quando é necessário focar em múltiplos itens ao mesmo tempo —, produto da obrigação de ser multitarefas, e assim, a importância de dar tempo a reflexão é pouco a pouco perdida, já que, além de não ser praticada, ela também não é ensinada às futuras gerações. Dessa forma, é necessário observar como o excesso de atividades gera a escassez da contemplação e como a educação pode mudar esse cenário.

Sob essa ótica, é importante pontuar como a imposição da atenção em diversos fatores impede o indivíduo de contemplar o mundo ao seu redor e de que forma isso acontece desde a infância até a vida adulta. O avanço tecnológico causou um aumento exponencial na velocidade das informações e consequentemente, da necessidade constante de produção, assim, até os momentos que deveriam ser destinados ao descanso mental são interrompidos pelo abuso de redes sociais, geradores de descargas rápidas de dopamina. Dessa maneira, sempre atento a tudo e nunca focado em nada, o cérebro foi viciado em altas quantidades de estímulo, como exemplificado na música “Tudo está melhor do que parece”, que diz: “Será que eu fiquei viciado em novidades, agora o tédio me enlouqueceu?”. Por consequência, ocorre o desinteresse em ações do cotidiano que tem como base a paciência e o tédio e já que a reflexão é fruto desses momentos, ela está em extinção.

Ademais, outro ponto relevante é o papel da educação básica e da formação profissional como agentes da mudança. Segundo a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, o aprendizado deve ser libertador, isto é, além dos conteúdos a escola deve ensinar a pensar, nesse sentido, sua função é garantir que o indivíduo aprenda a refletir sobre a sociedade e encontre o equilíbrio entre ócio e produção. Entretanto, atualmente o próprio formato da educação impede esse equilíbrio, já que desde pequenas as crianças são inseridas em cronogramas prontos com atividades extracurriculares e deveres de casa excessivos, com o tempo para sequer brincarem. Diante disso, é possível afirmar que para que o ensino seja a cura desse mal que extingue o pensamento é necessário reformá-lo.

Infere-se, portanto, que a capacidade de ser multitarefa na contemporaneidade se relaciona com a dependência química em dopamina causada pelo excesso de informação e para que o tédio seja valorizado é necessário rever a própria educação básica e formação profissional. Com isso, a idade contemporânea poderá gerar tantos frutos quanto a civilização grega.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Maria Eduarda Souza Hespanhol

NOTA:
40

(RE)EDUCAR PARA A HUMANIDADE

Os smartphones são o símbolo do neoliberalismo no século XXI: por meio de um único aparelho, é possível trabalhar, conversar com amigos e acessar qualquer lugar — exceto a realidade. Essa lógica multitarefa, entretanto, não atinge apenas os celulares, mas todas as esferas da sociedade. Assim, diante da velocidade da internet, os humanos tentam atingir a mesma produtividade de uma máquina, seja nos estudos, no trabalho e até nos afetos. Todavia, esse ritmo não é natural e, ao ser ensinado, desde a escola, seus efeitos são, para além de adoecedores, politicamente perigosos. Afinal, em uma sociedade multitarefa, não há tempo para a reflexão crítica ou o questionamento, limitando o potencial criativo necessário à transformação e aos movimentos sociais.

Com efeito, a formação de cidadãos críticos, com saúde física, emocional e social, depende de tempo para o afeto e para o brincar, tanto por parte da família como da escola. Diante dessa lógica, surgem os colégios “Waldorf”, em que as crianças são privadas do acesso a celulares, em um modelo que prioriza, no lugar do conteúdo, o contato com a natureza, amigos e o ócio criativo. Essa técnica, apesar de comprovadamente eficiente, com efeitos positivos no aprendizado, é praticamente restrita a instituições privadas, de difícil acesso para a maioria da população. Assim, em uma realidade completamente oposta a essa, insere-se a proposta do Novo Ensino Médio, aplicada nos últimos anos às escolas públicas brasileiras. Nesse modelo, não há espaço para a reflexão, mas para a multitarefa: os chamados itinerários formativos priorizam uma suposta “educação para o mundo”, em que matérias como artes, sociologia e filosofia são substituídas por noções vazias de empreendedorismo ou pelo ensino técnico, por exemplo. Dessa forma, a ocupação integral dos alunos da rede pública esconde o principal objetivo desse projeto, que reside na alienação dos estudantes que, futuramente, serão obrigados a compor uma força de trabalho igualmente exausta, sem tempo ou energia para refletir.

Por conseguinte, tal modelo educacional serve à precarização do mundo do trabalho, já anunciado pelo neoliberalismo. Logo, segundo o sociólogo brasileiro Ricardo Antunes, vivemos o “Privilégio da Servidão”, visto que, diante da “uberização” e dos modelos de exploração digital, em que o trabalhador está, o tempo todo, submetido a ferramentas disciplinadoras, antes restritas ao chão de fábrica, adota-se, voluntariamente(ou não), a produtividade em tempo integral. Assim, a servidão infinita ao Capital limita e até elimina o tempo para o lazer, socialização ou consumo de arte-para além das produções massificadas que também servem à alienação — enfraquecendo, ainda, os laços afetivos e a coesão social. Como consequência, perde-se a esperança e condições necessárias para a mobilização em torno de movimentos sociais, de forma que os direitos mais básicos, como férias remuneradas e educação de qualidade, são perdidos enquanto a Humanidade concentra-se em atingir a produtividade de uma máquina.

Portanto, fica claro que a multitarefa, elemento central do capitalismo neoliberal, é um impasse para o ócio necessário à reflexão, ao questionamento e à transformação social. Assim, para romper com a servidão ao Capital, é urgente um novo modelo de educação, que prioriza o desenvolvimento de habilidades humanas — e não apenas produtivas.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Ana Julia de Souza Oliveira

NOTA:
38

A EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Na cena final do livro Campo Geral, o personagem Miguilim (,) ao colocar o óculos de um médico viajante (,) torna-se capaz de vislumbrar, pela primeira vez, a beleza ao redor por meio dos seus próprios olhos. O médico (,) admirado com o ocorrido (,) observa o grande potencial que o menino apresentava, então, propõe a Nhanina (mãe de Miguilim) para o levar consigo à cidade grande, onde o garoto teria acesso à educação básica. A mãe, alegre pela oportunidade a uma melhor condição de vida a seu filho, aceita a proposta. Analisando-se essa cena, nota a importância da educação básica e formação profissional para a construção de um cidadão capaz de desenvolver multitarefas e a reflexão.

A capacidade cognitiva, estruturada por meio da educação básica e pela formação profissional, de exercitar mais de uma tarefa de uma só vez é ambivalente. Percebe-se que por intermédio dessa técnica de atenção, cria-se a habilidade de observar múltiplas ações que estão ocorrendo no entorno. O que, por um lado, é positivo, haja vista que se estrutura no indivíduo a “potencialidade de fuga” (mecanismo orgânico do ser vivo de proteger-se em situações que ameacem sua sobrevivência), tornando hábil na manutenção de sua existência frente à alguma adversidade. No entanto, por outro lado, a multitarefa impede a quietude da mente, promovendo o surgimento, provável(mente), de doenças psíquicas. Tem-se, como exemplo disso, no âmbito da formação profissional a “síndrome do Burnout”, um conjunto de sintomas de esgotamento físico e mental do profissional, gerado pela competitividade, típica da sociedade trabalhista contemporânea, a qual estimula o indivíduo (a) constantemente estar buscando seu aperfeiçoamento profissional e possibilitando a sua quietude.

Sob outra análise, evidencia-se que a educação básica e a formação profissional tem como papel fundamental a estruturação da reflexão nos indivíduos. Essa habilidade cognitiva é de suma necessidade, porque é responsável por impedir casos de abuso entre os cidadãos. Segundo a filósofa Hannah Arendt, o emprego da reflexão crítica por cada pessoa impossibilita eventos desumanos, como o genocídio de judeus ocorrido durante o Nazismo. Faz-se claro, portanto, que o exercício da reflexão aprimora o indivíduo como ser humano, o qual é incapaz de ser alienado e manipulado por ideias amorais (que violam as diretrizes da Declaração dos Direitos Humanos).

Logo, percebe-se que a importância da educação básica e da formação profissional, pois estruturam no cidadão duas habilidades indispensáveis: multitarefa e a reflexão. A capacidade cognitiva de múltiplas tarefas apresenta duas faces: essencial para a sobrevivência do indivíduo; e atua como inibidora da quietude mental. Ademais, a reflexão impede a reprodução de tragédias, como o Hocausto.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Carolina Santos Guttman Bicho

NOTA:
38

EDUCAR PARA ALIENAR OU PARA ENSINAR A QUESTIONAR?

“Stop! / O mundo parou ou foi o automóvel?”, o poema “Cota-zero” de Carlos Drummond de Andrade aborda o apreço pela velocidade e tecnologia presentes no modo de vida neoliberal, o qual influencia todas as esferas da sociedade, inclusive a da educação. Nesse contexto, o meio tecnológico-informacional faz-se presente desde a educação básica até a formação profissional, as tornando um processo de produção padronizado marcado pelos valores capitalistas. Entretanto, contrário a essa ideologia, surge um movimento educacional que preza pela contemplação e formação crítica. Destarte, é estabelecida uma oposição entre o modelo educacional vigente, de multitarefa, e o vanguardista, de reflexão.

No que tange à padronização educacional, o modelo vigente é marcado pela formação de “corpos dóceis” que tanto valorizam as noções desiguais capitalistas quanto permitem a manutenção da subjugação realizada pelo grupo que detém o poder. Esse cenário é caracterizado pela utilização de ferramentas que permitem a manipulação populacional, como identificado na análise de “Plano-óptico” feita pelo filósofo Foucault, a escola é uma das instituições sociais que constituem tais ferramentas. Destarte, essa educação preza pelo ensino de habilidades de multitarefas, estabelecendo o individualismo assim como a superficialidade moral, de forma a constituir uma sociedade corrupta tal qual representada na vivência de Rubião em meio a capital na obra “Quincas Borba”, de Machado de Assis. Assim, percebe-se um desajuste ético dos cidadãos os quais são influenciados por um sistema educacional alienado como uma “Indústria Cultural”, estipulada pelos filósofos da Escola de Frankfurt.

Outrossim, o surgimento de uma pedagogia que valoriza a moral, a contemplação e a crítica põe em choque a realidade de manipulação educacional vigente, uma vez que estipula-se a formação de indivíduos capazes de questionar o “status quo”. Nesse contexto, valores árcades de “Carpe diem” presentes na obra “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga, ressurgem adaptados a atualidade como necessários para a competência da administração do tempo além da promoção da saúde física e mental. Ademais, valoriza-se uma educação que tanto estipula um ócio contemplativo quanto estabelece ferramentas para reflexão de forma a aumentar a visão de mundo por meio do amadurecimento presente na metáfora de ultrapassar a “miopia” causada pela alienação representada no desfecho do conto “Campo Geral”, de Guimarães Rosa. Dessa forma, infere-se a superação do perfil profissional pautado no mito da meritocracia por meio da consonância com o pensamento aristotélico de importância do ócio para a existência da reflexão crítica assim como do indivíduo político.

Em suma, a oposição entre a multitarefa pautada na manutenção do modo de vida neoliberal e a reflexão marcada pelo ócio contemplativo assim com o questionamento estabelece um retrato da competição de valores na sociedade capitalista. Dessa forma, é evidente que para combater a educação de “corpos dóceis” para a manipulação necessita-se da formação de indivíduos morais que questionem o “status quo”.

REDAÇÃO FUVEST 2024



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Pretos, Pardos e Indígenas - PPI

INGRESSANTE: Breno Cabral de Oliveira e Silva

NOTA:
50

A ACEITAÇÃO DA REGRESSÃO

No contexto neoliberal, é fato afirmar que a sociedade hodierna vive no Captaloceno, recente época terrestre, marcada pelo desenvolvimento do capitalismo como fator ponderante das configurações bióticas e abióticas atuais. E é exatamente nesse ponto que a doutrina mercadológica interfere no "muro entre a vida e suas relações externas", em que a mercantilização da educação coloca em xeque a face oculta do capitalismo, que é exposta, mas não vista. Diante disso, é observável o ensimesmamento do retrocesso que a educação contemporânea se encontra, com um método do século XIX, docentes do XX e alunos do XXI, que, todavia, não são alheios as multitarefas impostas, que extinguem os saberes populares e individuais, em prol de uma cultura universal, que torna o homem alienado, sem a possibilidade de reflexão e questionamento.

É válido pontuar, nesse sentido, o quanto a inserção do homem moderno no "espetáculo capitalista" tem fomentado a individualização do coletivo, de maneira predatória, em toda sua formação. No livro "Realismo capitalista", Mark Fisher, teórico inglês, ressalta a passiva aceitação da sociedade para com o capitalismo, a qual exonera outras doutrinas econômicas que não sejam este, o que, de fato, banaliza suas consequências e, tão pouco, suas raízes já inseridas. De modo análogo, o "aceitar" é fortemente construído ao eliminar o tempo livre do indivíduo, que possibilita o questionamento de sua configuração no corpo social, o que, todavia, enriquece o alienamento para manter as hierarquias sociais de classe, como quando, em discurso, o antigo Ministro da Educação disse que "a universidade não é para todos, e sim para poucos"; enaltecendo a polarização social, em detrimento da população marginal. Desse modo, aceitar passivamente as "vontades capitalistas" significa, portanto, manter o retrocesso educacional, ao mergulhar nas diversas tarefas por si impostas.

Ademais, à luz da "era da pós-verdade" - em que é aceito o que se deseja e o contrário é questionado, a reflexão torna-se um privilégio na realidade, que articula-se a partir dos mecanismos de doutrina, exonando os pensamentos alheios, ou que, como na Internet, fazem o indivíduo se manter na "bolha" que os algoritmos constroem diariamente. Na obra "Ignorância", Peter Burke, historiador britânico, analisa as principais formas do "não querer saber", tal qual a "ignorância coletiva", que possibilita a dominação de um grupo sobre o outro, o que, ironicamente, é visto na formação do indivíduo moderno, ao não receber validação de seus conhecimentos capitalistas, e sim o "saber" capitalista. Assim, a reflexão, nesse contexto, calca-se na égide monopolista da cultura capitalizada - geralmente eurocêntrica, que reflete na acentuada (des)integração do neoliberalismo, em prol do "universal".

Em síntese, na sociedade permeada pelo retrocesso educacional, a formação básica, tanto profissional quanto pessoal, pondera o pensamento individualista, ao mesmo tempo que exclui as transformações sociais que ressaltem uma cultura ou identidade.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Pretos, Pardos e Indígenas - PPI

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:
48

A ARTE DE DESEDUCAR

Paulo Freire elaborou um termo denominado “Educação Bancária” para se referir ao modelo de educação (n) o qual o professor transfere o conhecimento ao educando, da mesma forma que uma transação bancária é realizada. É evidente que o modelo pedagógico mais em voga nas escolas públicas e privadas é esse criticado pelo ilustre pedagogo. Não há tempo para a construção do conhecimento. Nesse sentido, a ideia insidiosa de que a educação tem de estimular comportamentos multitarefas em detrimento da reflexão é uma tentativa da classe dominante de manter o modelo educativo neoliberal na sociedade e impedir o fim desse regime.

De fato, sob a ótica do materialismo histórico e dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, o pensamento dominante de uma sociedade é o pensamento de sua classe dominante, que no neoliberalismo são as elites econômicas. Dessa forma, a classe dominante não está preocupada com o desenvolvimento intelectual das massas, a medida que essas são, infelizmente, consideradas apenas mão de obra para a obtenção de lucro. De modo alarmante, a classe dominante, que é capaz de controlar as medidas governamentais dentro do neoliberalismo, promove o estímulo de ensino técnico e o sucateamento de disciplinas que não encontram espaço dentro desse cruel regime, como o caso de filosofia e sociologia. O nomeado “Novo ensino médio” caracteriza bem esse cruel processo de descaso com a reflexão e estímulo ao ser multitarefas.

Além disso, o ócio precisa ser combatido de modo constante no neoliberalismo. Como já discutido, o neoliberalismo não se preocupa com a promoção da reflexão e do pensamento, a medida que isso não gera lucros dentro do capital. Entretanto, para além disso, o ócio é um veneno dentro desse regime, a medida que a tomada de consciência por parte da classe trabalhadora sobre seu papel, dentro desse triste sistema econômico, pode levar a uma revolução que altere a realidade material da sociedade, pondo fim ao poder das elites opressoras. Assim, a lógica do capital se mantém nas relações educativas, nas quais não há valorização dos conhecimentos ancestrais, ou que estimule o ato de brincar entre os mais jovens, sem que haja uma explicação técnico-científica de produtividade para isso. Não podemos permitir que os indivíduos sejam desumanizados e tratados como mercadorias, que quanto mais multitarefas, melhor.

Portanto, é notável que o sonho de Paulo Freire ainda está longe de ser alcançado, dado que a construção do conhecimento não é valorizada, e apenas os interesses da classe dominante são respeitados dentro do neoliberalismo, que são o lucro e despolitização das massas.

REDAÇÃO FUVEST 2024

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Pretos, Pardos e Indígenas - PPI

INGRESSANTE: Maria Francielly Myska Alves

NOTA:
40

A EDUCAÇÃO BANCÁRIA COMO ENTRAVE PARA A REFLEXÃO DOS ALUNOS

Em "Pedagogia do Oprimido", o pensador Paulo Freire critica a educação bancária, isto é, um sistema de ensino em que o conteúdo é passado do professor ao aluno de maneira mecânica, esperando do estudante apenas a reprodução do que é visto em sala de aula, sem questionar. Ao tomar como base tal concepção para a análise da educação básica no Brasil, pode-se inferir que o foco apenas na formação profissional, caracterizado pela multitarefa, inibe a reflexão, o que promove a formação de cidadãos sem pensamento crítico.

A educação, desde o ensino básico, tem o potencial de desenvolver a atenção plena, a autonomia e promover a socialização, através do convívio com os demais. Além disso, uma alfabetização com atividades de lazer entre as crianças facilita a coletividade e a humanização, o que auxilia na área profissional futuramente. Conforme Freire, na obra supracitada, a educação é mais efetiva quando aliada às experiências e ao cotidiano dos alunos, de modo que possibilita que o indivíduo tome consciência de sua realidade e transforme-a. Entretanto, a escola é direcionada unicamente na preparação para o mercado de trabalho, próprio do interesse capitalista, e exige que os estudantes foquem em várias disciplinas ao mesmo tempo, sem uma atenção plena a nenhuma delas, havendo apenas a memorização de conteúdos, que são facilmente esquecidos. Desse modo, não há priorização da reflexão e do poder de questionamento dentro do ensino.

Por conseguinte, perpetua-se a formação de cidadãos alienados e sem pensamento crítico. Como resultado, sobrevivem profissionais sem autonomia e prisioneiros de uma espécie de tutor no ambiente laboral. Segundo Immanuel Kant em seu texto "O que é o Esclarecimento?", a educação deve retirar o ser humano da menoridade, e que o indivíduo não tem pensamentos próprios e depende do outro, para colocá-lo na maioridade, caracterizada pela racionalidade. Logo, essa proposição contrasta com o que ocorre na contemporaneidade, visto que os estudantes ainda saem da escola sem desenvolver o poder de crítica e reflexão para aplicar em sua vida adulta e profissional.

Observa-se, portanto, que uma educação de qualidade é essencial para promover a criticidade e o questionamento. No entanto, um ensino cujo foco é o mercado de trabalho, esperando a reprodução de conteúdo por parte dos alunos, tal qual apresentado na tese freireana, e que coloca-os na posição multitarefa, impede o desenvolvimento da reflexão em sala de aula. Isso posto, concretiza-se a formação de indivíduos sem pensamento crítico e que permanecem na menoridade de Kant.

PROPOSTA DE REDAÇÃO ENEM 2023

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema:

DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DO TRABALHO DE CUIDADO REALIZADO PELA MULHER NO BRASIL,

apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade

O trabalho de cuidado é essencial para nossas sociedades e para a economia. Ele inclui o trabalho de cuidar de crianças, idosos e pessoas com doenças e deficiências físicas e mentais, bem como o trabalho doméstico diário que inclui cozinhar, limpar, lavar, consertar coisas e buscar água e lenha. Se ninguém investisse tempo, esforços e recursos nessas tarefas diárias essenciais, comunidades, locais de trabalho e economias inteiras ficariam estagnados. Em todo o mundo, o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago é desproporcionalmente assumido por mulheres e meninas em situação de pobreza, especialmente por aquelas que pertencem a grupos que, além da discriminação de gênero, sofrem preconceito em decorrência de sua raça, etnia, nacionalidade e sexualidade. As mulheres são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remuneradas.

Documento informativo - Tempo de Cuidar. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br>. Acesso em: 18 de jul. de 2023 (adaptado).

TEXTO II

Média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, por sexo

Brasil - 2019	
Sexo	Horas Semanais
Homens	11,0
Mulheres	21,4

Fonte: IBGE - Pnad contínua anual

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 de jul. 2023 (adaptado).

TEXTO III

A sociedade brasileira tem passado por inúmeras transformações sociais ao longo das últimas décadas. Entre elas, as percepções sociais a respeito dos valores e das convenções de gênero e a forma como mulheres têm se inserido na sociedade. Algumas permanências, porém, chamam a atenção, como a delegação quase que exclusiva às famílias - e, nestas, às mulheres - de atividades relacionadas à reprodução da vida e da sociedade, usualmente nominadas trabalho de cuidado.

Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br>. Acesso em: 24 maio 2023 (adaptado).

TEXTO IV



Capa da revista **Pesquisa**. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 23 maio 2023

ANÁLISE HPLUS DA PROPOSTA ENEM 2023



A proposta de redação da aplicação oficial do ENEM 2023 abordou uma questão que, principalmente durante e após a pandemia da Covid-19, ganhou muita relevância. Ao solicitar que os candidatos analisassem os “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”, o ENEM focalizou o fato de que o trabalho de cuidar (da casa, das crianças, dos idosos, dos doentes, etc) gera uma alta carga de responsabilidade sob as mulheres, é descredibilizado e isso gera desigualdades. A frase temática apresentou, portanto, diversos elementos a serem trabalhados na redação, visto que foi necessário debater as dificuldades que existem para o enfrentamento da invisibilidade desse trabalho de cuidado.

O texto I abordou o trabalho de cuidado como essencial para as sociedades e para a economia e trouxe os recortes de gênero e classe ao informar que as mulheres e meninas em situação de pobreza são a principal parcela a assumir tal tipo de ofício. Ao final do texto vemos a problematização da dupla jornada de trabalho exercida pelas mulheres, que são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remuneradas.

No texto II o fato das mulheres e meninas sofrerem mais intensamente com a carga de trabalho de cuidado é embasado com uma tabela do IBGE informando que o tempo semanal utilizado com afazeres domésticos e/ou tarefas de cuidado de pessoas é o dobro para as mulheres, que gastam em média 21,4 horas semanais para isso enquanto os homens gastam em média 11 horas semanais.

O texto III, por sua vez, deixou um pouco de lado as análises estatísticas e buscou possíveis causas da invisibilização do trabalho de cuidado delegado às mulheres. Vemos um breve panorama histórico considerando que mesmo após transformações sociais a respeito de convenções de gênero, alguns pensamentos retrógrados permanecem - como o fato do trabalho de cuidado ser entendido como responsabilidade quase exclusiva das mulheres. Assim, o texto sugere a possibilidade de argumentos que pensem as causas de maneira aprofundada ao analisar as características sociais que motivam a problemática em questão.

O último texto da coletânea aponta a necessidade de intervenção estatal na invisibilização do trabalho de cuidado. Vemos duas informações relevantes: o aumento no número de pessoas que demandam serviços de assistência e o fato de que no Brasil esse cuidado é delegado às famílias. Depreende-se, portanto, que a demanda por trabalho de cuidado aumentará e que cabe ao estado garantir que haja assistência às pessoas que precisarem, sem gerar desigualdades e sobrecarregar as mulheres.

Considerando todos os elementos da frase-tema (os desafios, a invisibilidade, o trabalho de cuidado, a mulher e o enfrentamento) e também as problemáticas apontadas pelos textos motivadores, foi possível que os candidatos compreendessem o tema e pensassem argumentos analisando as causas e as consequências da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher. Era possível trabalhar questões ligadas às crenças e percepções sociais de gênero, moldadas pelo patriarcalismo, e também abordar de maneira concreta as desigualdades que a problemática gera na vida cotidiana das mulheres, por exemplo.

REDAÇÃO ENEM 2023



MEDICINA
USP
CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: João Gabriel Gomes Nascimento

NOTA:
980

No conto “Maria”, do livro “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, autora brasileira contemporânea, a personagem que confere título à narrativa é extremamente explorada, com salários baixos e longas horas de serviço, durante o exercício de sua profissão como doméstica na casa de seu patrão. Fora da literatura, de maneira análoga à obra, a invisibilidade do trabalho de cuidados realizados pela mulher no Brasil figura como um mal social que carece de um enfrentamento mais eficiente pela sociedade. Assim, a fim de luxar possível medida para esse negativo contexto, convém analisar as necessidades de remuneração adequada e de superação de convenções estereotipadas de gênero, principais desafios associados ao combate eficaz à tal problemática.

Sob esse viés, a falta de pagamento digno a mulheres que realizam o trabalho de cuidado representa um grande entrave ao enfrentamento da invisibilidade associada a esse tipo de atividade. Nesse sentido, de acordo com dados do Instituto Cepam Brasil, tarefas mal pagas como cuidar de crianças, idosos e pessoas com deficiência física ou mental, são desproporcionalmente assumidas por indivíduos do sexo feminino, o que revela o uqão problemática e discriminante é a remuneração de serviços majoritariamente exercidos por cidadãs. Lê-se, pois, como contraditória a percepção de que no território brasileiro, onde foi promulgada a Constituição Federal de 1988, a qual prevê igualdade de gênero, bastantes mulheres recebam bem menos pelo cumprimento de seus ofícios como cuidadoras de diversos aspectos dos lares do país.

Ademais, os estigmas associados ao papel desempenhado por indivíduos do sexo feminino são outro desafio ao combate à invisibilidade do trabalho de cuidado exercido por cidadãs. Sob esse aspecto, no livro “Quarto do despejo”, de Carolina Maria de Jesus, é retratada uma nociva realidade na qual a autora, sem a ajuda de nenhuma figura parental, tem que cuidar sozinha dos seus três filhos bem como realizar todas as tarefas domésticas. De modo semelhante à narrativa, no cotidiano do país, muitas brasileiras são submetidas a convenções estereotipadas de gênero, as quais atribuem exclusivamente à figura da mulher a obrigação de educar as crianças e fazer as atividades relativas à casa, como cozinhar, lavar e passar. Desse modo, é inaceitável que numa nação dita democrática, a qual deveria prezar pela distribuição equânime de serviços ligados ao lar, pessoas do sexo oposto ao masculino assumam quase que exclusivamente esse papel.

Portanto, para que as ideias preconizadas pela carta magna brasileira se tornem medida prática, é fundamental maior mobilização social. Dessa forma, cabe ao Ministério da Educação, agente de transformação da sociedade, por meio de parcerias com ONGs relacionadas ao trabalho, institua programas de formação cidadã nas escolas, com a presença de palestrantes e pedagogos, que enfatizam a necessidade de divisão igualitária de tarefas domésticas nos lares, bem como fiscalizar se a remuneração de atividades como cuidado de crianças, idosos e deficientes está devidamente justa. Espera-se, com isso, o enfrentamento dos desafios dessa problemática no Brasil.

REDAÇÃO ENEM 2023

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Ana Carolina de Jesus Soares Freire

NOTA:
960

O livro “Olhos d’água”, escrito pela notória autora Conceição Evaristo, retrata, mediante diversos contos que representam a realidade laboral das mulheres marginalizadas, o pernicioso cenário de preconceito e de negligência em relação ao ofício doméstico feminino no Brasil. Assim como na obra literária, verifica-se, na conjuntura brasileira contemporânea, a persistência funesta de um paradigma de invisibilidade no que tange ao trabalho de cuidado realizado pelas mulheres — reflexo direto da inobservância estatal e do descomedimento social acerca de tal ofício no país.

Em uma abordagem inicial, é indubitável que a força motriz da problemática em questão está alicerçada na negligência governamental no que diz respeito à ocupação laboral doméstica feminina no cenário hodierno. Isso ocorre, pois, apesar das prerrogativas trabalhistas formais — como a carteira assinada — serem garantidas como um direito às trabalhadoras de cuidado na Carta Magna, verifica-se que a escassez institucional de políticas públicas e de métodos de fiscalização impedem a efetividade de tal norma, de modo a fomentar a persistência da informalidade e da ausência de direitos no ofício abordado — fato que impulsiona a invisibilidade de tal ocupação laboral. Nesse âmbito, vale destacar o conceito de “cidadania de papel”, que, engendrado pelo jornalista Gilberto Dimenstein, exprime a ineficiência intrínseca da legislação e dos aparatos jurídicos brasileiros no que diz respeito à plena garantia das prerrogativas sociais — tal como observado no paradigma de negligência ao trabalho de cuidado. Logo, é evidente que a inobservância estatal configura-se como um desafio no que tange à atenuação da mazela.

Outrossim, é de suma importância destacar o descomedimento social como um entrave para o enfrentamento da invisibilidade da ocupação laboral doméstica feminina. Isso decorre do cenário de amplo preconceito ao trabalho de cuidado no imaginário coletivo, uma vez que — como reflexo do machismo arraigado no meio social — o labor doméstico exercido por mulheres é considerado “inferior” na lógica interpessoal, de forma a impulsionar a manutenção da discriminação e da invisibilidade de tal labor no Brasil. Sob esse viés, vale destacar a noção de “violência simbólica”, a qual, desenvolvida por Pierre Bourdieu, expressa a constatação de que a construção cultural legítima o preconceito no meio coletivo. Desse modo, é indubitável que o descomedimento social atua como um desafio no que diz respeito à mitigação de tal problemática no país.

Posto isso, cabe ao Ministério do Trabalho — órgão responsável pela garantia dos direitos laborais da população —, por meio de novas políticas públicas, assegurar as prerrogativas trabalhistas no ofício doméstico, com o intuito de mitigar a conjuntura de invisibilidade do trabalho de cuidado executado por mulheres. Ademais, cabe ao Ministério Público, mediante campanhas de conscientização, desconstruir o preconceito social laboral feminino no meio coletivo.

REDAÇÃO ENEM 2023



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Anônimo

NOTA:

940

No período colonial brasileiro, a organização familiar patriarcal afirmava a centralidade do homem na sociedade, sendo que à mulher cabia os afazeres domésticos. Dessa forma, transpassando o tempo e o espaço, percebe-se que, atualmente, essa influência não foi completamente superada, uma vez que, infelizmente, o trabalho de cuidado ainda é visto como uma tarefa somente feminina por uma parte da população. Nesse prisma, destacam-se dois aspectos: a lenta mudança de mentalidade e a negligência estatal.

A princípio, sobre esse assunto, vale ressaltar a permanência da visão de mundo patriarcal. Nesse sentido, de acordo com o sociólogo Durkheim, o chamado "fato social" é a maneira coletiva de agir e de pensar, a qual é influenciada pelo convívio em comunidade. Sob esse viés, como essa mentalidade enquadra-se nesse conceito, é notório que se uma criança cresce em um ambiente marcado por ela, a tendência é que adote comportamentos de mesmo caráter reprovável, passando-a, pois, de geração em geração. Assim, na ausência de uma ação que mude esse contexto, a visão de mundo patriarcal é perpetuada, o que dificulta uma divisão mais igualitária dos cuidados entre homens e mulheres.

Outrossim, nota-se a ioperância governamental como fator agravante à temática. Nessa óptica, segundo o filósofo Rousseau, o Estado dever servir à vontade geral, de modo a garantir o bem-estar dos cidadãos. Contudo, percebe-se que o governo brasileiro contraria esse conceito, uma vez que ele é ausente no que tange ao labor de cuidado feito majoritariamente pela mulher. Desse modo, tal postura negligente é evidenciada pelo baixo estímulo estatal a essa discussão no meio social, visto que o silenciamento perante o problema dificulta sua resolução, pois ele permanece invisível para um maior contingente populacional. Logo, é preciso conscientizar as pessoas sobre esse cenário.

Portanto, entende-se que medidas eficazes são essenciais para mitigar esse contexto. Para isso, o Ministério da Educação - órgão responsável pelo planejamento do currículo escolar - deve educar os alunos a respeito do trabalho de cuidado, por meio da inserção desse conteúdo no ensino fundamental, a fim de promover uma divisão mais igualitária dessas tarefas entre homens e mulheres. Afinal, a partir da difusão dessa discussão, espera-se superar o pensamento patriarcal.

REDAÇÃO ENEM 2023

CORRIGIDA



MEDICINA
USP
CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Ampla Concorrência - AC

INGRESSANTE: Lucas da Costa Fustinoni

NOTA:
940

No livro “O Segundo Sexo”, a filósofa francesa Simone de Beauvoir descreve o processo de sujeição da mulher nas sociedades, alicerçado na concepção de um “Sexo Frágil”, que deveria, nesse sentido, dedicar-se aos afazeres domésticos. De maneira análoga à obra, percebe-se que, na contemporaneidade, os valores que associam ao público feminino o chamado trabalho de cuidado, o qual engloba as tarefas relativas à manutenção do lar e da família, ainda estão arraigados no ideário brasileiro, causando, assim, a invisibilidade desses grupos, posto que são entendidos como uma atribuição natural dessa parcela da população. Diante disso, faz-se imprescindível analisar os desafios para o enfrentamento da falta de notoriedade das referidas atividades, a citar a persistência de ideologias sexistas e a defasagem educacional no país, com o fito de mudar essa nefasta realidade.

Vale, a princípio, destacar que a manutenção do pensamento machista contribui, significativamente, para a invisibilidade do trabalho de cuidado protagonizado pela mulher. Isso porque, desde o Período Colonial, as tarefas domésticas, como cozinhar e zelar pelas crianças, eram incumbências inerentes ao público feminino, posto que esse grupo era considerado inferior do ponto de vista biológico e, por isso, seria inapto ao labor formal. A partir dessa conjuntura, nota-se que, apesar da desconstrução das narrativas de superioridade masculina e da inserção dessa porção do corpo civil no mercado de trabalho, os valores misóginos que compelem as mulheres à realização dos afazeres relativos ao lar não foram superados no ideário brasileiro, uma vez que elas ainda protagonizam o cuidado com a casa e com a família. Logo, é fundamental que a mídia, pelo seu amplo alcance social, coíba a perpetuação de concepções sexistas na sociedade.

Outrossim, é prudente ratificar que a educação brasileira possui um papel inerte na mitigação desse panorama problemático. Acerca disso, é válido relembrar o educador brasileiro Paulo Freire, que reiterava o papel das escolas de extrapolar a alçada do conhecimento científico, tornando-se, pois, catalisadores de melhorias sociais. Entretanto, o ensino formal, no Brasil, distancia-se da função idealizada por Freire, já que, em razão do seu teor conteudista, não promove discussões acerca das atividades desempenhadas por mulheres, no que concerne ao trabalho de cuidado, e das relações de gênero, visando desconstruir o ideal do “Sexo Frágil”. Dessa forma, os afazeres domésticos realizados pelo público feminino continuam sendo invisibilizados.

Portanto, é visível que os valores responsáveis pela atribuição do serviço doméstico à mulher estão calcados na mentalidade social brasileira, o que impede a visibilidade do trabalho de cuidado realizado por esse público. À vista disso, é fundamental que a mídia — instituição de grande influência na coletividade — promova, mediante publicações no meio digital, campanhas de sensibilização a respeito do machismo, com o intuito de extinguir tal pensamento do corpo social. Ademais, cabe às escolas promover debates abertos e palestras que tematizam o trabalho de cuidado exercido pelo grupo supracitado, com o propósito de conferir visibilidade a essa temática.

REDAÇÃO ENEM 2023

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública- EP

INGRESSANTE: Maria Gabriela Rodrigues

NOTA:
960

Para a socióloga marxista Silvia Federici, a criação do sistema capitalista só foi possível graças ao trabalho não remunerado feminino, ou seja, o capitalismo se concretizou a partir da reprodução e da manutenção da vida humana realizadas por mulheres em uma sociedade de classes estruturalmente machista. Nesse contexto, a misoginia (,) presente nas interações de um corpo social (,) permite que o trabalho de cuidado realizado majoritariamente por mulheres seja tanto desvalorizado (,) ao ponto de não ter valor monetário atribuído (,) quanto visto como obrigação somente do feminino; torna-se possível, dessa forma, a manutenção dessa estrutura predatória que só consegue existir graças a esse mesmo trabalho desvalorizado. No Brasil, essa sinalização é ampliada devido ao passado escravagista do país, assim, meninas e mulheres racializadas enfrentam, além do preconceito supracitado, também o racismo. Logo, os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho realizado pela mulher no Brasil partem ora da estrutura capitalista misógina, ora do passado colonial brasileiro.

Sob essa perspectiva, afirma-se que a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que deveria significar a libertação do feminino, ampliou as desigualdades de gênero no âmbito familiar. Segundo o instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a média de horas dedicadas ao cuidado de pessoas é o dobro para mulheres em relação aos homens, esse dado permite inferir que, além de trabalhadora, muitas vezes em período integral, a mulher também é mãe, filha e esposa, papéis sociais que trazem consigo seus próprios pesos e obrigações simbólicas. Nesse sentido, mesmo que seja um história incontestável do movimento feminista, a inserção das mulheres nos empregos não alterou as concepções de papel de gênero inseridas nas famílias brasileiras e, em uma sociedade capitalista propensa a crises e à desigualdade econômica (,) como a tipiniquim, faz com que essas mesmas mulheres sejam responsáveis tanto pela manutenção financeira quanto pela manutenção afetiva de suas casas. Nesse ínterim, o dia do eu feminino tornou-se dividido em atividades múltiplas que não são comportadas em 24 horas de forma saudável, como demonstra o dado do IBGE: enquanto a expectativa de vida do homem brasileiro continua a crescer, a da mulher aparenta estar estagnada pela primeira vez na história do Brasil.

Ademais, com uma sociedade constituída em preceitos escravagistas, o trabalho doméstico permanece tido como obrigação histórica da mulher preta. Em meados de 2010, o projeto de lei apelidado de "PEC das domésticas" foi alvo de críticas de patrões e empregadores, como demonstra a reportagem do jornal "O Globo", por equiparar o direito dos trabalhadores domésticas ao dos trabalhadores; infere-se, desse modo, que essa revolta de parcelas dos brasileiros é exemplo claro do desdém proveniente da sociedade civil em relação as mulheres que exercem tal função. Essa problemática se intensifica no contexto histórico da criação desse tipo de trabalho: mulheres negras escravizadas eram direcionadas para o trabalho dentro da casa do senhor de escravos, onde deveriam ser cozinheiras, babás e amas de leite sem compensação financeira. Assim, num Brasil que ainda carrega as marcas do seu passado, as domésticas, em maioria negras, são desvalorizadas.

É necessário, portanto, medida que pare a desvalorização com base em motivações estruturais do trabalho de cuidado no Brasil. Por isso, cabe ao Ministério do Trabalho, órgão responsável pela igualdade de direitos trabalhistas de todos os brasileiros, a criação de uma unidade de fiscalização de trabalho de cuidado, por meio da compensação financeiras de todas as mulheres lesadas economicamente pelo excesso de reprodução e manutenção da vida humana, a fim de evitar a perpetuação da desvalorização do trabalho feminino. Assim, tornar-se-á possível o reconhecimento da essencialidade da trabalhadora brasileira.

REDAÇÃO ENEM 2023



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escola Pública - EP

INGRESSANTE: Mayara Yumi Ikeda

NOTA:

920

Conforme visto no livro “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, a associação da mulher com os trabalhos de cuidados (trabalhos que consistiam em cuidar de vulneráveis como crianças e idosos e também trabalhos domésticos) teve origem no Brasil Colonial. Neste livro Freyre destaca a participação exclusivamente feminina nos afazeres domésticos, realizados pelas mucamas (mulheres escravizadas) e administrativos, realizadas pela senhora de engenho. Tal fato histórico é consequência do machismo, que também possui origens históricas, que podem ser exemplificadas pelos mitos de Pandora e Adão e Eva, em que a mulher que possui liberdade, traz o caos como consequência. Dessa forma, a crença machista na periculosidade feminina, contribui para a invisibilidade do trabalho de cuidados realizados pela mulher no Brasil, causando falta de representatividade feminina na sociedade.

Em primeiro lugar, a visão machista da mulher como agente que traz o caos é originada da ideia de que ela deve ser contida, geralmente no ambiente familiar e sob controle de um homem, com o intuito de manter a estabilidade da sociedade. Essa sociedade reproduz ditados como: “mulher no volante, perigo constante”, o que corrobora que a ideia de que o feminismo é perigoso e deve ser confinado continua presente. Dada a permanência da mulher no ambiente doméstico, é natural que as atividades sejam relacionadas a ele, serviços esses fora dos alvos da sociedade e não-remunerados.

Em segundo lugar, o trabalho de cuidados invisibilizado e “imposto” à mulher traz consequências como a falta de representatividade feminina na sociedade em setores como política por exemplo. Neste setor há baixa participação feminina na sociedade, onde o número de mulheres não chega a 30% do total de deputados. Portanto, existe a tendência de que o problema se perpetue caso não sejam tomadas medidas que deem voz à mulher.

Desse modo, é necessário desvincular a mulher do trabalho de cuidado, na esfera familiar. Cabe ao Governo Federal investir na construção de creches e casas de repouso, com o intuito de fornecer opções para a mulher e profissionais qualificados que exerçam o papel de cuidar, para que a mulher tenha a opção de atuar na esfera pública caso deseje. Somente assim a mulher terá maior participação como cidadã e terá seu trabalho valorizado.

REDAÇÃO ENEM 2023

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Pretos, Pardos e Indígenas - PPI

INGRESSANTE: Victor Gabriel Moreira de Araujo

NOTA:
960

No Brasil, o Artigo 1º da Constituição Federal delibera a garantia da cidadania e da integridade da pessoa humana como fundamento para a instituição do Estado Democrático de Direito, no qual deve se assegurar o bem-estar coletivo. No entanto, atualmente, essa premissa não é uma realidade para a totalidade dos cidadãos, haja vista os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidar realizado pela mulher no Brasil. Dessa maneira, é necessário se discutir sobre as causas dessa problemática sobre a ação estatal.

Acerca dessa lógica, a principal causa da invisibilidade das práticas da mulher é o preconceito constituído na estrutura da sociedade brasileira. Nesse contexto, de acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, para haver uma violência concreta subjaz uma violência simbólica. Desse modo, o conjunto de crenças e valores de que tarefas ligadas ao lar e ao apoio familiar devem ser exercidas por mulheres representa a inferiorização dessas pessoas, o que se reflete no estigma de que profissão como diarista (ou) cuidador de idosos são fáceis — logo, mal remunerado, — pois são majoritariamente realizados por indivíduos de gênero feminino. Destarte, o principal fator de desvalorização dos serviços prestados pelo grupo citado é o estigma social que o inferioriza, o qual deve ser combatido.

Outrossim, para que seja possível a valorização da tarefa laboral de cuidado exercido pela mulher é necessário, tendo em visto o preconceito social, que o Estado reconheça a sua importância. Com isso em mente, Marilena Chauí estabelece que uma sociedade, ao encarar a exclusão e a intolerância como atividades legítimas por parte de seus governantes, instiga a população a agir de modo cada vez mais hierarquizado. Com base nisso, a inserção social feminina na proclamação de seus direitos é historicamente um ato de luta, haja vista que a política brasileira excluía mulheres, pobres e outras minorias. Dessa forma, ainda hoje é precária a participação de figuras femininas em cargos de destaque, devendo o Estado desenvolver políticas públicas de redução de desigualdades de gênero no campo de trabalho público e político para que a sociedade se espelhe com essas ações.

Portanto, cabe ao Estado, responsável por assegurar os direitos individuais e coletivos, desenvolver políticas públicas, como ampliação de cotas de gênero em cargos políticos e construção de memórias de valorização da figura feminina, a fim de promover o enfrentamento das desigualdades de tratamento de trabalhos protagonizados por mulheres, principalmente os de cuidado. Assim, essa ação deve ser feita por meio de palestras políticas transmitidas nas mídias sociais, como televisão aberta, que pautem sobre o papel social da mulher, bem como de ampliação dos direitos e valorização dos salários de ocupais laborais como o serviço doméstico, cumprindo o descrito na Constituição.

PROPOSTA DE REDAÇÃO PROVÃO PAULISTA 2023

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa e apresentando proposta(s) de solução(ões), sobre o tema:

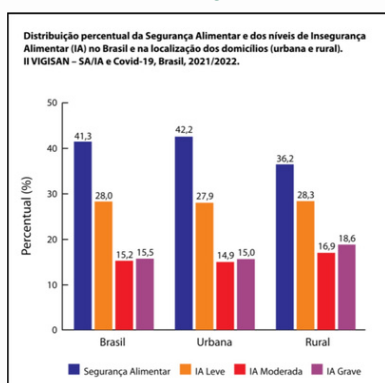
O COMBATE À FOME NO BRASIL: ENTRE A RESPONSABILIDADE DO ESTADO E A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

TEXTO I

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos... (...) Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. (...) Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: - Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. (...) ... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. (...) Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual - a fome!

(Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 30-32. Adaptado)

TEXTO II



Uma pesquisa divulgada em 2022 afirma que 33 milhões de pessoas estão em situação de insegurança alimentar grave no Brasil. Os dados foram levantados pela Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional). De acordo com o levantamento, mais da metade da população brasileira (58,7% ou cerca de 125,2 milhões) vive com algum tipo de insegurança alimentar (IA).

De acordo com a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, usada pela Rede Penssan, a insegurança alimentar ocorre quando a pessoa não tem acesso regular a alimentos e é dividida em 3 níveis:

- IA Leve - quando há preocupação ou incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro, além de queda na qualidade adequada dos alimentos para não comprometer a quantidade;
- IA Moderada - quando há redução quantitativa no consumo de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação;
- IA Grave - quando há ruptura nos padrões de alimentação, resultante da falta de alimentos entre todos os moradores do domicílio, incluindo crianças. Nessa situação as pessoas passam a conviver com a fome.

("33 milhões vivem insegurança alimentar grave no país, diz estudo". www.poder360.com.br, 08.12.2022. Adaptado)

TEXTO III

A produção global atual de alimentos é mais do que suficiente para suprir as necessidades calóricas de cada um dos 7 bilhões de indivíduos da população mundial. Mas há uma séria deficiência no sistema de distribuição dos recursos necessários para se ter acesso à alimentação, fenômeno que acontece principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Essa deficiência está, acima de tudo, na construção da estrutura social que é extremamente desigual. Assim, as populações pobres têm recursos financeiros muito reduzidos, o que limita a compra de alimentos para consumo. A oferta de alimentos, tanto em quantidade quanto em variedade, é dirigida aos centros urbanos, que é onde há mais indivíduos com boas condições de poder aquisitivo. Contudo, é nessas localidades onde mais acontece o desperdício desses produtos. De fato, esse é um fator que agrava o cenário da insegurança alimentar. Em 2016, das 4 bilhões de toneladas métricas de comida produzida no mundo, um terço foi desperdiçado (1,3 bilhões de toneladas métricas). Existem dois principais padrões de desperdício determinados de acordo com a situação econômica dos países. Nos desenvolvidos, o processo normalmente está relacionado à sociedade civil, pois acontece nas mãos do consumidor final, quando a comida já está pronta, mas ela não é totalmente consumida, gerando os "restos" que são jogados fora. Já nos países em desenvolvimento, o desperdício ocorre em diferentes etapas antes. O alimento também é perdido durante a produção, quando a colheita não é utilizada ou é perdida por conta das condições precárias de armazenagem ou pelos agricultores não possuírem meios suficientes para transportar sua produção até os pontos de distribuição para venda.

(Erika Rizzo. "Fome no mundo: causas e consequências". www.politize.com.br, 06.09.2017. Adaptado)

TEXTO IV

Embora seja relevante para combater a fome no Brasil, o assistencialismo imediato não substitui as políticas públicas a longo prazo, uma vez que a insegurança alimentar é um problema estrutural e não momentâneo. Além disso, as iniciativas particulares voltadas para ajudar os que passam fome podem tirar do Estado a responsabilidade de garantir a todos o direito à alimentação adequada. De acordo com a economista Tereza Campello, a insegurança alimentar precisa ser combatida, por exemplo, com o fortalecimento do salário mínimo, a geração de empregos formais, a execução de projetos de transferência de renda e a oferta de merenda escolar. A professora Maria Elisa Garavello, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, por sua vez, apontou os grupos de pessoas mais atingidas por esse problema - mães de família, pretos e pardos e a população rural. "O meio rural tem acesso à terra e ao mesmo tempo sofre de insegurança alimentar grave", descreveu o que classificou como "um paradoxo". Segundo a professora Thais Mauad, da Faculdade de Medicina da USP, não há como mapear ou quantificar a agricultura urbana, já que são várias as tipologias, desde o quintal de uma casa até uma horta comunitária, mas há inúmeros benefícios dessa prática, entre eles, a maior eficiência no suprimento de alimento, tanto na quantidade quanto na qualidade. A professora destaca que a agricultura urbana vem sendo utilizada por muitas pessoas para compor a renda e a própria alimentação.

(Moisés Dourado. "A fome não espera: são necessárias políticas públicas, além do assistencialismo". <https://jornal.usp.br>, 12.05.2021. Adaptado)

ANÁLISE HPLUS DA PROPOSTA DO PROVÃO 2023



A proposta de redação da edição 2023 do provão paulista nos trouxe uma boa mescla entre os padrões de cobrança exigidos pela redação do ENEM e pelas redações da banca Vunesp. Isso se deu por meio do comando apresentado pela prova e da frase-temática, assim, ao candidato foi solicitado um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa e apresentando proposta(s) de solução(ões), sobre o tema: O combate à fome no Brasil: entre a responsabilidade do Estado e a atuação da sociedade civil.

A frase temática apresenta como foco central a fome, exigindo um recorte nacional que enfatize o combate a tal mazela social. A necessidade do combate à fome precisaria ser analisada sob duas perspectivas: responsabilizar o Estado, que muitas vezes falha em garantir direitos básicos, e questionar também a atuação da sociedade civil. Esse último ponto permite que os candidatos reflitam e selecionem diferentes análises: a passividade social em não cobrar ações governamentais, o desperdício de alimentos, a atuação de coletivos, organizações não governamentais e iniciativas privadas que ajudam pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar e, claro, outras possibilidades argumentativas.

Os textos apresentados na coletânea são majoritariamente informativos e trazem um panorama concreto sobre a situação da fome no país. O texto I é um excerto da obra Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, e propõe uma análise social da fome pautada em um histórico de exclusão racial para mostrar que, ainda na sociedade contemporânea, a fome atua como opressão.

O texto II, por sua vez, apresenta um infográfico e a análise dos dados expostos por ele, informando sobre segurança e insegurança alimentar no Brasil e na localização dos domicílios urbanos e rurais. Vemos, além da explicação sobre os graus de insegurança alimentar, um recorte regional que nos mostra que a zona rural sofre mais intensamente com a insegurança alimentar grave.

Seguindo a análise, no texto III temos a problematização acerca da distribuição desigual de alimentos, com a informação de que a produção global atual é mais do que suficiente para suprir as necessidades calóricas de cada um dos 7 bilhões de indivíduos da população mundial. Assim, temos o questionamento acerca do capitalismo que faz com que as populações pobres não tenham acesso aos alimentos. Além disso, o texto de Erika Rizzo aborda a atuação da sociedade civil nos países desenvolvidos com o desperdício de alimentos e aponta que nos países em desenvolvimento o desperdício se dá majoritariamente durante a produção.

A coletânea é finalizada com a noção de que a fome demanda ações públicas de longo prazo, como o fortalecimento do salário mínimo, a geração de empregos formais, a execução de projetos de transferência de renda e a oferta de merenda escolar - com isso, o texto IV acaba por sugerir ações de intervenção que podem ser exploradas pelos candidatos. Há também, em diálogo com os textos I e II, a noção de que alguns grupos sociais são mais vulneráveis, como as mães de família, pretos e pardos e a população rural, resumindo o que foi apresentado anteriormente pela coletânea e sugerindo que possíveis ações considerem tais recortes.

Portanto, a coletânea apresentou aos candidatos análises aprofundadas sobre a problemática da fome, apontando recortes de raça, recortes regionais e problematizações acerca da distribuição de alimentos e da necessidade da atuação Estatal a longo prazo. Assim, considerando os textos e a frase-temática, foi possível compreender detalhadamente a proposta de redação para produzir argumentos acerca do tema.

REDAÇÃO PROVÃO PAULISTA 2023

CORRIGIDA



MEDICINA
USP

CLIQUE OU
ESCANEIE
E acesse o espelho
dessa redação!

MODALIDADE: Escolas Públicas Estaduais Paulistas

INGRESSANTE: Gabriel Oliveira

NOTA:

18,6

Em 1948, a Organização das Nações Unidas promulgou um dos documentos mais importantes do século XX: a Declaração dos Direitos Humanos, cujo conteúdo assegura a dignidade. Todavia, a recorrência da fome no Brasil mostra que o direito internacional não é respeitado na prática, o que representa grave problema. Com efeito, para solucionar o impasse, há de se combater o silenciamento social e a negligência estatal.

Diante desse cenário, a indiferença da sociedade contribui para a perpetuação da insegurança alimentar. Nesse sentido, Jean-Paul Sartre — expoente filosófico existencialista — entende que há um conceito conhecido como “Acomodação Social”, segundo o qual existem temas sociais que são banidos da discussão coletiva. Sob esse viés, embora o combate à fome seja um tema de extrema relevância, a sociedade civil brasileira não dá devida importância, haja vista a ausência de influenciadores digitais — indivíduos portadores de grande poder midiático — incentivando a realização de campanhas de doação de alimentos para a população em situação de insegurança alimentar, bem como a atribuição do status de invisibilidade aos indivíduos mais afetados pela fome no Brasil: os moradores de rua.

Outrossim, a omissão estatal corrobora o impasse. Nessa perspectiva, Norberto Bobbio — expoente filosófico político — afirma que as autoridades devem não só ofertar os benefícios da lei, como também garantir que a população usufrua deles na prática. Sob essa lógica de Bobbio, além de criar políticas que combatam a fome, o Estado brasileiro precisa também assegurar que a população em situação de insegurança alimentar vivencie tais medidas na realidade. Essa falta de iniciativa estatal é evidenciada pela ineficiência em relação à distribuição de renda, fator agravante da fome, bem como pela falta de incentivo econômico à agricultura familiar, que é responsável por grande parte da produção de alimentos no Brasil.

É urgente, portanto, que as escolas em parceria com o Ministério da Educação desenvolvam a empatia dos indivíduos, por meio de projetos pedagógicos, como palestras e ações comunitárias alertando acerca das mazelas da insegurança alimentar, bem como incentivando a população a atuar em campanhas de doação de alimentos. Essa iniciativa terá a finalidade de mobilizar o Estado a combater a fome e de garantir que o conceito de Bobbio seja, em breve, a realidade no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradecemos à paciência de todos os vestibulandos enquanto esperavam a divulgação dessa cartilha.

Nós também agradecemos a forte participação da turma 112 ao responder aos questionários de coleta de dados. Nesse sentido, decidimos colocar a seguir o nome de todos os integrantes da nossa turma:

AIXELA FERNANDES MENDES SILVA
ALEX GUAN
ALFREDO ROGERIO DIAS DALCOMUNI
ALICIA SONNESSO ALVES
ALINE PEREIRA DE ALMEIDA
ALISSON SANTOS PAIVA
AMANDA DREVIANE DA SILVA
AMANDA ROCHA MORAES RIBEIRO
AMELKA JURAS DE FARIA
ANA CAROLINA DE JESUS SOARES FREIRE
ANA HELENA MELO E SILVA
ANA JULIA ARRUDA DO NASCIMENTO
ANA JULIA DE SOUZA OLIVEIRA
ANA JULIA DOS REIS DELBONI
ANA LUISA GARCIA STERZA
ANDRE AUGUSTO DA SILVA BUENO FILHO
ANDRE BENEDITO DA COSTA
ANDRE VICIOLI DE ALMEIDA PINA
ANDRE VICTORIANO INACIO
ANISIO UCHOA LEITE SANTANA
ANNE BEATRIZ SOUZA DA SILVA
ARTHUR ANTONIO DOS SANTOS PRADO
ARTHUR PINHEIRO SILVEIRA FREITAS
ARTUR SILVA VAREJAO NASCIMENTO
BEATRIZ PIRES MENEGHETTI
BEATRIZ TIEMI MAZZER OKUYAMA
BIANCA GOMES DE ARAUJO
BRENO BARBOSA SANTOS DROIQUE PIMENTEL
BRENO CABRAL DE OLIVEIRA E SILVA
CAIO JOH MIRANDA
CAMILA PEDREIRA BARAUNA
CAROLINA SANTOS GUTTMANN BICHO
CAROLINE PINA SANTOS
CECILIA CORDEIRO QUINELLO
CESAR AUGUSTO MILANI CASTRO
DANIEL LIVIO ALENCAR CORDEIRO
DANILO BATISTA VIEIRA DE MELO
DAVI SIMOES MELO
DAYSE VITORIA DE BRITTO DOS SANTOS

DENIO THOMAS LEAL FERREIRA JUNIOR
DIEGO BRITO CAETITE
DIOGO BARROS CHENG
EDSON JOSE DE OLIVEIRA JUNIOR
EDUARDA DE PAULO COSTA
EDUARDO FERREIRA DA MOTA MOREIRA
EDUARDO HENRIQUE ALEXANDRE
EMANUELLA DE CASTRO LIMA
EVERTON RODRIGUES JUNIOR
FELIPE HELMER PEREIRA
FELIPE MAIER COUTINHO
FELIPE SOUSA VIEIRA
GABRIEL OLIVEIRA FERNANDES
GABRIEL QUINTEIRO SILVA
GABRIEL RIBEIRO GODOY RODRIGUES
GABRIELA CORDEIRO DE ALMEIDA
GABRIELA POMPOLINO SALMASO
GABRIELA RODRIGUES FAVILLA DE PAULA
GABRIELLY DOS ANJOS DE SOUZA
GIOVANA TUPINA SILVA
GIOVANNA ASSUNCAO CAVALCANTE
GIULIA GIOVANA GAIOLA
GUILHERME CLARA RUFINO
GUILHERME GOBO DOS SANTOS
GUSTAVO HENRIQUE DUZZI LIBANORI
GUSTAVO MARTINS SILVA
HELENA MIRANDA ROSA ALMEIDA
HENRIQUE BUZATTI MOTA
HENRIQUE SOUSA VIEGAS NAYLOR
HUMBERTO TALARICO GALENO CAVALCANTI
IGOR LOGAN ANIEL DE SOUZA
IGOR SOUSA MARTINS
ISABEL BLENDIA DE BRITO
ISABELA STIPE SAAD
ISABELLA CHAVES VAZ
ISABELLA GOUVEIA AGUIAR
JOAO GABRIEL GOMES NASCIMENTO
JOAO GUSTAVO DECARLI DAVID
JOAO PEDRO ALBUQUERQUE DAMASCENO

JOAO PEDRO RONQUI
JOAO PEDRO TECHELSK FASANARO
JOAO TOMAS DE CAMARGO SILVA
JOAO VICTOR RODRIGUES COSTA
JOAO VITOR BIANCALANA FERREIRA PERES CALIL
JOAQUIM DE MORAES PEREIRA
JOSE EDUARDO VIANA DE REZENDE MEIRA
JOSE FELIPE HIGINO ARAUJO
JULIA GONCALVES SILVA
JULIA RIBEIRO ROZENDO
JULIANA SOARES ALVES
JULIO CESAR SIQUEIRA ARAUJO
KAILANE LUZ SANTOS
KAIO MESQUITA DA SILVA
LAURA VIEIRA MAIA
LAYSE AMAZONAS SILVA
LEON SOUTO RODRIGUES
LEONARDO LIMA DOS SANTOS
LEONARDO MARIANI DA COSTA CRUZ
LEONARDO SALAZAR PORTES NAVARRO DE OLIVEIRA
LETICIA DE OLIVEIRA MELO
LIGIA GOMES COSSE
LIVIA KAWAMURA BERNARDI
LORENA APARECIDA PISCINATO PIEDADE ROSA
LUAN KOBAYASHI RANZINI
LUANA HELEN FERNANDES ROSA
LUCAS BARACAS FIGUEIREDO
LUCAS DA COSTA FUSTINONI
LUCAS HIDEKI MIYASHIRO
LUCAS MARTINS PEREIRA
LUCAS MATIAS DE ANDRADE
LUCAS PEREIRA ROCHA
LUCAS ZATTI DE SOUZA
LUCKAS HIROKI KAWAHARA
LUIZ HENRIQUE MARUTA KIM
LUIZA HONEGGER GOMES PEREIRA
LUIZA PINHEIRO COSSETTI
LUIZA ROSA FUSCO
LUNA CAVALCANTE ROCHA
MARCELO RIGO DOS SANTOS
MARCOS VINICIUS DE PAULA DE CASTRO MARINHO
MARCOS XAVIER SANTOS
MARIA EDUARDA ALMENARA MARICATO MARTINS
MARIA EDUARDA DE FREITAS CORNACHINI
MARIA EDUARDA SOUZA HESPANHOL
MARIA FERNANDA SILVA SOARES DE SIQUEIRA
MARIA FRANCIELLY MYSKA ALVES
MARIA GABRIELA RODRIGUES
MARIANA AGUIAR DE OLIVEIRA

MARIANA DE MIRANDA BARDUCCO
MARIANA MIKI CHIKASAWA
MARILIA VARELLA QUIRINO
MARINA ISADORA DE ANDRADE LEMOS
MARINA LUISA PONTES
MARIO GABRIEL GOMES FERREIRA
MATHEUS OLIVEIRA
MATHEUS NUNES CHAVES
MATHEUS STOLF EBERLE
MAURO RECHE TORRES NETO
MAYARA YUMI IKEDA
MELISSA MARTINS TEIXEIRA
MIGUEL RODRIGUES MOREIRA
MIRELLA LEE
NAILTON GAMA DE CASTRO
NATALIA GIULIANE BOLFE MINTO
NATHAN HENRIQUE GUIMARAES PIZETI
PAULO HENRIQUE SILVA AFFONSO CHRISTO
PEDRO AUGUSTO CASTELANI MANCANO
PEDRO DA CUNHA CALDAS
PEDRO GABRIEL SILVA
PEDRO GONCALVES BONETTI
PEDRO GUILHERME CORTEZ
PEDRO HENRIQUE FONTES LOEPS
PEDRO HENRIQUE PEREIRA MARTELLI
RAFAEL BALBI ARAUJO
RAFAEL BUOSI DE ALMEIDA HERNANDES
RAFAEL NUNES DAHER
RAFAEL VITOR DA SILVA SOUZA
RAFAELA CERQUEIRA MOREIRA
RAVANA SALES MACEDO
RICARDO CASTELLO STRIEDER
RODOLFO DE OLIVEIRA SILVA
RODRIGO DIOGENES MARTINS
RODRIGO HENRIQUE BRANQUINHO SILVEIRA
ROGERIO GONZALEZ MUCCIOLO
SAMUEL FERNANDES SALGADO
SARAH EMMELY FAZANARO
SOFIA CIPELE
THIAGO HYOSHI ALMEIDA FUJIOKA
THIAGO SANTIN PARUSSOLO
THOMAS CASCAIS NISTERENKO
VICTOR CARLOS LUZ DE OLIVEIRA
VICTOR GABRIEL MOREIRA DE ARAUJO
VITOR BATALHA DE CAMARGO
VITOR LUIS FERREIRA PAIVA
WALLISON PEREIRA NOBRE DE SAO LEAO
YASMIM IGNACIO DA SILVA

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradecemos especialmente às **DIRETORIAS DE 2024** das seguintes extensões:

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA OSWALDO CRUZ
CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ
JORNADA UNIVERSITÁRIA DE SAÚDE
ALIANÇA BÍBLICA UNIVERSITÁRIA
EXTENSÃO MÉDICA ACADÊMICA
DEPARTAMENTO CIENTÍFICO
EXPEDIÇÃO CIRÚRGICA
BANDEIRA CIENTÍFICA
FMUSP SOLIDÁRIA
IFMSA BRAZIL
MADALEGRIA
MEDICINA JR
MED DANÇA
MEDENSINA
MIMESIS
REMUSP
LIVRUSP

Além disso, agradecemos muito pela parceria e colaboração com a:
EQUIPE DE CORRETORES DE REDAÇÃO DO HPLUS

CRÉDITOS



ALEX GUAN
ORGANIZAÇÃO GERAL
@guan_alex



CAROL GUTTMANN
REDAÇÃO DE TEXTOS
@carolina_guttmann



JULIO CÉSAR
DESIGN E LAYOUT
@julio.cesar_siq



LUCAS MARTINS
ANÁLISE DE DADOS
@lucasp.martins04



PAULO HENRIQUE
FOTOGRAFIA
@paulohenriquechristo

TURMA 112
OBRIGADO!


MEDICINA
USP